POESIAS SELECTAS

NOS

DIVERSOS GENEROS DE COMPOSIÇÕES POETICAS

PARA A

LEITURA, RECITAÇÃO E ANALYSE GRAMMATICAL

E DE ESTYLO DOS POETAS PORTUGUEZES

NO 1.º, 2.º, 3.º E 5.º ANNO DO CURSO GERAL DOS LYCEUS

POR

HENRIQUE CARLOS MIDOSI

Bacharel Formado em Direito pela Universidade de Coimbra,
e Professor de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica na Secção Central
do Lyceu Nacional de Lisboa

QUINTA EDIÇÃO

Conforme a segunda, adoptada pelo Conselho Geral
de Instrucção Publica para servir de texto nas aulas de Instrucção Secundaria,
illustrada com notas explicativas

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1868

Na primeira edição da minha obra prometti corrigil-a e accrescental-a com explicações e notas, se ella fosse bem acceita. A falta de outro melhor fez talvez que o Conselho Geral de Instrucção Publica adoptasse este livro para servir de texto nas aulas de instrucção secundaria. Aproveitando bons conselhos de pessoas intendidas conservei a ordem que tinha seguido na 2.ª e 3.ª edições, dispuz os generos de poesia começando pelo mais simples e facil e terminando pelo mais elevado e difficil, graduando-os por esta fórma: Fabula, genero didactico, descriptivo, pastoril, epigrammatico, elegiaco, lyrico, epico e dramatico.

Imitando o Sr. Cardoso á frente de cada genero dei uma breve idéa de sua indole, especies, assumpto, versificação propria e estylo conveniente. N'esta edição accrescentei algumas notas explicativas, que dão uma resumida noticia das personagens historicas ou mythologicas e dos nomes geographicos, e a significação dos termos menos usados, que o texto contém.

Conservei a orthographia dos Logares Selectos, não

Apenas lhe parecia
  Ter feito já digestão,
  Eis prompta a comadre Ovelha
  Para a sanguinea funcção.
Se, vendo as prêas, não tinha
  O valor de arremetter,
  Ao menos depois de mortas,
  Nellas entrava a roer.
Contemplando o fero Mestre
  No pervertido animal
  Os progressos que fazia
  A sua eschola brutal,
De prazer e de vaidade
  Lhe pulava o coração,
  E tinha á sua educanda
  Cada vez mais affeição.
Mas um dia em que esfaimado
  Saíu com ella a caçar,
  Nem rasto do que buscava
  Pôde ao menos encontrar.
Montes, valles, bosques, tudo
  Farejou, subiu, correu;
  Em fim, só farto de vento,
  Na cova se recolheu.
Coseu-se á terra esfalfado,
  E depois que repousou,
  Para a debil companheira
  Os crueis olhos lançou.
«Que! (disse o máu lá comsigo)
  Não ha soffrimento egual!
  Hei de curtir esta angustia!
  E morrer por ser leal!
«A natureza me instiga,
  E devo dar-lhe attenção:
  Está primeiro que tudo
  A propria conservação.

«Tu, Virtude, és attributo
  Dos homens, dos racionaes:
  Não me pertences: eu sigo
  Meu instincto, e nada mais.»
Nisto, veloz como um raio,
  Co' a pobre Ovelha investiu,
  E logo dentes, e garras
  Nas entranhas lhe sumiu.
Com tremula voz pergunta
  Ao desleal a infeliz:
  «Porque me tiras a vida,
  Ingrato, que mal te fiz?
Que lei o rigor te ordena
  A que eu motivo não dei?»
  E elle sofrego responde:
  «Tenho fome, a fome é lei.»
D'esta arte cevando a furia,
  Não cessou de lacerar,
  E, antevendo alguma urgencia,
  Os ossos nús foi guardar.
Vêde, mortaes, neste exemplo,
  Exemplo chêo de horror,
  O que produz a alliança
  De um perverso, de um traidor.
Se os máus tiverdes por socios,
  Eu fico que os imiteis,
  E que lobos desta casta
  Ou cedo, ou tarde encontreis.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Lisboa 1853—Fabula 2.ª, T. 3.º, pag. 164.

A Raposa e as uvas

Contam, que certa Raposa
Andando muita esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.
De bom grado os trincaria;
Mas sem lhe poder chegar,
Disse: «Estam verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.»
Eis cai uma parra, quando
Proseguia o seu caminho,
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

O mesmo — Fabula 7.ª, traduzida de La Fontaine, pag. 176.

O Touro e o Leão

Vendo um Touro, que tragara
Torvo Leão certa rez,
Assim o increpa: «Essa triste,
Que mal, ó impio, te fez?
As garras em sangue ensopas,
Esmeras-te em fazer mal,
Manteres não podes a vida
Sem que pereça um mortal?
Toma exemplo em mim que pasto
As hervas, que os prados tem,
Que posso estear meus dias
Sem fazer mal a ninguem.»

«Ora o mundo está perdido:
Ninguem (lhe torna o Leão)
Vê a tranca nos seus olhos,
É bem certo este rifão.
Se para manter a vida
Sou dos viventes algoz,
Cumpro á risca uma lei dura,
Que a natureza me impoz.
De buscar a subsistencia
Temos justa obrigação:
Eu se mato é por manter-me,
Logo o que obro é com razão.
Mas tu que d'hervas te nutres,
Não precisas fazer mal,
Comtudo em teus paus cruentos
Dás fim a tanto mortal.
Reflecte, qual de nós ambos
Deve o nome de impio ter,
Se tu que matas por gosto,
Se eu, que mato por comer.»
Para increparmos os outros
Sempre buscamos razão,
Sem vermos que ás vezes somos
Peores do que elles são.

Composições Poeticas de Belchior Manuel Curvo Semmedo, entre os Arcades Belmiro Transtagano, Parte 1.ª, Lisboa 1803—Apologo 2.º, pag. 194.

O Tutinegro

O medio estylo tomando,
Qual Natura lho inspirava
Suave prazer causava
Tutinegro alegre, e brando.

Porém vendo mais louvado
Ao Rouxinol, exaspera,
E presumpçoso se esmera
Em ser qual o Orpheu alado. (1)
A copial-o se mette,
A voz natural depõi,
Vozea quanto compõi
N'um ridiculo falsete.
Em vez de applausos excita
Assobios vergonhosos,
Mais fortes, mais furiosos,
Quanto mais se esforça, e agita.
Não queiras audaz subir
Se a Natureza to impede:
Quem suas forças não mede
Está proximo a cair.

Apologos de João Vicente Pimentel Maldonado. Lisboa, 1820—Apologo 38.º, pag. 92.

A escolha da Aguia

Por dar algum descanso
Ás lides mil do imperio,
A altívola Rainha
Do vasto campo ethereo
Julgou que lhe convinha
Cortar por seu poder.
De quem lhe suppra as vezes
Fazer escolha intíma:
Eis nitido Pavão,
Que vã filaucia aníma,
Arfando em presumpção
Se vêi offerecer.

Grasnando, a Gralha o segue,
  E vis baldões aguenta:
  O mocho reservado,
  Piando, se apresenta:
  Abutre esfomeado,
  Raivando, alli vẽi ter.
Mil aves se atropellam
  No mais insano ardor:
  De varia voz, e tracto,
  De varia fórma e côr.
  Oh quanto sempre é grato
  Um grande cargo obter!
Ao longe o Rouxinol
  Modesto a voz levanta,
  E da Aguia as portentosas
  Acções descreve, e canta,
  E as lidas virtuosas
  Que cumpre aos Reis haver.
  Attentamente o escuta
  A próvida Imperante,
  O cantico a estremece,
  E leda e palpitante
  Exclama «Ah! quem merece
  «A ti preposto ser?
«Ó tu, que um trajo ignobil
  «Houveste da Natura,
  «Nas cores desprezado,
  «Mesquinho na figura,
  «Porém tam elevado
  «No espirito, e saber,
«Quanto nos raros dotes
  «Da condição amavel,
  «Mór gloria de Hymineu, (2)
  «Constante, puro, affavel,
  «Ah! vẽi do Throno meu
  «O resplendor fazer.

«E possa tal escolha
«O merito excitar,
«Da fervida ambição
«As tramas castigar,
«E um nobre coração
«De jubilos encher.»

O mesmo—Apologo 77.º, pag. 186.

A Raposa ensinando Philosophia

Quiz depois de estudo immenso,
A que dava noite, e dia,
Uma sã Philosophia
Velha Raposa ensinar.
Não dar aos vicios quartel
Altamente protestou,
De graça instruir jurou
Quem se quizesse emendar.
Prompta a ouvir os seus dictames
Vẽi a avarenta Formiga,
Se confessa muita amiga
De recolher, e não dar.
«Que prudencia! (Exclama, e ri-se
A fagueira Preceptora)
«Dissipar um crime fôra,
«É justo ao futuro olhar.
Chega a Cigarra, e se accusa
De importuna, e de ociosa:
«Minucias! (Diz a Raposa)
«Quando foi crime o cantar?
Apparece o Lobo, e a gula,
Que o devora, pranteou.
«Quanto és parvo! (Ella clamou)
«Queres á mingoa expirar?

Seguiu-se a Serpente, e narra
Seus ardis, e logo escuta:
«É virtude o ser astuta
«Com quem nos quer enganar.
O Tigre principiava
E a Raposa já se ouvia:
«Dos seres a demasia
«É necessario atalhar.
Não falta o Jumento, expõi
Do genio seu a vileza.
«Isso, amigo, é singeleza,
«É constancia singular.
Terminou desta maneira
A doutissima lição,
Levou grande defluxão,
Pois a deu exposta ao ar.
Põi-se de cama, empeora,
Pedir auxilio mandou
Aos que tam bem doutrinou,
Sem premio algum acceitar.
Diz a Avara «Eu temo os tempos,
«De mal a pêor vai tudo,
«Co' o que ha de vir não me illudo,
«Que hei de ter se esperdiçar?
A Cigarra, desatando
Uma tremenda chiada,
Bradou «Se o canto lhe agrada,
«Prestes a vou consolar.
Encetando um cordeirinho
Uiva o Lobo «Assaz não tenho.
Silva a Serpente «Oh que empenho
«Tem a Zorra em me lograr!
Brama o Tigre «E tanto importa
«De uma Raposa a existencia?
Zurra o Burro «Paciencia,
Soffrer tudo, e não ralhar.

Ficou paga a Mestra insigne;
Não houve na paga excesso:
É certissimo o successo,
E facil de commentar.

O mesmo — Apologo 99.º, pag. 242.

PARABOLA

Um Rei, que não escolhia
Os homens para o seu lado,
Que sem criterio elegia
Os seus Ministros d'Estado,
Foi passar ao campo um dia
Por afflicto, e por cansado
Das muitas queixas, que ouvia
Ao seu povo desgraçado:
Eis vê n'uma serrania
Dous zagaes, um, que tangia (3)
O seu rabel afinado, (4)
Respirando alma alegria;
Outro ancioso e magoado
Que os seus desastres carpia.
O Rei de os ver agitado
Perguntou ao desgraçado
A causa por que gemia?
«Senhor, diz o malfadado,
Ando em perpetua vigia
Do meu rebanho mingoado,
E apezar do meu cuidado
O voraz lobo á porfia
Mo tem ferido e roubado;
E aquelle, que descansado

Vive em suave apathia
Conserva todo o seu gado
Sem que o lobo esfomeado
Se quer lhe roube uma cria.»
Depois de o ter escutado
O Rei perguntou, que fado
Um tal contraste fazia:
Mas o outro pastor honrado
Respondeu com ufania:
«O meu rebanho anafado
É por destros cães guardado
Que lhe fazem companhia:
Mas este pastor coitado
Que assaz se cansa, e vigia
Tem máus cães, cães sem cuidado
Que ao rebanho desgarrado
Roubar deixam, sem porfia.»
Disse; e o Rei extasiado
Das expressões, que lhe ouvia,
Tirou como resultado
Desta curta allegoria,
Que da escolha procedia
Dos bons ou máus cães o estado
Dos dous rebanhos, que via;
Voltou á côrte avisado
E logo no mesmo dia
Aos máus, que tinha exaltado
Poz fóra da monarchia;
E escolheu para seu lado
Homens bons, de animo honrado,
Cujo merito fulgia.
E tirou em resultado
Ser feliz o seu reinado.

Composições Poeticas de Belchior Manuel Curvo Semmedo, entre os Arcades Belmiro Transtagano. Parte 4.ª Lisboa, 1835, pag. 79.

GENERO DIDACTICO

Poema didactico é o que tem por fim instruir, e tracta de communicar directamente conhecimentos uteis.

A poesia didactica póde dividir-se em tres especies: O Poema didascalico, as Epistolas e as Satyras.

O Poema didascalico tracta de um determinado assumpto com a devida regularidade, expondo uma doutrina scientifica ou discutindo um poncto de moral. O seu metro é o endecassyllabo, o seu estylo o medio.

As Epistolas dão preceitos soltos sobre varios assumptos, censurando indirectamente.

As Satyras criticam os extravios dos costumes publicos, ou os defeitos litterarios dos auctores, censurando directamente.

Em alguns dos nossos Poetas se encontram Epistolas e Satyras em quintilhas e quadras rimadas de redondilha maior; modernamente é mais usado o endecassyllabo solto ou rimado. Como estas composições poeticas requerem a familiaridade da conversação convem-lhes o estylo tenue.

ARTE POETICA E LINGUA PORTUGUEZA

II

Origem da lingua portugueza — Seu augmento — Perfeição Decadencia

Uma lingua tam dura como as armas
Que em nosso pro terçavam nas pelejas
Era a lingua dos Luzos valorosos
Antes que os claros lumes do alto Pindo (5)
Queimassem fezes godas e mouriscas (6)
Da tosca algaravia, que em seu seio
Lavrou até o seculo apurado
De João segundo, de Manuel ditoso.

Quem vendo em carcomidos pergaminhos
Foraes de goda-arabica escriptura, (7)
Dirá que elles descendem da elegancia
Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallámos muitos centos de annos? (8)
Que foi depois que as guerras e infortunios
Alagaram os predios de Minerva, (9)
Derribaram columnas de seu templo,
Rodaram na torrente os moveis sacros,
Deixando só ruinas mal cobertas
De apodrecidos limos e de abrolhos?
Então quebrou o fio precioso
Do collar de medalhas guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes,
Que atou depois com laço mal-seguro
O Freire, e ainda algum mais, mas raro e froxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro portuguez que inda restava;
E em lingua bruta oco-rimbomba ou freira, (10)
Nua de valentia, e de doçura,
Lardeada de ensôssos baixos termos,
Foi a classica lingua convertida.
Tal era a geringonça mais da moda,
Quando eu nasci, nos pulpitos gritada
E cantada nas nobres academias:
Quando ingenhos mais altos, indignados
Da fatal corrupção, a resurgiram
Das campas, do lethargo em que a pozeram
Balofos biltres, mazorraes syndapsos. (11)
Assim já d'antes em igual desastre,
Amparados das azas do monarcha,
Saiu um luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos lyceus da Europa
As sciencias da patria foragidas:
E quando a nós tornaram da colheita
Os novos Tullios, alta esp'rança lusa, (12)

Dando de mão ao godo-arabe enleio
Que desfêara as lusitanas fallas,
Co'ouro da grega lingua, e da latina
Deram brilho ao dizer: antes crearam
Uma lingua mais nobre, mais mimosa,
Digna dos nobres Genios que luziram
Nessa classica edade, e que nos deram
Os moldes da elegancia portugueza.
Elegancia que herdada a nós viera,
A não ser salteada no caminho
Por mãos facinorosas.—Quem nos veda
Tomar a antiga senda, para herdal-a
Nativa e pura e digna, qual trilharam,
Para creal-a, os nossos bons maiores?

III

Estudo da lingua—Exemplo das nações extrangeiras—E principalmente da franceza que tam tontamente imitam os tarellos

Sáiam dos muros da ferrenha patria
Quantos desprezam os facundos sabios
Que a lingua lhes legaram generosos,
E verão povoados os lyceus
Das extranhas nações na douta Europa,
De illustres Bispos, de anciões consultos,
De polida nobreza, e até das damas,
Que a natureza fez tam ingenhosas,
Tam valídas das musas, qual de Venus;
Todos pendentes das discretas vozes
Com que um lente mui primo dá realce
Ás bellezas dos classicos antigos,
Aqui notando a concizão da phraze
Que o lucido «sublime» em breve engaste
Cerra e compõi; alli a formosura
Da caudal eloquencia que transborda
Por floridos jardins, verdes ribeiras,

Ah! se eu podesse ver na Elysia minha, (13)
Sequiosa de saber, francos e abertos
Tantos porticos de artes, de sciencias,
Como não levantara ella a aurea frente
Entre tantas nações que a só conhecem
Por ter dobrado o horrendo promontorio,
Por um antigo brado de conquistas?

Fallam no bom Camões alguns Francezes,
Que o leram traduzido em prosa ensôssa;
Mas rejeitam de o ler na lusa lingua,
Que apenas paga o custo de aprendel-a
Com ler um só Camões: tam pouco apreço
Lhe dão de si os novos escriptores!
Não fôra assim, se nós mais cuidadosos
Déssemos mór valia á nossa lingua,
Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a
Com cabedaes de Urania, Clio, e Erato: (14)
Que assim se fez no mundo conhecida
A lingua grega; e o Lacio, que pretende (15)
Emulal-a, seguiu o mesmo trilho:
Seguiu-o a Hespanha, a França, co'a Toscana;
E até as boreaes nações o seguem. (16)
Nós prezamos tam pouco a nossa lingua,
Que tam sómente as outras apprendemos,
Em desar da nativa; e a ser-nos dado,
Na franceza escreveramos, fallaramos,
Como já na hespanhola, por lisonja,
E por louca vaidade, compozemos!

Amor da patria sopra em mim despeitos
De a ver por filhos seus pouco abonada.
Ah! patria muito ingrata e muito amada,
Ah! que eu, se em ti soubera as boas letras
Mais versadas, mais publico o bom gosto,
Deste encargo de encommendar leitura

Dos nossos bons auctores, me esquivara.

. . . .

Um Francez que ouve um lente venerando
Tractar com mão devota os sabios livros
De Fenelon, Racine, quando explica
Seus ornados conceitos, não desdenha,
Não moteja do auctor que lhe dá fama
Nos arredados climas, nem do alumno
Que caminhando ao templo da Memoria
Leva por foros, leva por serviços
A nobre imitação de bons modelos,
E na phraze imitada o cunho antigo.

Assim o estatuario cuidadoso,
Se encarregado da sublime face
D'um Rei virtuoso, Deus de seu bom povo,
Deseja entre os Myrons e os Praxiteles (17)
Ter logar na custosa eternidade,
Dos Myrons e dos Phidias tira os rasgos (18)
Das bizarras feições, das attitudes;
Até das roupas imitando as pregas,
Aqui descobre, alli apanha ou sólta,
E transladando á pedra o concebido
Typo de fórmas conhecidas na arte,
Compõi um todo a si só comparavel,
Gosto de mestres, e do alumno gloria.

Taes eram approvadas e bemquistas,
Por nobre imitação de almos traslados,
Do pindarico Elpino as cultas odes; (19)
E a facundia bebida nos antigos
Que vertia o Garção nos seus poemas,
Quando na Arcadia outr'ora os escutava (20)
De atilados varões o extreme ouvido.

VI

Necessidade de estudar a propria lingua sobre todas as outras.—Thesouros donde tirar antigos termos, os classicos portuguezes.—Origem donde derivar os novos, os latinos e os gregos.

. . . .
. . . .

Como? Em cadoz de ingrato esquecimento
Deixarmos a linguagem que nos serve
Em tractar os negocios, as usanças
Desta vida civil, rasões de estado
C'os nossos conterraneos, c'os amigos,
Em dar pasto co'as damas ás mais puras
Mais brandas affeições do animo humano,
Para dar todo o estudo a extranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro
A portuguezes que intender-nos cabe.
E se expertos me arguem os peraltas,
Que as riquezas vocaes que assim pretendo
Introduzir empecem á clareza
Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes
Não póde subito abranger o senso
Das vozes classicas, remotas do uso,
Das novas, das latinas, das compostas,
Mui pachorrento e concho lhes respondo,
Que as que hoje estam em uso foram novas
Tam difficeis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem intendidas.
. . . .

Como em limpida fonte, em nossos mestres
Do seculo das lettras lusitanas,
E nas paginas ferteis dos latinos
Tomem linguagem pura os bons ingenhos

Que a colher palmas de eloqüencia lusa
Inclinam seu proposito e porfia:
Ou já no foro os animos consultos
Queiram mover a compaixão piedosa
Do reu mal arguido ou mal defeso;
Ou da verdade na cadeira anceiem
Soltar as pandas velas da facundia
Em assumptos moraes ou já sagrados.

Os exemplares puros com nocturna,
Diurna mão por vós sejam versados,
Por vós poetas que quereis no Pindo
Conquistar os favores das Camenas. (21)
Se desprezais dos classicos o estudo
Sereis dos sabios lusos desprezados.
Oh! que é desdouro um vate alçar as vozes
Promettedoras de altaneiro assumpto
Ante o povo apinhado, e ser mesquinho
No arrojo, na affluencia das pinturas
Com que anhela estofar o seu discurso,
Por falta de eloquentes vivas côres
Que só dão as palavras preciosas
Cavadas nos bons mestres ou tiradas
Do riquissimo erario dos latinos.

. . . .

. . . .

X

Methodo de estudar a lingua.—Classicos; Vieira; Lucena; Bernardes; Ferreira; Brito; e Jacintho Freire

Se queremos achar abertas vêas,
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos escriptores,

No Lacio e Achaia, que inda nos convidam (22)
C'o largo aberto seio a ser ricassos.
E se a ruim preguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios, —
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O producto das minas já cavado
Limpo de fezes, chrysolado e puro,
Nos Paivas, nos Lucenas, Britos, Barros.

Entre abobadas longas, intrincadas,
Labyrinthos reconcavos e escusos
De conceitos agudos predicaveis,
De bastardo saber, de ingenho vesgo,
Ha por cantos escuros, por desvios
De sermões requintados do Vieira,
Desprezados torrões de ouro encoberto,
Que enriquecer mil paginas poderam
Por artifices mãos melhor lavrados.

Tem Lucena capitulos tão chêos
De lusa preciosissima abastança,
Em phraze e termos escolhida e nobre!...

Em seu fluido estylo vai Bernardes
Serpeando manso e manso até que mana
Dos ouvidos nas intimas entranhas,
Qual vai claro ribeiro crystalino
Debruçando-se puro e saudoso
Debaixo de inquietas avelleiras,
Por entre hervosos valles sempre verdes;
Té que ao largo se extende em lisa mesa
Espelho e ás vezes banho das serranas.

De Barros que direi? que os extrangeiros
Não digam mais do que eu? que delle fallam
Com mór respeito que fallar usamos.

Ferreira, Brito, Sousa, Arraes e Pinto
Só lhes faltou nascer em terra extranha
Para altamente serem conhecidos,
E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvera ser, cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua lusa,
O mui diserto Freire, ultima c'roa
Das nossas litterarias conquistas;
Fiel historiador, sempre eloquente,
Sempre Plinio, e mil vezes com vantagens. (23)
Quanto não ganharia a patria honrada,
Não ganharia a lingua portugueza,
E os egregios heroes, se cada Cesar, (24)
Cada Fabricio, Regulo ou Camillo, (25)
Que deu a lusa terra, conseguisse
Um Freire que lhes désse alto renome
Por obras, por virtudes conquistado?
Tem senões!—E que auctor é delles limpo!
Não dormitou Homero? O bom Virgilio,
Indignado das maculas da Eneida,
Não mandava de novo queimar Troia? (26)
Se ás musas não vedara o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apollo as saudades? (27)
Pollião não imputa a maravilha,
Que íam alem de Roma, curiosas,
Ás gentes ver, defeito patavino. (28)

XVI

Gallicismos

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas;

(Não cesso de o dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phraze extrangeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afêa
O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez haja formosas
Expressões curtas, phrazes elegantes:
Mas indoles diff'rentes tem as linguas:
Nem toda a phraze a toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

. . . .

. . . .

Se por força de fado, ou por penuria
Forçados somos a espremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;
Se como na paléstra empoeirada
Vamos luctar contra a ignorancia bruta
No gymnasio francez, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sairem
Do pugilato ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (que, alli perto, com sereno (29)
Passeio, alegra as margens estudiosas)
Os corpos asseiavam diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver francez volume,

Desempoar-se da extrangeira phraze
C'o espanador de Barros ou Vieira.

Francisco Manuel do Nascimento — Parnaso Lusitano.
París, 1826 — T. 1.º, pag. 73.

A EL-REI D. JOÃO III

Rei de muitos Reis, se um dia,
Se uma hora só mal me atrevo
Occupar-vos, mal faria,
E ao bem commum não teria
Os respeitos, que ter devo.
Que em outras partes da esphera,
Em outros Ceos differentes,
Que Deus té-gora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vossos mandados espera.
Que sois vós tal, qu'elles sós,
Justo e poderoso Rei,
Ou lhes desdais os seus nós,
Ou cortais, porque entre nós
Vós sois nossa viva lei.
Onde ha homens ha cubiça,
Cá e lá tudo ella empeça,
Se a sancta, se egual justiça
Não corta, ou não desempeça
O que a má malicia enliça.
Senhor, que é muito atrevida,
E onde ella nós cégos deu,
Cortar é cousa devida,
Exemplo o jugo de Mida, (30)
Que El-Rei vosso avô fez seu.

Ora eu, que respeito havendo
Ao tempo, mais que ao estylo,
Irei fugindo ao que intendo,
Farei como os cães do Nilo,
Que correm, e vão bebendo.
  A dignidade real,
Que o mundo a direito tem,
Sem ella ter-se-hia mal,
É sagrada, e não leal
Quem limpo ante ella não vẽi.
  Não fallemos nos tyrannos,
Fallemos nos Reis ungidos,
Remedeiam nossos damnos,
Soccorrem os affligidos,
Cortam pelos máus enganos.
  As vossas velas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão,
Gente d'outro algum Rei solta,
Sem cabeça o corpo é vão.
  Dignidade alta e suprema
Quem ha que a não reconheça?
Viu-se em Marco Antonio thema (31)
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.
  Que o nome de Imperador
D'antes a Cesar se dera
Sem suspeita, e sem temor,
Que inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.
  Um Rei ao reino convem,
Vemos que alumia o mundo
Um sol, um Deus o sustem,
Certa a quéda, e o fim tem
O reino onde ha Rei segundo.

Não ao sabor das orelhas,
Arenga estudada e branda,
Abastam as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.
   A tempo o bom Rei perdoa,
A tempo o ferro é mezinha, (32)
Forças e condição boa
Deram ao leão coroa
Da sua grei montezinha.
   Ás aves, tamanho bando
D'outra liga e d'outra lei,
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rei,
Que ao sol claro atura olhando.
   Quanto que sempre guardou
David lealdade e fé
A Saul, quanto o chorou,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé! (33)
   Onde caira o escudo
Do seu Rei, inda que imigo,
Inda que já mal sisudo
Saindo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.
   O senhor da natureza,
De quem Ceo e terra é cheia,
Vindo a esta nossa baixeza,
Do real sangue se preza:
Por Rei na cruz se nomeia.
   Sobre obrigações tamanhas
Velem-se comtudo os Reis,
Dos rostros falsos, das manhas
Com que lhe querem das leis
Fazer teias das aranhas.

Que se não póde fazer,
Por arte, por força ou graça,
Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamam poder,
Salvo ao que lhes val na praça.
E por muito que os reis olhem,
Vão por fóra mil inchaços,
Que ante vós, senhor, se encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.
Quem graça ante El-Rei alcança,
E hi falla o que não deve,
Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra bebe.
Quem joga, onde engano vai,
Em vão corre e torna atrás,
Em vão sobre a face cái,
Mal hajam as manhas más
D'onde tanto engano sái!
Homem de um só parecer,
D'um só rostro, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Elle tudo póde ser,
Mas de côrte homem não é.
Gracejar ouço de cá
De quem vai inteiro e são,
Nem se contrafaz mais lá,
Como este vẽi aldeão,
Que cortezão tornará.
As sanctidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
C'os quaes este, e aquelle caça,
Para Deus, senhor, é graça,
Para nós tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos,
Póde ser, não póde ser,
Mais deante o intenderemos;
Agora mortos por vêr,
Então todos nos veremos.
Senhor, hei-vos de fallar
(Vossa mansidão me esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andam para vos tomar
Por manhas que não por força.
Por minas trazem suas azes (34)
Os rostros de tintureiros,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fóra mansos cordeiros,
De dentro lobos roazes.
Tudo seu remedio tem,
E que é assim bem o sabeis,
E ao remedio tambem;
Querei-los conhecer bem,
No fructo os conhecereis.
Obras, que palavras não,
Porém, senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão,
Tresmalham-se-vos os fructos,
Que não sabeis cujos são.
Um que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde;
O damno longe se extende,
Aquelle a quem doe o intende,
Com só suspiros responde.
A vida desapparece,
E entre tanto geme e jaz
O que caiu, e acontece,
Que d'um mal, que se lhe faz,
Outro mór se lhe recrece.

Pena e galardão egual,
O mundo a direito tem,
A uma regra geral,
Que a pena se deve ao mal,
E o galardão ao bem.
Se alguma hora aconteceu
Na paz muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeu,
Faz-se engano ás leis da terra,
Nunca se faz ás do Ceo.
Entre os Lombardos havia
Lei escripta e lei usada,
Como se sabe hoje em dia,
Que onde a prova fallecia,
Que o provasse a espada.
Alli no campo ás singelas,
Em fim morrer ou vencer,
Fosse qual quizesse dellas,
Não era melhor morrer
A ferro, que de cautelas?
Ao nosso alto e excellente
Dom Diniz, Rei tam louvado,
Tam justo, a Deus tam temente,
Falsa e maliciosamente,
Foi grande aleive assacado. (35)
Elle posto em tal perigo,
Rei que Reis fez e desfez,
Contra o malicioso imigo,
Foi-lhe forçado esta vez
Chamar-se a esta lei que digo.
E junctamente ás cidades
A quem cumpriu de acudir,
Pelas suas lealdades,
Que tam más são as verdades,
Ás vezes de descobrir!

Neste tempo quem mal cái,
Mal jaz, e dizem que á luz
Por tempo a verdade sái:
Entre tanto põem na cruz
O justo, o ladrão se vai.
Da mesma casa real,
Em verdade um grande Infante (36)
Tractado ás escuras mal,
Bradava por campo egual,
E imigos claros deante.
Em fim vendo a industria e arte
Quanto que podem, chamou
Um leal conde de parte,
Só c'o elle se apartou,
Foi viver a melhor parte.
Onde tudo é certo e claro,
Onde são sempre umas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto desamparo
Foram tres seus filhos Reis.
Ó senhor! quantos suores
Passa o corpo e alma em vão
Em poder d'envolvedores!
Em fim, batalhas que são?
Salvo desafios móres.
Co' a mão sobre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes,
Como quem tinha intendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscam d'artes.
Guardava elle o outro inteiro
Á parte não inda ouvida:
Não vai nada em ser primeiro;
Quem muito sabe duvida;
Só Deus é o verdadeiro.

A tudo dão novas côres
Com que enleiam os sentidos:
Ah! máus! ah! enliçadores!
Ante os Reis, vossos senhores,
Andais com rostros fingidos!
Contais, gabais, extendeis
Serviços e lealdades:
Olhae que não nos damneis,
Fallae em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.
Senhor, nosso padre Adão
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razão,
Porém livremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Que onde uma só parte falla,
Que a outra haja de gemer,
Se um jogo a todos eguala,
As leis que devem fazer?
Vidas e honras guardais
Debaixo de vosso amparo
D'extranhos e naturaes,
Suspiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.
Tambem após aquella arde
A cubiça da fazenda,
Por mais que se velle e guarde,
Tinha ella melhor emenda
Senão fosse mal e tarde.
Geralmente é presumptuosa
Hespanha, e disso se préza,
Gente ousada e bellicosa,
Culpam-na de cubiçosa:
Tudo sabe Vossa Alteza.

Pensamentos nunca cheios
Não tem fundo aquelles saccos,
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos,
E dos suores alheios.
Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com nome e rostro de honrados,
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.
E senhor não me creiais
Se as não acham mais finas,
Que as de lobos cervais,
Que arminhos, que zebelinas,
Custam menos, cobrem mais.
Ah! senhor! que vos direi
Que acode mais vento ás velas;
Nunca se descuide o Rei:
Que inda não é feita a lei,
Já lhe são feitas cautelas.
Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfãos coitados,
E a pobreza dos mesteres.
Que nem fallar são ousados
Deante os mores poderes.
Os quaes quem os assim quer,
Quem os negoceia assi,
Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser,
Tomaram-nos para si.
Ora já que as consciencias
O tempo as levou comsigo,
Venhamos ás penitencias,
Senhor, se eu vira castigo
Boas são as residencias.

Mas eu vejo cá na aldeia
Nos enterros abastados,
Muito padre que passeia,
Enfim, ventre e bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.
Se se hão de reconciliar,
Uns c'os outros tem seu tracto,
Basta-lhes só acenar,
Não nos fazem tam barato
Ao tempo de confessar.
Senhor, esta vossa vara
Em quaes mãos anda, tal é,
A boa é ave mui rara,
Sabei que esta nunca é cara,
Que seja muita a mercê.
Livre de toda a cubiça,
A Deus temente, e a vós,
Sem respeito, e sem preguiça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja hi justiça.
Tomae senhor o conselho
Do bom Jethro ao genro amigo, (37)
É verdade, é evangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humildemente vos digo.
Que estas leis justinianas,
Se não ha quem as bem reja,
Fóra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.
Morre o pobre Conradino (38)
C'o parceiro em tudo egual,
Cada um de tal morte indino,
Pelo pesado ou malino
Doutor, que interpreta mal.

Diz o texto: «O sangue cesse;
Por batalha a guerra finda.»
Vêi com grosa outro interesse;
Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certo o tivesse.
Mas, senhor, melhor o temos
Sendo vós o que mandais,
Todos nos revolveremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Quem por amor se encadeia,
Não é nome errado ou novo
Se por livre se nomeia,
Não tem Rei amor de povo
Tanto, em quanto o mar rodeia.
Aqui não vemos soldados,
Aqui não sôa atambor,
Outros Reis, os seus estados
Guardam de armas rodeiados,
Vós rodeiado de amor.
Achar-nos-hão as divinas
No meio dos corações
Entalhadas vossas Quinas,
Estas são as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.
Tem na verdade o Francez
A seu Rei amor acceso,
Não lh'o nega o Portuguez;
Porém traz guarda Escocez,
Que não é de pouco peso.
O Padre Sancto assim faz,
A quem certo se devia,
Alto assocego, alta paz:
Mas tem guarda, todavia,
Com que vai seguro e jaz.

Que se póde ir mais ávante.
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro, ou fogo que espante.
Com duas canas deante
Is amado, e is temido,
Uns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gosto
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deus, e por vós morremos.
Outro sim para os revezes
(Queira Deus que não releve)
Em vós tem os Portuguezes
O bom Rei de Athenienses
Codro, que outrem alguem não teve. (39)
Do vosso nome um grã Rei
N'este reino lusitano
Se poz esta mesma lei,
Que diz o seu pelicano
Pela lei, e pela grei. (40)
Mas eu sou d'uns guarda-cabras
Que se vão de poncto em poncto.
Querem só duas palavras,
Que dos gados, que das lavras
Despois não tem fim, nem conto.
Assim que seja aqui fim.
Tornem as practicas vivas,
Perdestes meia hora em mim
Das que chamam successivas,
Estes que sabem latim.

Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda, Lisboa 1614 — Carta 1.ª pag. 102.
N. B. Em alguns versos segui a edição de 1595.

EPISTOLA A DIOGO BERNARDES

Fez força ao meu intento a doce, e branda
 Musa tua, Bernardes, que a meu peito
 Dá novo sprito, novo fogo manda.
Como um juizo queres, que subjeito
 Viva a tantos juizos, se não guarde
 De tanto riso e rosto contrafeito?
Quanto em mim mais das Musas o fogo arde,
 Tanto trabalho mais por apagal-o,
 Quanto o silencio vale, sabe-se tarde.
A medo vivo, a medo escrevo, e fallo,
 Hei medo do que fallo só comigo:
 Mas inda a medo cuido, a medo calo.
Encontro a cada passo c'um imigo
 De todo bom sprito: este me faz
 Temer-me de mim mesmo, e do amigo.
Taes novidades este tempo traz,
 Qu'é necessario fingir pouco siso,
 Se queres vida ter, se queres paz.
Vida em tanta cautela, tanto aviso,
 Quando me deixarás? quando verei
 Um verdadeiro rosto, um simples riso?
Quando a mim me crerão, todos crerei
 Sem duvidas, sem côres, sem enganos,
 E eu, que de mim mesmo seja Rei!
Ah! tantos dias tristes, tantos annos
 Levados pelos ares em desejos
 De falsos bens, e nossos tristes damnos!
A quem os deixa, e foge, quão sobejos
 Lhe parecem mais bens, que os que só bastam
 Desviar da virtude os cégos pejos.
Quantos as vidas, quantas almas gastam
 Em buscar seu perigo, e sua morte,
 E trás ella seus jugos crueis arrastam!

Aquelles vivem só, a que coube em sorte
Ao som da frauta, que dos hombros pende,
O Mundo desprezar com sprito forte.
Toda minh'alma em desejar se extende
A doce vida, que tam doce cantas,
Que quasi a força quebra, que me prende.
Mas ajuncta a estas forças outras tantas,
Todas quebraria eu, s'azas tivesse,
Com que chegasse onde me tu levantas.
S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse
Ser senhor só de mim, eu voaria
Onde do vulgo mais longe estivesse.
Alli quão livremente me riria
De quanto agora choro! alli meu canto
Livre por ares livres soltaria.
Em quanto me vês preso, amigo, em quanto
Sem sprito, sem forças, não me chames
Com teus versos, que a ti só honram tanto.
Por mais que me desejes, mais que me ames,
Não empregues em mim tam cegamente
Teu canto, com que é bem que heroes affames.
Mas tractarei comtigo amigamente
Do conselho, que pedes; juizo e lima
Tem em si todo humilde e diligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto anima,
Que a si se favorece, e se perdoa,
Que sprito mostrará em prosa, ou rima?
Taes são alguns, a que triste a hera corôa
Roubada do vão povo ao claro sprito,
Que esconder-se trabalha, e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito:
Este cala, e s'encolhe: o tempo em fim
Um apaga; immortal faz d'outro o escripto.
A primeira lei minha é, que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mim não creia,
Nem os que levemente se me rim.

Conheça-me a mim mesmo: siga a veia
  Natural, não forçada: o juizo quero
  De quem com juizo, e sem paixão me leia.
Na boa imitação, e uso, que o fero
  Ingenho abranda, ao inculto dá arte,
  No conselho do amigo douto espero.
Muito, ó Poeta, o ingenho póde dar-te.
  Mas muito mais que o ingenho, o tempo e estudo:
  Não queiras de ti logo contentar-te.
É necessario ser um tempo mudo:
  Ouvir e lêr sómente: que aproveita
  Sem armas, com fervor commetter tudo?
Caminha por aqui. Esta é a direita
  Estrada dos que sobem ao alto monte,
  Ao brando Apollo, ás nove irmãs acceita. (41)
Do bom escrever, saber primeiro é fonte.
  Enriquece a memoria de doutrina
  Do que um cante, outro ensine, outro te conte.
Isto me disse sempre uma divina
  Voz á orelha: isto intendo, e creio.
  Isto ora me castiga, ora m'ensina.
Cad'um para seu fim busca seu meio:
  Quem não sabe do officio, não o tracta,
  Dos que sem saber escrevem o mundo é cheio.
S'ornares de fino ouro a branca prata
  Quanto mais, e melhor já resplandece,
  Tanto mais vale o ingenho: s'a arte se ata.
Não prende logo a planta, não florece,
  Sem ser da destra mão limpa e regada,
  C'o tempo, e arte flor, fructo parece.
Questão foi já de muitos disputada
  S'obra em verso arte mais, se a natureza?
  Uma sem outra vale ou pouco ou nada.
Mas eu tomaria antes a dureza
  D'aquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
  Que d'est'outro a corrente e vã presteza.

Vence o trabalho tudo: o que cansou
  Seu sprito, e seus olhos, algu'hora
  Mostrará parte alguma do que achou.
A palavra, que sai uma vez fóra,
  Mal se sabe tornar: é mais seguro
  Não tel-a, que escusar a culpa agora.
Vejo teu verso brando, estylo puro,
  Ingenho, arte, doutrina: só queria
  Tempo, e lima d'inveja forte muro.
Ensina muito, e muda um anno, e um dia.
  Como em pintura os erros vai mostrando
  Depois o tempo, que o olho antes não via.
Corta o sobejo, vai acrescentando
  O que falta, o baixo ergue, o alto modéra,
  Tudo a uma egual regra conformando.
Ao escuro dá luz, e ao que podéra
  Fazer duvida, aclara: do ornamento
  Ou tira ou põi: c'o decoro o tempéra.
Sirva propria palavra ao bom intento,
  Haja juizo, e regra, e differença
  Da practica commum ao pensamento.
Damna ao estylo ás vezes a sentença.
  Tam egual venha tudo, e tam conforme
  Que em duvida estê ver qual delles vença.
Mas diligente assim a lima reforme
  Teu verso, que não entre pelo são,
  Tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.
O vicio, que se dá ao pintor, que a mão
  Não sabe erguer da tabua, foge: a graça
  Tiram, quando alguns cuidam que a mais dão.
Roendo o triste verso, como traça,
  Sem sangue o deixam, sem sprito, e vida.
  Outro o parto sem forma traz á praça.
Ha nas cousas um fim, ha tal medida,
  Que quanto passa, ou falta della, é vicio:
  É necessaria a emenda bem regida.

Necessario é, confesso, o artificio:
  Não affeitado; empece a tenra planta
  O muito mimo, o muito beneficio.
Ás vezes o que vêi primeiro, tanta
  Natural graça traz, que uma das nove
  Deusas parece que o inspira e canta.
Qual é a lingua cruel, que inda ouse, e prove
  Em vão alli seus fios? deixe inteiro
  O bem nascido verso, o máu renove.
Não mude, ou tire, ou ponha sem primeiro
  Vir aos ouvidos do prudente experto
  Amigo, não invejoso, ou lisonjeiro.
Engana-se o amor proprio, falso e incerto,
  Tambem s'engana o medo de aprazer-se.
  Em ambos erro ha quasi egual e certo.
Por isto é bom remedio ás vezes ler-se
  A dous ou tres amigos: o bom pejo
  Honesto ajuda então melhor a ver-se.
Alli como juiz então me vejo.
  Sinto quando egual vou, quando descaio.
  Quando d'outra maneira me desejo.
Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio,
  Muda (dizia) e tira: ía, e tornava:
  Inda, diz, na sentença bem não caio.
O que mais docemente me soava
  O que m'enchia o sprito, por máu tinha.
  O que me desprazia me louvava.
Então conheci eu a dita minha
  Em tal amigo, tam desenganado
  Juizo, e certo, em que eu confiado vinha.
Quem d'olhos tantos lido, quem julgado
  De tanto amigo ás vezes ha de ser,
  Convem tempo esperar, e ir bem armado.
Isto me faz, Bernardes meu, temer
  No teu, como no meu: não vale escusa.
  Doe muito meu erro, e arrepender:

Quem louva o bom? quem bom e máu não accusa?
  Mas tu não tens razão de temer muito,
  Assim te alça, e te leva a branda Musa,
Deixa só madurar o doce fruito
  Um pouco: deixa a lima contentar-se:
  Inventa, e escolhe então o melhor do muito.
Eu vejo cada dia acrescentar-se
  Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu
  Cada dia mais vivo levantar-se.
Então darás com gloria tua o seu
  Grã premio ás Musas, que tal criaram,
  Vida a teu nome, qual a fama deu
  A muitos, que da morte triumpharam.

Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira, Lisboa 1598 — *fl.* 158 *v.*

EPISTOLA A FRANCISCO D'ANDRADE

Queixo-me, douto Andrade, d'uns indoutos
  Qu'o qu'ás vezes lêm mal, peor entendem,
  Querem julgar como que fossem doutos.
Tam facilmente a seu gosto reprendem
  As vigilias alhêas, qu'eu m'espanto
  Como elles de si mesmos não se offendem.
O verso ou máu ou bom, o escripto, ou canto
  Qu'ó esprito custa estudo, e tempo, e lima
  Julgam como que não custassem tanto.
A livre prosa, ou obrigada rima
  Por seu juizo, e só intendimento
  Assim a tem em desprezo, assim em estima.
Se lhes perguntas pelo fundamento,
  Respondem só, que bem não lhes parece.
  Querem que obrigue o seu contentamento.

Que me dizes, Francisco, a quem conhece
 O mundo por tam raro e em cujo esprito
 Apollo claramente s'enriquece?
Com quaes julgas que deve ser escripto
 Aquelle de juizo tam ousado,
 Que quer assim julgar o alhêo escripto?
O sisudo, o prudente, o attentado,
 O douto, antes que julgue, tudo attenta,
 Por não ser seu juizo mal julgado.
Ante os olhos primeiro representa
 A obrigação do verso, e a natureza,
 Vê s'offende a invenção, ou se contenta.
Com livre sprito nota, e com pureza
 Os conceitos, as phrazes, as figuras,
 E se na lingua tem copia, ou pobreza.
Se as palavras são proprias, se são puras,
 Se as busca claras para o que pretende,
 Ou se asperas, difficiles, e escuras.
O decoro se o guarda, ou se o intende,
 E se a materia é bem ou mal seguida,
 Se abranda, ou affeiçoa, ou move, e accende.
Se toma imitação bem escolhida,
 S'o estylo é sempre grave, ou sempre brando,
 S'a sentença a bom tempo, ou máu trazida.
Se se vai longamente dilatando,
 Ou se diz o que quer tão brevemente
 Q'ou não s'intende bem, ou vai cansando.
Quem tudo isto, Francisco, nota e sente
 Com clarissimo juizo, e peito puro,
 E o mais qu'engeita a Musa, e o que consente:
Julgue, ria, reprenda e estê seguro
 Que deve inteiramente de ser crido,
 E eu, destes sós espritos tracto e curo.
Destes quero ser antes reprendido,
 Destes como tu ês, ó raro Andrade,
 Que dos outros louvado e recebido.

Aprende-se com estes a verdade
Do que Apollo promette, e a Musa ensina,
A quem dá a reprensão auctoridade.
O espirito que não vôa, nem atina
O bem ou mal do que se canta e escreve,
Quando bem, ou mal julga desatina.
Se dá razão, mais fria a dá que neve,
Sem fundamento louva, e assim reprova,
Qu'em juizo apressado ha rasão leve.
A reprensão no mundo não é nova,
Mas quem melhor intende, mais d'espaço
O máu reprende, o melhor approva.
Tem as linguas agudas mais que d'aço
Estes que querem ser graves censores,
Se lhes armas, caem logo em qualquer laço.
Juizos vãos, indoutos reprensores,
Não soffrem as Musas ser assim tractadas,
Nem recebem de vós inda louvores.
Tende-os guardados, tende bem guardadas
As leves reprensões que usais em tudo,
Para as cousas das Musas não tocadas.
Sem ellas todo peito ha de ser mudo,
E rarissimo aquelle, antes só, peito
Que não se deva ant'ellas chamar rudo.
Seja meu verso, sem nenhum respeito
D'aquelles, a que Phebo maior parte (42)
Tem de si dado, ou reprendido, ou acceito
Seja de ti, Francisco, que guardar-te
Quiz par'honra da Musa Portugueza,
E para entr'os mais raros mais mostrar-te.
Tu segue confiado aquella empresa
Que tam felicemente começaste,
Segue-a com prompto esprito, e alma accesa.
A victoria rarissima que achaste,
Dina de raro ingenho qu'em tudo usas,
E usaste sempre em tudo o que cantaste;

Confiado em teu conselho, e no das Musas
A segue, e em tua lima e esprito claro,
E assim mais haverá espantos que escusas
Em teu verso, e em teu canto douto e raro.

Poesias de Pedro de Andrade Caminha, Lisboa, 1791 — Epistola XVII, pag. 79.

CARTA A MONSENHOR FERREIRA

em louvor da nossa lingua

Aonde viste lingua, ó grão Ferreira,
Com mais primores de gentil riqueza
Do que entre os Lusos? das vulgares linguas,
Dize, te mostrem outra, que já tenha
Tanta copia de termos, de maneiras,
De lindas phrazes, de elegancias bellas,
De adagios, e annexins de altivo preço,
De mil apodaduras tam donosas,
De todo o bom fallar prendas nativas,
Prova de lingua cultivada e rica.
Quão poucos de seus filhos a conhecem!
Matrona nobre e grave, e mui senhora,
Chêa de acatamento e majestade,
Ao mesmo tempo de formosas galas,
De encantadoras solidas bellezas,
Que brilham no seu rosto, nos seus ares,
Nas expressões e fallas, nos costumes,
Na solta prosa, ou já no rico metro.
Não póde ir par com ella a tam valída
Franceza lingua, que ora voga tanto,
Que em lhe tirando termos todos d'Artes

Que a sabia Grecia e Roma lhe emprestaram,
Em tudo o mais, se tu a bem comparas,
C'o a nossa natural, é frôxa e estreita:
Não tem força de termos majestosos,
Não tem vozes esdruxulas dactylicas;
Não tem ricos vocabulos compostos,
Que epica trompa bellicosa entôe,
Que pindarica lyra em sons valentes
Aos celestes alcaçares remonte.
Faltam-lhe garbos, nobres gentilezas
Do metrico fallar harmonioso:
Nem azas tem, com que voando possa
Alçar-se aos astros com suberbo esp'rito.
E transpôr sublimada o alto Olympo: (43)
Não é lingua dos Deuses; é só prosa,
Sem ter mais brio, que a cansada rima.

Poesias de Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos), Lisboa, 1816 — T. 3.º, pag. 8.

SATYRA

O PASSEIO

A D. Martinho de Almeida

. . . .

. . . .

O bom Democrito ria (44)
Do que a nós nos causa dôr;
Elle mui bem o intendia;
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia:

Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos:
E com alchymia segura,
Do mal alhêo faremos
Para o nosso mal a cura:
Quando vierdes, então
Corremos a cidade:
Uns que vêm, e outros que vão:
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:
Veremos o vão peralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira da esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta:
Aos cafés iremos vel-o
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovello
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapéo de pêllo:
Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França:
Que gastou grossos dinheiros:
Pois ver com socego quiz
Cidades, reinos inteiros:
Jura que como em Pariz
Nunca achou cabelleireiros:
Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram:
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes:

Chamará a patria ingrata;
Murmurará do governo,
Que do bom gosto não tracta,
E consente que de hynverno
Haja fivelas de prata:
Em dous minutos emenda
O mundo, que vai perdido:
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda:
Carregando a sobrancelha,
A fallar na historia salta:
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha:
Faz ao bom *Sulli* justiça, (45)
Que os fios da espada embota
Ao Rei, que em furor se atiça:
E não lhe esquece a anedocta,
«Que um reino vale uma missa:» (46)
Falla em S. Bartholomeu, (47)
E quasi que as gotas conta
Do sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leu:
Riremos do seu estudo:
Porque só o tem mostrado
Em ter chapéo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo:
Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Juncto a Sancta Catharina,
Argumentando em Gazetas:

Um quer a cabeça dar,
Se o conde de *Estaing* não fez (48)
Trinta náus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cerco de Gibraltar:
Um, riscando a terra, ensina
C'o a bengala a geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente, e ao meio-dia
A Georgia e a Carolina:
Outro aos Inglezes deseja
Na armada o fogo ateado;
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:
Outro conta os graves damnos
Que esta Gazeta declara
Tiveram os Castelhanos;
E o triumpho inglez compara
C'os triumphos dos Romanos:
Ao seu partido se aferra:
Diz que inda c'os mastos rotos
Ao mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca a Inglaterra:
Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em justa guerra:
E este Concilio profundo
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo:
Dado em fim o inglez á sola,
Qualquer dos ditos confrades
Na rota capa se enrola;
E tendo dado cidades,
Nos vêi pedir uma esmola;

D'alli, Senhor, voltaremos
Pelas praças principaes;
Que bellas cousas veremos!
Que famosos editaes
Pelas esquinas veremos!
«*Chegou Monsieur de tal,*
Chymico em Pariz formado;
Traz segredo especial;
Um elixir approvado,
Um remedio universal:
Não pretende ajunctar fundo
C'os grandes segredos seus;
E chêo de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo:»
Iremos lêr no outro lado,
Onde acaso os olhos puz:
«*Em quarto grande, e estampado*
Saíu novamente á luz
Carlos Magno commentado:
Na mesma loja hão de achar:
«*As Obras de Caldeirão,*
Que em bom preço se hão de dar;
E o Cavalheiro Christão,
E as Regras de Partejar:»
Destas ridicularias,
E de outras taes murmurando,
Co'as nossas Philosophias,
A tarde iremos gastando
Té que dêm Ave Marias:
Então já quando em cardume
Sái a gente da Fundição,
Como sabeis que é costume.
E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume:

. . . .

. . . .

Quando todo o Ginja rico
Para casa a prôa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joanico:* (49)
Então, meu Senhor, teremos
Funcção de mais alto preço;
A certa assembléa iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos:
Feita a geral cortezia,
Pé atrás, segundo a moda,
Daremos á Mãe, e á Tia,
E depois a toda a roda,
Alto, e malo, Senhoria:

. . . .

. . . .

Pouco ás filhas fallarei;
São fêas e mal criadas:
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
«*De saudades morrerei:*»
Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sái a moça da cozinha,
E deante da senhora
Vẽi desdobrar a banquinha:
Na farpada meza, logo
Bandeja, e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo,
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo:

Em bule chamado inglez,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança, ou tres
De cansado chá, que ferve,
Com esta, a septima vez:
De fatias nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz:
Que o carrancudo tendeiro.
Cansado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro:
Sairemos de improviso,
Despedidos á franceza;
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida meza
Largar redea á fome, e ao riso:
. . . .
. . . .

Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida,
Lisboa 1861 — pag. 234.

GENERO DESCRIPTIVO

O poema descriptivo pinta o universo todo, ou uma serie particular de phenomenos, ou uma collecção mais ou menos numerosa de objectos naturaes.

O metro proprio d'este genero de composição poetica é o endecassyllabo. O seu estylo deve accommodar-se ao assumpto, e ás impressões que o Poeta pretende produzir, e por isso deverá ser mais elevado quando pela descripção de objectos grandes e majestosos procura produzir impressões sublimes e patheticas, e menos quando pela descripção de objectos risonhos e alegres intenta produzir impressões brandas e agradaveis.

O PASSEIO

CANTO I

Prospecto do campo no principio do verão — Campos d'Azia e America confrontados com os de Portugal

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios
Da rociante manhã, se abre contente!...
Que rica profusão de aspectos, côres
Attrai meus olhos sofregos!... presumo
Que tudo quanto eu ouço e quanto eu vejo
Me convida a gozar!... Mais melindrosa
Era, confesso, a scena, que, inda ha pouco
Risonha alardeava a primavera!...
Nas gramineas encostas já não vejo
Surgindo a medo a timida violeta,
A rosa abotoar, florir o espinho.

Vai decrescendo a purpura do verde,
Com que fulgia a tunica da terra;
Mas do ouro a côr succede-lhe, e Natura
Toma um ar mais augusto, e assim me agrada!
De novas sensações confuso enxame
Já tanta actividade em mim não sopra,
E me leva ao prazer! . . . minhas idéas
Não se atropellam rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso universo! Um sol mais vivo,
Duplicando o calor com seu influxo,
Relaxa os nervos, musculos destende,
E ao repouso me inclina! entra em meu peito
Mais tranquilla, mais placida, mais doce
Satisfação, que me engrandece, e anima.
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao homem, me interessa o campo.
Se comtigo, Lieutard, eu percorresse
De Ceilão aromaticas florestas,
As campinas palmiferas do Ganges,
Do Peru, do Brazil fecundos campos,
Ou da, que ao sceptro hispano, insula arranca
O denodado Penn, vergeis frondosos
De auri-floreos manjins, cafés, e olspices; (50)
Se respirasse a viração sadia
De um clima salutar no ameno Elysio,
Que tanto engrandeceste em versos de ouro,
Waller encantador, quando fugindo
De uma patria manchada em regio sangue.
Lá te foste asylar, donde trazidas
Por mão do luxo á Europa estereis palmas,
Vinham transpondo os Ceos, transpondo os mares,
Ornar a fronte de anglicas beldades. (51)
Oh! como acceso em estro, eu descantara
Esses grupos d'altissimas montanhas,
De alcantiladas rochas, figurando

Pender, e despenhar-se!... densos bosques.
Que sobre ellas ondeiam, que extendendo
Tortas raizes atravez das fragas
De lascados penedos, ahi procuram
Humido nutrimento, que as procellas
Depositaram lá! suberbos rios,
Que, em cascatas fluctisonas caindo,
Com medonho estampido aos valles descem.
Correm por baixo de arvores, que viram
Da terra o nascimento; ao largo extendem
Seu vasto lençol d'agua, onde retouçam
Escamosas legiões, e ornam-lhe as margens
De eterna primavera o esmalte, o viço.

....

Mas, campinas d'America, indios campos,
Não vos cede em belleza a patria minha!...
Aqui não surge a fervida canella,
Não floresce o cacau, não corre o nectar
Dos verdes canaviaes; porém que importa,
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos plainos de luridas espigas?...
Se o Numen d'alegria em Nisa honrado
Folga de coroar-se, e enflora o thyrso
Dos vecejantes pampanos, que adornam
Nossos ricos outeiros? Se abundantes
Limpidas, puras aguas nos derramam
As Nayades risonhas?... se Minerva
Sua arvore aqui planta?... olfato, e vista
Pomona nos lisonja com seus fructos?...
Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? Vossas aves (52)
Sem galhardia, as mais, que insulsas côres,
Com o rouco pio vencerão das nossas
Dulcinoso trinar, e arpejos doces?...
Tu só, tu, rouxinol, que ao pôr do dia
N'um verde myrtho solitario exprimes

Tam extremoso amor, tu só bastavas
A animar nossos bosques! Como a ouvil-o
Doce melancolia a alma me opprime!
Parece-me que as arvores se inclinam,
Que se demoram trepidos os ribeiros,
E os zephyros brincões as azas fecham
Para se enternecer, carpir com elle!...
Com tamanha ternura a gentil noiva
Não chamou nunca adolescente esposo,
Ou foi saudosa Mãe do filho á pyra
Dizer-lhe o ultimo adeus, votar-lhe as tranças.

Se não vemos pular nos lysios campos
Rapido arminho, e no cambiante pello
No estio ouro emular, no hynverno a neve:
Se alli longi-vidente, hirsuto lynce
Té ao cimo das arvores não segue
Timida preza, em que sacie a fome;
Se artifice castor do Tejo á beira,
Com pasmo do philosopho, não mostra
Ingenhoso primor d'architectura;
Por estes animaes, que apenas servem
De exornar de pelliça ao rico estulto,
Com seu leite mansissimas ovelhas
Nutrimento nos dão, co'a lã nos vestem.
O cornigero touro nos ajuda
A romper com o arado o seio á terra
Para extrair os solidos thesouros,
Firme esteio dos povos! E quem póde
Olhar sem gosto o intrepido ginete,
Vêr-lhe as ondas da cauda, as bastas clinas,
O medonho relampago dos olhos,
E o nitrido feroz, que incita á guerra?
Languido toza a relva, eis ouve ao longe
O mavorcio clarim, orelhas ergue,
Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,

E deseja que o dorso já lhe opprima
O cavalleiro impavido; com elle
Se arroja aos batalhões, cresce-lhe a audacia
Ao rufar dos tambores; não se assusta
Vendo luzir mortiferas bayonetas;
Folga escutando o sibilo das ballas:
Ganha a victoria, ou sem pavor fenece.

O Passeio, Poema de José Maria da Costa e Silva.
Lisboa 1844 — Pag. 2 e 7.

A MEDITAÇÃO

O Homem no estado insocial — De familia

Da culpa é primogenita a ignorancia.
Della romperam carregadas sombras,
Que os claros horizontes enluctaram
Dá razão, que no berço em luz nascera:
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Exhalação mephitica, que abafa,
E que embacia o sol, toldando os ares;
O rei da criação, tu foste, ó homem:
Ficaste escravo em carcere profundo:
A doce habitação do Eden viçoso, (53)
Ond'um instante só tiveste o solio,
Perdeste para sempre; errante, e triste.
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor, e lagrimas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te dava apenas misero sustento,

Que disputaste ás feras rebelladas;
Fugiu-te qual relampago a ventura,
Qual ephemera flor, que brota, e murcha:
Assim vemos nascer na primavera
Resplandecente o sol, risonho o dia,
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz, e a paz aos ares:
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo viu a luz serena, e pura:
Raiar a viu:... esvaecer-se logo:
Houve entre o berço, e tumulo um só dia.
E tanto pôde em nós seu erro, e crime,
Que temos por herança o mal, e a morte:
Para nós foi desterro o qu'era patria:
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder: fechada noite,
Profunda escuridão, pousou na terra:
De mistura co'as brutas alimarias,
O rei da criação nos bosques vive.

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens, chymerica egualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente, (54)
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca.
Que adora a solidão, martyr da gloria,
E Timão só quer ser, sendo Aristippo, (55)
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em trato feras,
Nus sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere, e que os ferros.
E só menos cruel, que o jugo injusto,
Que esses, qu'elle illustrou, cobardes soffrem. (56)

Pelos vastos sertões sem lares giram,
Qual onça insocial; só pasto buscam
Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos eguaes (e, de assustada,
Doce mãe Natureza os olhos tapa)
A crúa fome, e a gula avida cevam.
Nelles é morta a luz do intendimento,
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas,
Qual brada ás feras machinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes, que matam.
Gente errante, infeliz, não sente apêgo
Á terra em que nasceu; repousa, e dorme,
Onde a seus olhos lhe fenece o dia;
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta, e dorme.
Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frouxo, indolente o barbaro desperta.
Ora um tigre veloz o despedaça,
Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
Co'a mosqueada pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha:
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve um pranto, lagrimas não correm,
(Feudo que á morte a natureza paga)
Se no bocejo extreme a vida foge.
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha hyena;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
Viveu por muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos entes;

Tem limites ño bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um poncto!

Deste barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagarosamente
A estado social; barbara usança
Em costumes mais doces se transforma;
Laço moral os homens presentiram;
Co'as mutuas precisões a força unida,
Rebate as furias de aggressor injusto;
Este o primeiro original ensaio
De um pacto social; da lei primeira,
Clara expressão de universal vontade,
Que de todos ao bem subjeita todos;
Que de um nas mãos, ou, se lhe apraz, de muitos,
Depositara executiva força.
Eis a fonte das leis, do imperio a origem;
E nada mais teus calculos nos dizem
Em aureo estylo, mysantropo illustre,
Pintor illuso do mortal que ignoras,
Pois ás brenhas da America não foste
Vêr do contracto social a origem.
Foi só obra dos seculos. E quantos,
Quantos houve mister, para que as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem!
(N'alma as amortecera a mão do crime,
Em grosseira ignorancia o homem tendo.)
Porém, qual fogo ardente, ou chamma activa,
Que nos veios reconditos da pedra
Occulta jaz, mas subito scintilla
Do rijo ferro ao golpe repetido;
Tal da humana razão o ethéreo lume
Permaneceu por seculos sem brilho:
Mas era emfim razão, bem como é fogo
O sol inda que involto em pardas nuvens;
Do tempo a immensa successão de todo

As sombras desterrou, e a Naturéza
Com grande esforço os ferros despedaça.
Passa o homem do bosque á sociedade;
As precisões reciprocas soccorro
Pediram aos mortaes, e occulta força
Irresistivel sympathia os laços
Da ventura commum com leis aperta;
E já, não rude habitador das brenhas,
Nem surdo á voz da Natureza, o homem
Sente do imperio paternal o jugo
Incognito até'li, pois se dos peitos,
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, amor findava,
Ia ao longe buscar pasto, e guarida.

Foi da excelsa razão primeiro ensaio
A affeição paternal, e a lei primeira;
E na mesma caverna o esposo, a esposa,
(Dulcissima união!) co'os tenros filhos
Da humana sociedade a idêa mostram.
Do imperio ou reino o archetypo foi este.

A Meditação. Auctor José Agostinho de Macedo, Lisboa 1818 — Canto 1.º, pag. 21.

GENERO PASTORIL

Este genero tem por objecto descrever as scenas risonhas do campo, as innocentes occupações, e os prazeres e infelicidades de seus habitantes.

As composições deste genero de poesia denominam-se Eglogas, ou Idyllios. O metro mais usado nellas é o endecassyllabo e a redondilha maior, e na parte dedicada ao canto dos pastores se usam versos de varias medidas. O seu estylo é o tenue.

EGLOGA

INTERLOCUTORES

Silvestre e Amador

Auctor

Um coitado de um pastor,
Triste, mal aventurado,
Vencido de grande dor,
Ao derredor de seu gado
Se queixava do amor:
Com palavras mui cansadas,
Sem descanso, e sem cansar
A quantos via passar,
Com vozes desesperadas
Os fazia esperar.
Depois de fallar comsigo,
E com seu gado mesquinho,
Viu passar um seu amigo
Afastado do caminho,
Caminho de seu perigo,
Que tambem se ía queixando

Do grande mal que sentia;
E com elle se ajunctando
Estiveram todo um dia
Um ao outro consolando.
  Tristes practicas passavam,
Contavam grandes tristezas,
Gotas de sangue suavam
Ledos com suas firmezas,
Ellas mesmas os matavam:
Sentiam mui grande dôr
Cada um com seu marteiro,
Que nunca se viu maior.
Começa logo primeiro
Silvestre, sem Amador.

Silvestre

Triste de mim, que será
O coitado que farei,
Que não sei onde me vá,
Com quem me consolarei?
Ou quem me consolará?
Ao longo das ribeiras,
Ao som das suas aguas,
Chorarei muitas canseiras,
Minhas magoas derradeiras,
Minhas derradeiras magoas.
  Todos fogem já de mim,
Todos me desampararam,
Meus males sós me ficaram
Para me darem a fim
Com que nunca se acabaram.
De todo bem desespero,
Pois me desespera quem
Me quer mal que lhe não quero,
Nem lhe quero senão bem,
Bem que nunca della espero.

Ó meus desditosos dias,
Ó meus dias desditosos.
Como vos ís saudosos,
Saudosos de alegrias,
D'alegrias desejosos;
Leixae-me já descansar,
Pois que eu vos faço tristes,
Tristes porque meu pezar
Me deu os males que vistes,
E muitos mais por passar.
Acceitei ser namorado,
Não tive meio em o ser;
Já sou mais que sepultado,
Sou certo de me perder,
Sem perder meu só cuidado:
Não sei pelo que espero,
Nem o que espero de ver,
Perco-me pelo que quero,
Nem me acabo de perder,
Porque mais perder espero.
I-vos, minhas cabras, i-vos,
Gado bemaventurado,
Em outro tempo passado;
Ficae-vos, ou despedi-vos,
Despojo do meu cuidado:
Já vos não verei comer
Penduradas no penedo
Onde vos soía ver
Andar saltando sem medo,
Sem medo de me perder.
Já vos mais não cantarei
Nenhuns versos, nem cantigas,
Mas a todos contarei
As minhas tristes fadigas
Com que sempre vivirei:
Minhas cabras desditosas,

Já vos não verei roer
As salgueiras amargosas,
Que soíeis de pascer
Pelas ribeiras fragosas.
Andarei de valle em valle,
E de logar em logar,
Não acharei quem me falle,
Nem com quem possa fallar,
Nem quem diga que me calle;
Subir-me-hei aos outeiros,
E deital-os-hei a giros
Pelos pés dos sovereiros,
Meus suspiros derradeiros,
Meus derradeiros suspiros.
E vir-me-hei assentar
Á sombra de uma asinheira
Que está fóra do logar
Ao longo da ribeira
Onde eu soía andar:
Verei a casa caida,
Sem parede, e sem telhado,
E verei meu mal dobrado,
Cuidado de minha vida,
Ó vida de meu cuidado.
Ouvirei cantar os gallos
N'aldêa, e ladrar os cães,
E jazerei entre os pães,
Verei berrar entre os valles
Os novilhos pelas mães:
Delles berrarão do fato,
Porque mór pena me dêm
Chorarei meu desbarato,
Eu não sei porque me mato,
Mato-me não sei por quem.
Queixar-me-hei a grandes brados
Mas que aproveita bradar,

Que trago os olhos quebrados,
Quebrados já de chorar
Todos os gostos passados:
Aquelle que vẽi bradando
Se se queixa ora d'alguem?
Ou com seu mal, ou seu bem,
Virá comsigo fallando
Sem se queixar de ninguem?
Se me elle quizesse ouvir,
Mas se me elle a mim ouvisse
Por grande mal que sentisse
Eu lhe faria sentir
O que eu lhe nunca visse:
Quero ver de que se aqueixa,
Ou se se aqueixa de si:
Leixar-me-hei estar aqui,
Mas minha dôr não me leixa,
Que em forte poncto a vi.

Amador

Ó enganosa ventura,
Que queres d'este pastor?
Leixa-me ir com minha dôr,
Que minha desaventura
Traz comsigo outra maior:
Leixa-me ir traz um desejo
De grande engano forçado,
Triste, malaventurado,
Que um cuidado sobejo
Me dá sobejo cuidado.
Ó meus olhos saudosos,
Minha grande soidade,
Meus suspiros tam queixosos,
Ó choros tam deleitosos,
Por deleite, e por vontade;
Quem suspirasse algum dia

*

Para só desabafar:
Mas eu já não ousaria,
Porque um suspiro daria
Signal de quem mo faz dar.
  Tudo o que vejo parece
Triste de minha tristeza,
E tudo mais me entristece:
Coitado de quem off'rece
A vida a quem lh'a despreza.
Ando com a phantasia,
A miudo maginando,
Que a quantos vejo diria
Que é o que ando buscando;
Mas triste não ousaria.
  Quem se podesse fiar
Do falso do pensamento,
Falso, foste-me enganar
Com falso contentamento,
Para me logo engeitar:
Vinga-te agora de mim,
Que é razão pois te aborreço;
Mas uma cousa te peço,
Que dês a meus males fim
Pois que lhe déste o começo.

Silvestre

  Como vens afadigado,
Amador, quem te afadiga?
Quem vẽi sem ti, e sem gado,
Sem tento, como attentado,
Que não sei o que te diga:
Desejava de te ver,
Peza-me porque te vejo
Tam fóra de teu poder,
Foste lá em forte ensejo
Tam asinha a te perder.

Agora aonde te vás,
Dize-me como te vai?

Amador

Eu to diria, mas ai,
Minha vida aonde estás,
Quanta canseira me sái:
Já começo d'acabar,
Mas nenhuma cousa acabo,
Porque vim a começar
Em males que não tem cabo,
Nem lho posso desejar.
Não perguntes o que sento,
Vai-te, que ainda te vejas
Tam contente, e tam exempto,
Que o mesmo contentamento
Sejas de quem tu desejas;
Não cuides que minha dôr
Me dá repouso em dizel-a,
Que quanto mais cuido nella
Tanto ella é maior,
E eu mais contente della.
Leixae-me nestes extremos
Onde tudo me leixou,
Meu mal e eu ficaremos,
E nunca nos leixaremos,
Que este só bem me ficou:
Busca outra companhia,
Com que possas descansar,
Porque eu busco outro pezar,
Se ahi mór pezar havia,
Mas esse meu não tem par.
Silvestre, pastor amigo,
Tempo é de me leixares,
Não posso fallar comtigo,
Que a mim peza-me comigo,

Comigo quero pezares:
Já os meus dias passaram,
E eu todos os passei,
Traz um engano andaram,
Delles me desesperaram,
E d'outros desesperei.
  As cousas que não tem cura,
Amador, não cures dellas;
E as que não tem ventura
Não te aventures por ellas;
Porque causam mór tristura;
Leixa-as ir por onde vão,
Não vás onde te levarem,
Que se umas se acabarem
Outras se começarão
Para mais paixão te darem.
  Não estês assim pasmado,
Que bem pasmado estou,
De te vêr mudo, e mudado,
Ó Amador, quem cuidou,
Que fosses tam descuidado:
Não cuides o que farás,
Nem faças o que cuidares,
Olha bem onde te vás,
Se comtigo não acabares,
Crê que nunca acabarás.
  Repousa hoje aqui;
Não te aproveita fugir,
Pois que comtigo ha de ir,
Quem te faz andar sem ti,
Sem comer, e sem dormir;
Ao longo deste prado
Fallar-te-hei, e fallar-me-has,
Cada um com seu cuidado;
Comigo descansarás,
Posto que venhas cansado.

Amador

Ó que enganosa porfia,
Ó que porfia de engano,
Que tanto tempo escondia
De um dia em outro dia,
De um anno em outro anno:
Meu mal eu t'o contaria,
Mas é mal que não tem conto.
Ditoso quem o sentia,
Que já teria um desconto,
Com que se satisfaria.

Silvestre

Se tu soubesses o meu
A osadas, Amador,
Que tu calasses o teu,
Que tanto é mór a dor,
Quanto é mór quem na deu.
Por isto não te pareça,
Amador, que és tu só,
Que em que te a dita falleça,
A mim fallece-me o dó,
Para que mais lh'aborreça.
Tua affeição te desculpa,
Que sei que és affeiçoado,
Magôas um magoado,
Em que não póde haver culpa,
Posto que anda culpado.
Prouvera a Deus que podéra
Ter meu mal comparação,
Este só bem me fizera,
Que este cuidado vão
Vãs esperanças me dera.

Amador

Busca outro companheiro,
Silvestre, e descansarás,
Fallar-te-ha, fallar-lhe-has;
Que este é o derradeiro
Logar onde me verás;
Ó que dôr, e que receios!
A culpa é de quem m'os deu,
A pena tenho-a eu;
Os sentidos são alhêos,
E o sentimento é meu.

Silvestre

Lembram-me cousas passadas,
E quantas passadas dei,
Horas bemaventuradas
Por quem choro, e chorarei
Em quanto forem lembradas.
Uma vontade me engana,
Com lembrança do passado,
Tempo bemaventurado;
E outro me desengana,
Para ser mais enganado.
A causa de meus cuidados
Foi buscar longos desterros,
Leva-me meus tristes fados,
De uns erros em outros erros,
Por erros mui enganados:
Os seus olhos me enganaram,
Mas elles o pagarão
Apesar do coração;
Porque elles começaram
O que nunca acabarão.

Leixou-me só n'estes valles,
E fiquei acompanhado
De cuidados de um cuidado
Em que repousam meus males,
Por que viva mais cansado;
Mas cedo me irei buscar,
Pois me isto aconteceu,
Mas eu já não me hei de achar,
Que meu bem cá se perdeu
Para nunca se cobrar.
Com quanta mudança vejo,
Não me sei arrepender,
Desejo de me perder,
Perco-me pelo desejo,
Que não lhe posso valer:
Ó meus enganos cansados,
Cansae já de me enganar,
Devereis já de acabar,
Que os meus males passados
Todos estam por passar.

Amador

Peza-me; mas que aproveita
Esta vontade engeitar,
Quem o desengano engeita,
Por força se ha de enganar
D'outra vontade subjeita;
Não cures de te queixar,
Pois em teu mal não és só;
Que em te vêr agastar
Hei de ti camanho dó,
Que sinto meu mal dobrar.

Silvestre

Não te peze com meus damnos
Pois que eu folgo com elles;

Leixae-me ir com meus enganos,
Que não sei viver sem elles
Para esperar desenganos:
Não cuides que me arrependo
De me vêr andar perdido;
Mas ando triste, gemendo,
Porque me fica o sentido
Para sentir o que intendo.

Amador

Não me posso andar detendo;
Leixa-me agora partir,
Minhas magoas te encommendo,
Vai-se-me o tempo perdendo,
Perdendo me quero ir:
Mas parece desamor
Apartar-me assim de ti;
Dize, que fazes aqui?
Uma dôr a outra dôr,
Que conta dará de si?

Silvestre

Ando por esta defeza
Como tu, Amador, vês,
Que ha passante de um mez
Que folgo com o que me peza;
E peza-me em que me pez;
Ora bravo, ora manso,
Cercado de mil temores,
Se cuido em minhas dôres,
As dôres me dão descanso,
E o descanso outras móres.
Ponho os olhos no chão
Quando me os cuidados vem;
Uns vem, e outros se vão,
E os outros não vão nem vem,

Mas comigo sempre estam:
Uns me leixam sem sentidos,
Outros me fazem sentir
Os males que estam por vir:
Ó meus desejos perdidos,
Quem vos podesse seguir!
  Vou de mudança em mudança,
Sem me ver nunca mudado,
De uma em outra lembrança;
Fallece-me a esperança
Para ser desesperado:
Trago desejo subido;
E ando fugindo delle,
Mas nunca me acho sem elle;
Nem o posso vêr perdido,
Porque me perco por elle.
  Quando vẽi ao sol posto,
Que então soía de vêr
Aquelle fermoso rosto
Torno a ensandecer,
Porque perdi tanto gosto:
Que vinha sempre cantando
Tam desejoso de vel-a,
E agora ando chorando,
Porque a achava fiando,
E porque me fiei della.
  Cada vez que anoitece
Cobre-se-me o coração
De uma grande escuridão;
Com ella passa o serão,
E com ella me amanhece:
Dobra-se-me a phantasia
Em mil castellos de vento,
Coitado do pensamento,
Que está, de noite e de dia,
Antre tormento e tormento.

Quando vẽi a madrugada,
Antes que o gado vá fora,
Por ver a casa em que mora
Subo-me em uma assomada:
Ó quem visse sempre esta hora!
Alli me leixo estar,
E nunca d'alli me vou,
Sem que a veja passar.
Mas nunca passa o pezar
Que a mim della ficou.
Sóem os tristes pastores
De seu mal desabafar
Cada um em o contar:
E a mim e as tuas dôres
Me fazem novo pezar;
Amador, tu não esperes
Nenhum consolo de mim,
Tristezas quantas quizeres,
Folga com ellas, que emfim
Este é o fim do que queres.

Amador

Não creias a phantasia,
Lisongeiros pensamentos,
Dôces enganos de um dia,
Que a quem os não contraria
Dão falsos contentamentos;
Leixa a vontade sobeja
Seguir sobejos extremos,
Que não sabe o que deseja:
E nós ambos nos iremos
Onde nos ninguem mais veja.

Silvestre

Onde queres que nos vamos
Ou onde podemos ir,

Que um ao outro não vejamos
As mesmas dôres sentir,
De que nos não contentamos?
Não aproveita andar
De uns valles em outros valles;
Que aproveita tal mudar,
Pois que mudando o logar
Não são de mudar os males?

Amador

Bem sei que tudo é engano
Ir-me eu, e tu ficar,
Mas eu quero-me enganar
Porque tanto desengano
Já não se póde fallar:
Vou-me; ficae-vos embora,
Desejos desesperados,
Pensamentos enganados,
Que não espero já agora
Outro fim de meus cuidados.
Não te alembre que me viste,
Pois nunca mais me has de vêr;
Leixa-me a mim esquecer,
Que minha lembrança triste,
Mais triste te ha de fazer:
Ir-me-hei comigo queixoso;
Sem me aqueixar do que sento
Em meus cuidados cuidoso:
Ó quem fora tão ditoso
Que perdera o pensamento!
Agora me leixareis,
Desejos desordenados,
Já cansareis, meus cuidados,
Já me não enganareis,
Enganos, tam desejados:
Sobejas desaventuras,

Contentes deveis de estar,
Não tenho que arrecear,
Que já vos tenho seguras;
Comvosco quero acabar.

Silvestre

Amador, pois que te vás,
As boas horas vão comtigo,
Comigo fiquem as más,
Que não sei se as verás,
Que as não vejas comigo:
Deus te cumpra teu desejo;
E a mim tire o meu,
Ou me mostre quem m'o deu,
Que com quantos males vejo,
Sempre me hei de chamar seu.
Tempo é de vos leixar,
Gado meu, meu pobre gado;
Não posso mais aguardar
Pois me não soube affastar
Do que me estava guardado:
Tudo se vai a perder,
Vai-se a vida após a vida;
Quem a mais deseja ter
A vê mais cedo perdida,
Ou se perde por a vêr.
Ficae embora, currais,
Riquezas de meus avós,
Vou-me sem mim, e sem vós,
Eu me vou, e vós ficais
Desamparados, e sós:
Não verei vir passeando
Os novilhos furiosos,
Seus pescoços levantando,
Com seus passos vagarosos
Após as vacas bradando.

Agora me leixarão
Esperanças vagarosas;
Agora se acabarão
As vontades rigorosas,
Que tanta pena me dão:
Leixae-me, cuidados vãos,
Desejos desesperados;
Olhos malaventurados
Quanto me foreis mais sãos
Se vos tivera quebrados.

(Aqui vai bradando, e responde-lhe um Echo.)

Quem foi nunca tam sandeu?
Echo Eu.
Tu serás, pois me respondes;
E se o és, porque te escondes
De quem não póde ser seu?
Andas tu, ou vás fallando?
Echo Ando.
E eu porque te não vejo?
Sei que me cega o desejo,
Porque ando desejando,
Quero m'ir pois se m'esconde.
Echo Onde?
Mas onde me fallas tu?
Que será isto, Jezu,
Que o não vejo! Responde:
Quero m'ir del'outra banda.
Echo Anda.
Pois me não queres leixar
Ir minhas magoas contando,
Quero-me ora calar.
Irei comigo chorando
O que não posso fallar.

Obras de Bernardim Ribeiro. Lisboa, 1852. Egloga 3.ª, pag. 298.

Serrano, Bento, e Gonçalo

Ser. Torna essas vacas Bento, que ind'agora,
As fui tirar de dentro do serrado,
E não nas posso haver do damno fóra.
Herva ha n'este olival, herva ha no prado,
Não sei porque é melhor a defendida,
Que assim se inclinam mais ao que é vedado.

Ben. Sempre a vontade amigo se convida
Aquillo que lhe negam, sempre engeita
O que nem se lhe arreda, nem duvida.
Parece que o desejo nosso espreita,
O que mais impossivel lhe parece,
Então contra o desejo que aproveita?
Um cantar ouvi eu que hora me esquece
Que aqui nos trouxe Amintas o vaqueiro,
E cada hora lembral-o me acontece.
Vês tu pelo travez d'este salgueiro.
Naquella riba estava a mão na face,
E estirado a par delle o seu rafeiro.
Os olhos postos lá aonde o Sol nasce,
Com a voz té aos passaros detinha,
Tambem detinha o Sol que não passasse.
Ia cantando em pé, e em cabo vinha
A dizer, vou fugindo da vontade,
Que a tam grandes enganos me encaminha.

Ser. Como o desejo é cego, persuade,
Que aquillo que nos foge é o melhor,
Quanto é melhor saber que é falsidade?
Sejam bens da fortuna, ou bens do amor.
Que mór bem ha, que mór contentamento,
Que viver sem perigo, e sem temor?
Mas temos como grimpa o pensamento,
Um engano qualquer nos muda o posto,
Donde a vontade assopra como o vento

Ben. Calma em Janeiro quer, frio no Agosto,
Flores na serra, e moutas pelo prado,
Quem foge da rasão pára o seu gosto.

Ser. A que rasões nos trouxe o nosso gado,
Deixemos os da villa na contenda,
Que tambem para nós isto é vedado.

Ben. Não falta hora nos montes quem se intenda,
E mais que o mundo é tal, e é tal a gente,
Que os rusticos lhe podem dar emenda.

Quem quer que falla agora é maldizente,
Que tanta praga é já fallar verdade,
Que a fallar não se atreve o que não mente.

Ser. Deixemos isso emfim que é vaidade,
Cá, tractemos do gado, e da lavoura,
Nisto demos rasões muito á vontade.
Fallemos neste Sol que os montes doura,
Na Lua mais enxuta, ou mais molhada,
Na seara crescida, verde e loura.

Falla na tua estrella, e na dourada,
Falla hora nos novilhos, Deus t'os guarde,
Que esta practica nossa é bem fundada.

Ben. Bom conselho era o teu, mas vẽi já tarde,
Que está o mundo tal, que não melhora,
Folgo de ver na lingua algum covarde.

Disso se queixa o sengo, e disso chora,
Todos de alhêos erros fazem praça,
E os seus calando-os ficam-lhe a de fóra.

Cuidam que o dizer mal lhes cai em graça,
Passa a noite, o dia, o mez e o anno,
Não ha quem de fallar os satisfaça.

Cortam largo vestir de pouco pano,
Nenhuma falta propria os envergonha,
Que a peçonha a si propria não faz damno.

Ser. Dizes bem, que mór mal? que mór peçonha,
Que a lingua descomposta vil maligna,
Que das vidas alhêas tracta e sonha,

Todo o mal busca, a nenhum mal se inclina
Mata ao mais escondido, mais seguro,
É grossa á vista, mas no corte é fina.
Bem viu a natureza o mal futuro,
Poz-lhe os beiços diante, e poz-lhe os dentes,
Duas portas cerradas, e o seu muro.
Deu-nos os mais sentidos differentes,
Os braços, mãos, os pés, olhos e ouvidos,
Para poder obrar mais diligentes,
Mas uma lingua só entre os sentidos,
E esta a medida nossa a mais pequena,
Que deu aos animaes cá conhecidos.

Ben. Tudo nos culpa e tudo nos condemna,
O premio é vil, o cargo mui pesado,
E mais certa que tudo é delle a pena.
Ouvi ao sengo um conto mui gabado
De um antigo pastor, que sempre andava
Na montanha, sem mais que o seu cajado.
Um dia o encontrou um que o buscava
Era-lhe amigo puro, e sem falsia,
D'álma, e quiçais com lagrimas, fallava.
Ah deixa, deixa os matos, lhe dizia,
Não tragas sempre a vida neste aperto,
Com feras desiguaes em companhia.
Não te espantes (responde) amigo certo,
De vêr, que busco os feros animaes,
Que parece da vida um desconcerto:
Tem dentes e unhas, armas naturaes,
Para offender-me a vida duvidosa,
E os homens tem a lingua além das mais.
Arma mais que outras armas perigosa,
Tem veneno mortal, que ás almas chega,
E esta menos que as outras ociosa.
Ah vil murmuração captiva e cega,
Quem te ama, quem te serve, quem te estima,
A que inferno immortal sua alma entrega.

Qual corta o ferro frio a subtil lima,
Qual a agua a pedra dura murmurando,
E qual a traça os trajos mais de estima.
Qual a vibora a mãe desentranhando,
Assim o proprio peito aonde te geras,
Quando os alhêos cortas vás cortando.
Quão mal, Serrano amigo, tu disseras,
Que para se atalhar algum perigo,
Fugissemos dos homens para as feras.

Ser. A lagarta, a ferrugem come o trigo.
E cada fructo que produz a terra,
Tambem cria entre si outro inimigo.
A lingua é como a lança, e nenhum erra,
Que nasceu d'entre nós, e á similhança,
Se fizeram as lanças para a guerra.
Quem lhe póde fugir, se a tudo alcança?
E mais ao longe fere, e ao direito,
Do que setta, arcabuz, espada e lança.
Quanto damno nos faz? quanto tem feito?
Nos montes, nas aldêas, nos logares,
Sem interesse, gosto, e sem respeito?

Ben. Ouve Serrano um pouco se mandares
Que assomam dous pastores pela enfesta,
Que devem vir já agora dos folgares.
Contar-nos-hão da lucta e mais da festa.

Ser. Parece o de cá Gil o outro Gonçalo,
Que vẽi por a outra parte ambos vêm desta.

Ben. Gil canta, aqui podemos escutal-o.

Cantiga de Gil

O bem tarda e foge,
O mal chega e dura,
Para que é ventura,
Que não passa d'hoje?

A minha alegria,
Vinda por enganos,
Tardou-me mil annos,
Durou-me um só dia.
Paga bem injusta,
Foi a de meu mal,
Pois que o bem não val
O que uma dôr custa.
Lançado em rasão,
Este meu tormento,
O merecimento,
Foi o galardão.
Que enganos colhi,
De quanto esperei?
Se não me paguei,
Quando mereci.
Quem o que ora vejo,
Vira no começo?
Quem vira o successo,
Antes do desejo?
Quem crera as suspeitas,
Não já as confianças?
Quem vira as mudanças
Pelas não ver feitas?
Bem de males chêo,
Ide a quem vos deu,
Deixae-me ser meu,
Pois vós sois alhêo.
Do tempo servido
Só tenho alcançado,
Que sois desejado,
Mas não possuido.
Esperança minha
Que o tempo seccou,
Vêde em que ficou,
Quanto de vós tinha.

Sois arvore verde
Que promette muito,
Quando vẽi ao fructo,
Nas flores se perde.
Pensamento leve,
A vossa ousadia,
Sempre lhe eu temia,
Esse fim que teve.
Quem não conhecera,
Vosso risco logo?
Se ieis juncto ao fogo,
Com azas de cera?
Do que está perdido,
Não me aqueixarei,
Pois disso ganhei,
Ver-me arrependido,

Ser. Bem se parece Gil no doce accento,
Na graça e no saber com que cantavas,
Que tudo o mais te deve o vencimento.

Gil. Antes não atinei que me escutavas,
Que me calara então d'envergonhado.

Ser. Fora de ver que aos teus envergonhavas.
Louvar-te agora aqui será peccado,
Porque é murmuração, e inveja pura,
Louvar menos a alguem do que lhe é dado.

Gil. Essa murmuração ainda era escura,
Mas o que louva aquillo que não deve,
Esse digo eu Serrano que murmura.

Gon. Bô fé qualquer das culpas é bem leve,
Deixemos as rasões para outro dia,
Que o da festa e de gosto sempre é breve.

Ben. Antes me metto agora na porfia,
Que me veiu a proposito o meu conto,
Do que Serrano ha pouco me dizia.

E das festas tambem não perco o poncto,
Logo perguntarei se houver licença,
Ainda que ante Gonçalo eu sei que monto.
Porém quando aqui foi da desavença,
De Silvio que partiu deste montado,
Por vêr da nossa vida a differença;
Entregava a cabana, e mais o gado,
A Eliso um pastor pobre conhecido,
Quiçais da sua aldêa o mais gabado.
Um invejoso seu pouco atrevido,
Que queria atalhar-lhe aquelle bem,
Com o veneno mortal n'alma escondido,
Dizia e publicava que ninguem
Cantava como Eliso em todo o Tejo,
Nem em quantos logares rega e tem.
E o que a vida, o cuidado, e o desejo
A força, o gosto, só nisto empregava,
Que nisto tinha as partes de sobejo.
Porque quanto nas outras lhe faltava,
Tanto só para esta arte o Ceo lhe dera,
Na qual nenhum pastor se lhe egualava.
E o que nunca até li delle dissera,
Tomou por capa, e veo d'uma vontade,
Que inda encoberta assim mostrou qual era.
Olha a murmuração, olha a maldade,
De quem louvando-o mais do que era seu,
Com este engano os males persuade.
Porque com o louvor falso que lhe deu,
Pois para aquelle cargo não convinha,
Lhe tirava outros muitos que perdeu.
Outra vez (que a rasão tudo encaminha)
Um da villa a seu canto affeiçoado,
Tractou de dar-lhe os pastos, que não tinha.
Eis o vil invejoso mal olhado,
Vai gabar-lhe de Eliso o bom rebanho,
Por melhor, mais lustroso e bem tractado.

Que engano tão subtil, que mal tamanho?
Murmurar com louvores de um pastor,
Que não louval-o então fora mór ganho:
Mas os gabos da inveja, e os de amor,
Tem grande a differença, e diz Gonçalo,
Que é leve a culpa de qualquer que for.
Nos que nascem de amor, como aqui calo,
Nos mais fora cansar, e gastar tempo,
E houvera para ouvir-vos de poupal-o.

Gil. Muito é maior de ouvir-te o passatempo.
E mais para um cuidado que hora sigo,
Vieram as rasões melhor que a tempo.
E digo que é menor damno e perigo,
Ter um murmurador ao descoberto,
Que um que offende louvando como amigo.
Porque do que diz bem cremos, que é certo,
O que diz mal sempre é mais duvidoso,
Porque mostra a tenção muito de perto.
Mas murmura calando um invejoso,
Aqui contradizendo os bens alhêos,
Alli dizendo o mal, e bem damnoso.
A um louvando-o mais com maus rodeios,
A outro menos, assim que para um mal
Inventou a malicia tantos meios;
E está em nosso damno o mundo tal,
Que o que já não murmura, e não pragueja
Nem tem intendimento, nem tem sal.
A verdade porém só vale a Igreja,
Nella está como a luz apparecendo,
Cá não ha quem a falle, ou quem a veja.
Mas eu tambem que fallo? que reprendo?
Todos dizemos mal, todos fallamos.
Não me condemno a mim, outros emendo.
Conta Gonçalo em fim pois cá ficamos:
Da festa já que eu sou nella suspeito,
E não quero que o seja o que contamos.

Gon. Antes o devo eu ser por teu respeito,
Da lucta contarei, tu dize o mais,
Pois te cabe por gosto, e por direito.
Serrano e Bento já viram signaes,
De teu canto, levares hoje o preço,
Já o tens de costume em festas taes.
Em fim deixando o vodo do começo,
Danças, gritas, folias dos pastores,
Que de varias e muitas já me esqueço,
Foram Dino, e Montano os luctadores,
Cada qual do seu cabo levou tres,
Da serra, e os mais dispostos e os melhores.
Tangem-se as gaitas uma e outra vez,
Põem no terreiro a boa da fogaça,
Que nunca n'este vodo tal se fez,
Despem-se os dous, rodeiam toda a praça,
Eis um se chega, eis outro se apartava,
Commettendo por geito, e por negaça.
Arcou Dino primeiro, e não chegava
Quando a Montano lhe arma uma travessa,
Que imaginei então que o derribava.
Se não quando chegando o arremessa
De si, com tanta força, e tanta ira,
Que lhe valeu soltar-se bem depressa.
Tornam de novo á guerra, quem os vira!
Como os nossos almalhos com ciume,
Da juvenca, que a vel-os se não vira!
Os olhos mostram sangue, e ferem lume,
As mãos tremendo, e o rosto traspassado,
Cada qual teme, e cada qual presume.
Remettem, pegam, arcam, e abraçado
Ficou Montano um pouco mais a geito,
Elle da parte esquerda subjugado.
Metteu-lhe então com força o pé direito,
Cai Dino e Montano junctamente
Na terra poz a mão, como eu suspeito.

Gritam de um bando, e d'outro, brada a gente,
Cobrem logo a Montano os do seu bando,
Cobrem Dino tambem, mas descontente.
Os de uma, e d'outra parte estam gritando,
Que foi d'ambos a quéda, e sobre o caso
Armou Vicente brigas com Fernando.
Pediu Corino então, por não dar azo
A móres desavenças, que o julgassem,
E poz da causa até Domingo o prazo.
Mandou a Gil e a Delio que cantassem,
Venceu Gil, fique a cousa para outra hora,
Que estas são já dos gados que não pascem.

Ben. Muito me contas, já me peza agora,
De não me achar presente na contenda,

Gon. Se tu cantaras outra cousa fora.
Mas já não pode ter este erro emenda,
De Ignez me peza, que estará queixosa,
Que ia hoje enfeitada de encomenda.

Ben. Ella de toda a sorte está formosa,
Vamos que se faz tarde, e fallaremos,
Na tua sorte Gil, que é mais ditosa,
Justo será que aqui della gozemos.

Ser. Tambem da minha parte ajudarei.

Gil. E eu digo pela minha, que cantemos,
Mas que perca comvosco o que ganhei.

Cantiga

Gil. Muda os amores Serrano,
Pois se mudou Leonora.

Ser. Oxalá mais cedo fora
Vira cedo um desengano.

Voltas

Gil. Nunca vi desenganado,
De seu mal tam satisfeito,
Ser. Já fallei como subjeito,
E agora como aggravado.
Gil. Quem te conhecera outro anno,
Como te extranhara agora.
Ser. Amor trocou-me n'uma hora,
N'outro a elle o desengano.
Gil. Podes tomar em vingança
A que ella tomou de ti.
Ser. Fora vingar-me de mim,
Vingar-me n'outra mudança.
Gil. Mil vezes ouvi Serrano,
Quem se muda se melhora.
Ser. Pois isso fez Leonora,
Melhorou-se com meu damno.
Gil. Pragueja-se pela aldêa,
Que o teu mal foi sua inveja.
Ser. Gil de tudo se pragueja,
Como seja cousa alhêa.
Gil. E ainda encobres Serrano
As culpas de Leonora.
Ser. Por lhe não pagar agora,
Com culpas um desengano.
Gil. Então que termo e cautela,
Has de ter com os que te vem.
Ser. Mostrar que lhe quero bem,
Como quero, sem querel-a.
Gil. Bem pode dar volta o anno,
E uma hora melhor d'outra hora.
Ser. Não creio tempos já agora,
Que dei fé ao desengano.

Obras Poeticas, Moraes e Metricas do insigne Portuguez Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa, 1723.—Egloga 6.ª, pag. 633.

IDYLIO

Tircea

Já lá sinto rugir das aveleiras
As boliçosas folhas, já escuto
Um rumor leve de subtis pizadas;
Entre as confusas ramas já diviso
Mover-se um vulto; se virá Tircea?
Por mais que affirmo a vista não distingo.
Ora lá se encobriu agora a lua.
Mas, oh quanto o desejo vão me engana!
Uma ovelha é perdida da manada,
Lá vai balando pelo valle abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?
Oh quanto de saudade o golpe fero
Nos sentidos me opprime, e me confunde!
Eu não julgava agora, que este valle
Era aquelle feliz e deleitoso,
Onde a minha pastora sempre espero?
Que esta sonora fonte, que murmura
Entre cheirosas flôres e verdura,
Coberta de sombrios arvoredos,
Era aquelle logar onde a calma
Costumamos passar da ardenda sesta?
Quem viu já phantasia mais confusa!
Oh poderoso amor, quanto me enleias!
Oh quem pizara agora os venturosos
Campos, que os resplendores luminosos
Dos olhos de Tircea estam gozando!
Quem vira agora o seu formoso rosto!
Oh quem se quer ao menos escutara
Os conhecidos ladros, os balidos
De suas ovelhinhas e rafeiro!

Oh duras penhas, oh sombrios valles,
Que meus saudosos ais estais ouvindo,
Se agora aquelles bellos olhos visseis,
Por quem meu coração tanto suspira,
Verieis de repente a rôxa aurora
Verter o fresco orvalho sobre as flores,
Raiar o louro Sol nos horisontes,
E enriquecer de luz os altos montes.
Parece-me, Tircea, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vasio,
E na mais alta penha dessa praia
Subida estar os olhos extendendo,
Chêos de pranto para as altas serras,
Onde tam larga ausencia estou chorando.
Que saudosa d'alli estás chamando:
«Alcino, Alcino, quem de mim te aparta?»
Parece-me que te ouço a voz magoada
Já de ingrato accusar-me, de esquecido;
Que vás depois ao valle suspirando,
E que alli muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh pastora mais firme do que os montes,
Mais amante, mais terna do que as rolas,
Mais perfeita, mais candida e formosa,
Que a pura neve, que a vermelha rosa!
Só por ti, eu o juro a estas penhas,
Só por ti ha de amor dentro em meu peito
Cravar as settas, accender as chammas.
Só por ti meus suspiros serão dados,
Só por ti chorarão de amor meus olhos;
Meus olhos, que por esses tam formosos
Agora estam chorando tam saudosos.

Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio, Lisboa 1781 — Idyllió 9.º, pág. 151.

GENERO EPIGRAMMATICO

Genero epigrammatico é aquelle em que se tracta em poucos versos rimados um assumpto subtil ou delicado, concluindo com agudeza.

São especies deste genero: O Epigramma, o Soneto, a Decima e o Madrigal.

O Epigramma proprio é formado de poucos versos da mesma ou de differente medida, nos quaes se enuncia um pensamento ingenhoso, delicado, e ás vezes critico e mordente, terminando sempre por uma expressão aguda ou picante.

O metro e rima desta composição poetica são arbitrarios. O seu estylo é o medio.

O Soneto compõi-se de quatorze versos endecasyllabos formando dous quartetos e dous tercetos.

Os seus pensamentos devem ser nobres e elevados, a linguagem viva e melodiosa, e a versificação correcta e perfeita. O estylo desta especie de poesia deve graduar-se pelos assumptos que nella se tractarem.

A Decima é uma especie de poesia composta de dez versos, chamados redondilha-maior, consta de um só assumpto, tractado em uma ou mais decimas, acabando cada uma dellas sempre com um pensamento agudo ou delicado. O seu estylo varia segundo o assumpto.

O Madrigal só differe do epigramma em concluir com um conceito menos vivo e agudo, mas sempre delicado. O numero de seus versos costuma ser entre seis e dezesepte, de ordinario endecasyllabos e heroico-quebrados entremeados e rimados a arbitrio do poeta.

EPIGRAMMA

A Medicina

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
«Aqui tens esta receita.»

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Lisboa 1853 — T. 3.º, pag. 236.

A molestia e a cura

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

O mesmo—pag. 239.

Os jogadores

Umas cabeças vãs, uns ociosos,
Despidos de virtude e de talento,
Põem grande estudo, grão divertimento
N'uns naipes maus, n'uns dados acintosos:
Perdem, por passatempo,
O irrevocavel tempo.
Nescios! não vêm, não sentem consumida
A saude: queixosa a honra, a vida?
Só depois de agastar-se um dia inteiro,
Sentem o menos—sentem o dinheiro.

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento.) Paris 1817—T. 3.º, pag. 240.

Artigos do Decalogo

Não matarás: é lei dada
N'um e n'outro testamento;
Ao medico é que pertence
Este sancto mandamento.
Não furtarás: é preceito
Tambem nos livros sagrados;
Isto pertence aos juizes,
Aos escrivães e letrados.

Poesias de Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos.) Lisboa 1816—T. 3.º, pag. 137.

SONETOS

Septe annos de pastor Jacob servia (57)
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vel-a:
Porém o pae, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros septe annos,
Dizendo: Mais servira se não fôra
Para tam longo amor tam curta a vida.

Obras de Luiz de Camões, Lisboa 1852—T. 2.º, Soneto 29.º, pag. 19.

Que poderei do mundo já querer, (58)
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgosto e desfavor,
E morte, em fim; que mais não póde ser.
Pois me não farta a vida de viver,
Pois já sei que não mata grande dôr,
Se houver cousa que mágoa dê maior
Eu a verei que tudo posso vêr.
A morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dor que me ficou:
Parece que para isto só nasci.

O mesmo—Soneto 92.º, pag. 15.

A constancia do sabio superior aos infortunios

Em sordida masmorra afferrolhado,
De cadêas asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:
  Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto e cuspido,
Sem vêr um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado:
  O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando já na mão do algoz cruento:
  Inda assim não maldiz a iniqua sorte.
Inda assim tem prazer, socego, alento
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Lisboa 1853—T. 1.º, Soneto 1.º, pag. 169.

Contradicções do Atheismo

  Qual novo Orestes entre as furias brada, (59)
Infeliz, que não crê no Omnipotente;
Com systema sacrilego desmente
A razão luminosa, a fé sagrada:
  Tua barbara voz eguale ao nada
O que em todas as cousas tens presente;
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente
Louve a mão, contra os maus do raio armada.
  Mas vê, blasphemo athêo, vê, monstro horrendo
Que a bruta opinião, que cego expressas,
A si mesma se está contradizendo:
  Pois quando de negar um Deus não cessas,
De tudo o inerte acaso auctor fazendo,
No acaso, a teu pezar, um Deus confessas!

O mesmo—Soneto 4, pag. 172.

Sentimentos de contricção e arrependimento da vida passada

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:
De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.
Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:
Deus, oh Deus!... Quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

O mesmo — Soneto 49, pag. 217.

Dictado entre as agonias do seu transito final

Já Bocage não sou!... Á cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Ceus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:
Conheço agora já quão van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse pura.
Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:
Outro Aretino fui... A sanctidade (60)
Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

O mesmo — Soneto 40, pag. 218.

DECIMA

Defender os patrios lares
Dar a vida pelo Rei,
É dos Lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

Glosa

Fernando avilta o brazão
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pezares,
E vai co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
Defender os patrios lares.
Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera;
No berço Bellona fera
Bafeja real menino: (61)
Cresce e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na justiça querem
Dar a vida pelo Rei.
Cái o moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando:
Ferreo jugo, intruso mando

Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadêas lança,
(Bem como os da gloria) herança
É dos Lusos valorosos.
Rompe em fim de Lysia o somno
Alto impulso repentino,
E o renovo Bragantino
Reluz no remido throno:
Oh Lusos! celeste abono
Verificae, merecei;
Duro assalto removei;
Jus vos dão para a victoria,
Um Deus, a razão, a historia,
Caracter, costume e lei.

Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Lisboa, 1852—T. 3.º, pag. 267.

MADRIGAL

«Prazer! Prazer! oh falso, oh bandoleiro!
«Que fugindo te ausentas
«De nós, sem saudade, e tam ligeiro:
«As penas nos augmentas.
«Se, mal que te acolhemos, já nos deixas.»
Eis que o lindo Prazer tam suspirado
Me responde:—Que vãs são tuas queixas!
—Aos Numes graças rende, que hão creado
—O Prazer breve: que a ser eu comprido,
—Me houveram (certo) para si retido.

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento,) París, 1817—T. 1.º, pag. 141.

GENERO ELEGIACO

Este genero é dedicado para celebrar assumptos tristes ou para exprimir sentimentos ternos e delicados. Duas são as suas especies: a Elegia, que tem por assumpto os sentimentos dolorosos, tristes ou ternos, que podem dizer-se naturaes e communs a todos os entes moraes; e o Epicedio, que tem por assumpto os prantos ou queixas sobre a morte de alguem.

O metro endecassyllabo é o proprio para ambas as especies, no Epicedio porém emprega-se só ou acompanhado, com rima ou sem ella, na Elegia vêi sempre só, rimando alternadamente e formando tercetos.

O estylo deste genero é o medio.

ELEGIA

No desterro do Poeta

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado; (62)
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O Ceo e o ar e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo
Como o seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.
Assim só, de seu proprio natural
Apartado, se via em terra extranha,
A cuja triste dôr não acho egual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos soidosos versos qu'escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
D'est'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado
Do bem qu'em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
Ver sem razão a pena que m'alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento d'ella;
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a rôxa manhã, dourada e bella,
Abre as portas ao Sol, e cái o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela; (63)
Este cuidado, que c'o somno atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.
E depois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra um descontente)
D'aqui me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido, e alli m'assento
Soltando toda a redea a meu cuidado.

Depois de farto já de meu tormento,
Extendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor os campos vejo,
Que já florídos vira e graciosos.
Vejo o puro, suave e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando,
D'alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento est'alma sái
Em lagrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas esperae;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae,
Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tam cedo;
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
S'em tam contrario estado me acabasse,
Est'alma, assim impaciente, adonde irá?
Que se ás portas tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse. (64)
Que se a Tantalo e Ticyo for notoria (65)
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem, terão por gloria.
Essa imaginação, em fim, me augmenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.

Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
  Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a fortuna faça o que costuma;
  Se n'ella ha hi mudar-se um triste estado.

Obras de Luiz de Camões, Lisboa, 1852.—T. 2.º, Elegia 1.ª, pag. 544.

ELEGIA

No captiveiro do Poeta

Eu que livre cantei ao som das aguas
  Do saudoso, brando, e claro Lima
  Ora gostos d'amor, outr'ora maguas,
Agora ao som do ferro que lastima
  O descoberto pé, choro captivo
  Onde choro não val, nem amor s'estima.
Cuido, que me deixou a morte vivo,
  Vendo que não chegava seu tormento
  A tormento tamanho, e tam esquivo.
Acabando co'a vida o sentimento
  Ficarás escondido (oh dia triste!)
  Nas turvas aguas do esquecimento.
Oh Sol, como tua luz não encobriste
  Quando do Real sangue Lusitano
  As hervas, que secaste, humidas viste?
Qual Libyco leão, qual tigre Hircano (66)
  Negará desusada piedade
  A lastima tamanha, a tanto damno?
Não te valeu, ó Rei, a tenra edade,
  Não te valeu esforço, nem destreza,
  Não te valeu suprema majestade.

Das armas a provada fortaleza
  Poderosa não foi para guardar-te
  Da mão de fogo armada, e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
  Vendo que sua fama escurecias,
  Se vencedor ficavas d'esta parte.
Acabou junctamente com teus dias
  Do Lusitano Reino a segurança
  Que tu extender tanto pretendias.
Dos teus (na tua incerta confiança)
  Qual te desenganou, senão do imigo
  O pelouro mortal, o alfange, a lança?
Cobriam com teu gosto o teu perigo,
  Estando teu perigo já tam claro,
  A fim de não valer menos comtigo.
Fosse quem quer que fosse, ah peito avaro!
  A tua pretensão em ar desfeita
  Bom fôra que a ti só custara caro.
Deante de Juiz, que não acceita
  Ser nas palavras um, outro no peito,
  Darás, se já não déste, conta estreita.
Esquecido do justo, e são respeito,
  Deixaste commetter á sorte leve
  O proveito commum por teu proveito.
Do innocente Abel exclamar deve
  O sangue em terra imiga derramado,
  Contra quem lh'encurtou vida tam breve.
Se fôras com bom zelo aconselhado,
  Não vieras com poucos buscar tantos,
  Oh Rei, por nosso mal tam esforçado!
Oh cego intendimento em vez de quantos
  Tropheus nesta empreza prometteste
  Que vimos senão mortes, senão prantos?
Não só prodigamente enriqueceste
  Com despojos Reaes o pobre Mouro,
  Mas inda nossa fama escureceste.

Os que pretendem palma, e os que louro
  Na batalha cruel, fêa, sangrenta,
  Com ferro se guarnecem, não com ouro.
A vista do que tanto nos contenta,
  A perola, e a pedra reluzente
  As forças dos imigos accrescenta.
A riqueza vencida em Oriente
  Veiu n'um dia só, por varia sorte,
  A vencer cá a vencedora gente.
Caíu o fraco alli juncto do forte,
  Não houve d'alto a baixo a differença,
  A todos egualou a dura morte.
Logo como do Ceo teve licença,
  Sem esperar mais termo natural,
  Cumpriu a cada um sua sentença.
Oh illustre valor de Portugal,
  Quem podia cuidar perda tamanha.
  A quem não abrangeu tamanho mal?
No gran campo, qu'o turvo Lucuz banha, (67)
  O ar vos deixam só por cobertura,
  Que não vos quiz cobrir a terra extranha.
E ainda (por ser mór a desventura)
  As feras e as aves carniceiras
  Vos deram em seus ventres sepultura.
Mas vós, espritos puros, nas cadeiras
  Da gloria merecida, a que subistes,
  Dá-vos pouco das honras derradeiras.
Não tendes que temer successos tristes,
  A que vos obrigava a humana lei,
  Estando na prisão de que saístes.
Oh amigos, com quem m'aventurei,
  Com quem fui sem ventura aventureiro,
  Sempre, pois vos perdi, triste serei!
Sendo no fero assalto companheiro,
  A vós poz-vos no Ceo o fim da guerra,
  A mim em miseravel captiveiro.

Bem vêdes qual o passo n'esta serra,
  Inda que não é justo que vejais
  Terra, que vos negou tam pouca terra;
Terra, que quanto nella choro mais,
  Tanto mais com meu choro s'endurece,
  E menos move a dôr seus naturaes.
Tudo o que nella vejo m'entristece,
  Triste me deixa o Sol em transmontando,
  Triste me torna a vêr quando amanhece.
Sempre com humor triste estou banhando
  O pé deste soberbo alto rochedo,
  Que minha dôr está accrescentando.
Dôr tenho de o vêr sempre estar quedo,
  De vêr correr as aguas tenho inveja,
  Porque podem no mar entrar mais cedo.
E porque minha dôr muito mór seja,
  A vista me detem daquella banda,
  Que tanto est'alma triste vêr deseja.
Com suspiros, que lá contino manda,
  N'outra parte abrandára bravas feras,
  Aqui peitos humanos não abranda.
Ah desventura minha, se quizeras
  Já desviar de mim tua crueldade,
  Na terra, onde nasci, morte me deras!
Não entre fera gente, em tal edade,
  Que sem affronta minha m'obrigava
  A viver em socego, e liberdade.
A patria, a quem devido louvor dava
  Por ti me foi contraria, e odiosa;
  Tanto, que della já me desterrava.
Mas nunca deixará de ser formosa
  No meu attribulado pensamento
  A ribeira do Lima saudosa.
Não causará em mim esquecimento,
  Inda que tem virtude de esquecer,
  O seu brando e suave movimento.

E se por dom do Ceo tornar a vêr
 A sua verde relva, e branca arêa
 Livre (que ledo já não póde ser)
Da batalha cruel, da morte fêa
 Darei em triste carme larga copia,
 Chorando com tal dôr a dor alhêa,
 Como captivo choro a minha propria.

Varias Rimas por Diogo Bernardes, Lisboa 1596 — Elegia 1.ª, pag. 81.

ELEGIA

Na paixão de Jesus Christo, Filho de Deus

Musa, que por ganhar illustre fama
 Hora entoas a tuba sonorosa,
 Que as heroicas acções no mundo acclama.
Hora com triste accento, e voz chorosa
 Frequentas as funereas sepulturas,
 Chêa de dôr acerba e lastimosa.
Sabe, que n'alma tens manchas impuras,
 Que os delirios da cega mocidade,
 Te fulminam com dores, e amarguras.
A memoria da dura iniquidade,
 Que em Christo fez o povo iniquo, e fero,
 Mova-te a triste pranto, e a piedade.
Segura tabua, em que salvar-me espero
 Do naufragio fatal da dura morte,
 E de seu cruel impeto severo.
Tu Sancto de Syão, Deus bom, Deus forte, (66)
 Vaso immenso de dons puros, e Sanctos,
 Dos tristes Filhos d'Eva amparo, e norte.
A ti meus ais consagro, a ti meus cantos,
 Oh Deus de meus Avós, a ti dirijo
 Meus soluços, e lagrimas, meus prantos.

Não sinto na minha alma regosijo:
  Sepultado nas trevas da tristeza
  De dôr, de intensa dôr me movo e afflijo.
Onde, onde com tam aspera crueza,
  Onde, oh duros ministros da maldade,
  Levais o summo Auctor da natureza?
Parae, peitos crueis, sem piedade:
  Feros: olhae primeiro o que fazeis:
  Não commettais tam dura iniquidade.
O Filho de Deus alto, o Rei dos Reis;
  Quem de nada formou o Ceo, e a terra;
  Quem poz á natureza firmes Leis.
Esse é a quem fazeis iniqua guerra,
  Cordeiro de Deus vivo, que o peccado
  D'entre os homens benefico desterra.
Não vedes como vai tão encurvado
  Com o pezo da Cruz? Já não lhe basta
  Ser de vós cruelmente flagellado?
Quem dos corações vossos tanto afasta
  Da piedade os vivos sentimentos,
  Que a compaixão em vós de todo gasta?
Homens sois vós de duros pensamentos:
  Homens não já, mas sim monstros insanos,
  Só de sangue nutridos, e sedentos.
Que maleficios asperos, que damnos
  Vos fez esse homem Deus, Sancto dos Sanctos,
  Intolerantes, barbaros, tyrannos?
Á vista de tormentos taes, e tantos,
  Á vista de tam duras crueldades,
  Como me não desfaço em tristes prantos?
Oh feras, e iniquissimas maldades!
  Oh dos homens perversa condição,
  Que os move a tão crueis impiedades!
Com tal crueza, e tanta ingratidão
  Os homens pagam fervidos, e duros
  A quem do Ceo lhes trouxe a Salvação.

Com prisões asperissimas seguros,
E com vivos flagellos macerados
Vi seus membros sanctissimos, e puros.
Ouvindo agora ultrages infamados,
Opprimido c'o pezo da Cruz Sancta,
Cercado de acerbissimos cuidados;
A força corporal se lhe quebranta,
Em terra cai aquelle, oh crueldade!
De quem o Ceo a gloria narra e canta.
Homem que passas, tu tem piedade
Do Sacrosancto Filho de Maria,
Deus de immensa grandeza, e de bondade.
Ah! n'esta cruelissima agonia
Ajuda-lhe a levar a Cruz pezada,
Que inda ha de ser dos homens norte e guia.
Já sóbe ao monte, aonde consummada
A grande obra será da Redempção
Do Mundo, e a culpa antiga aniquilada.
Já com cruel, e aspera tenção
No sancto Abel do Novo Testamento
Dão a crua sentença á execução.
Já ouço o som confuso, e violento
Dos rigidos martellos: ferreos cravos,
Pés, e mãos lhes traspassam, oh tormento!
Homens de paixões cegas, vis escravos,
O innocente Cordeiro devorais
Como Leões famelicos, e bravos.
Já no Lenho da Cruz o levantais
Ao rouco som de vozes espantosas,
E o Sacrosancto Lado lhe encravais.
Oh gentes cruas, fervidas, e irosas
Em mim, em mim tão feras crueldades
Fazei com mãos crueis, e sanguinosas!
Que por minhas horriferas maldades
Ha longo tempo tenho merecido
Penas de inda mais duras qualidades.

O conselho dos maus tenho seguido,
   De tantos beneficios não lembrado,
   Com que me tens, Deus meu, favorecido.
Eu me tenho mil vezes collocado,
   Chêo do fumo vão de impia jactancia,
   Na Cadeira da peste do peccado.
Desde a mais tenra, e pueril infancia
   Fiz deposito infame na minha alma
   De furor, de suberba, e de arrogancia.
Não curei de ganhar illustre palma
   Vencendo os vicios, que para os seguir
   Nunca temi rigor de frio, ou calma.
Como reprobo mau me deixei ir
   Pela via dos cegos peccadores,
   Sem nunca a ti, Senhor, querer subir.
Lançaram-me, ai de mim! os meus furores
   No lago da confuza perdição,
   Onde então me nutri de pranto, e dores.
Ergui no interior do coração
   Abominoso templo, ara infamada
   Do vil peccado á torpe adoração.
Devendo eu ser qual arvore plantada
   Ao longo d'agua amena, e deleitosa
   De pomos salutiferos ornada.
Fui tronco posto em hora desditosa,
   De sombra infesta, inhospita aos humanos,
   De ave infausta morada tenebrosa.
Dei-me a cantares torpes e profanos,
   E ao som das Babylonicas correntes (69)
   Os vicios celebrei d'alma tyrannos.
Mas ai de mim, que horror! oh Ceos clementes!
   Treme a terra, o ar brama, e se escurece
   O Sol com grande espanto ao mundo e ás gentes!
Já o vital espirito fallece
   Ao justo de Israel, que ao Padre Eterno
   Pelas culpas dos homens se offerece.

No mais interior do seio interno
 Chorou por ti a vasta natureza,
 E todo o Côro Angelico superno.
Oh Luz do mundo, oh Gloria, oh Summa Alteza!
 Do Throno de Deus Padre Omnipotente,
 Por nós desceste á humillima baixeza!
Bemdicto seja Deus Alto, e Clemente[1],
 Que ao povo seu mandou a redempção,
 E o libertou da culpa grave, e urgente.
Que sobre a torre excelsa de Syão,
 Na Sancta Casa de David Rei Sancto (70)
 Erigiu o signal da Salvação.
Como nos prometteu no sacro canto
 Dos Sanctos seus Prophetas, que passaram
 Porque nos consolasse em nosso pranto;
Que dos que contra nós mais exhalaram
 O veneno mortal de odio inflammado,
 E ruina total nos procuraram;
Viria o nosso bem mais desejado,
 Que os espiritos nossos alimpasse
 Da negra infermidade do peccado.
Porque de piedade em fim usasse
 Com as almas dos nossos Paes, e Avós,
 E do abysmo da morte as libertasse.
Das promessas lembrado, de que a nós
 Se daria em essencia, e da crueza
 Nos livrou do inimigo horrendo, e atroz.
Para que o nós sirvamos com pureza;
 E em nossos dias todos procedamos
 Com verdade, e rectissima inteireza.
Em nossas afflicções nós te invocamos,
 Sanctissimo Holocausto consagrado
 A Deus Padre, que humildes adoramos.

[1] Cantico de Zacharias. S. Lucas, Cap. 1, v. 68.

Tu Propheta do Altissimo chamado
Serás em todo o mundo eternamente,
Do seio de Deus puro a nós mandado.
Tu mostraste o caminho á humana gente,
Por onde ha de ir livre de culpa infanda
Ante a face de Deus Omnipotente.
Ensinaste a Sciencia veneranda
De ir ás Sanctas Moradas gloriosas,
Sem nodoa n'alma, ou macula nefanda.
Aos que jazem nas sombras tenebrosas
Da morte illuminaste, e nos puzeste
Da sancta paz nas vias luminosas.
Mas ai de mim, que da visão Celeste
Sendo a minha alma inferma visitada,
Não desato as prisões de amor terrestre!
Luz efficaz de contricção sagrada,
Em tam confuza, e horrivel tempestade
Alumia minha'alma cega e errada.
Tem de mim compaixão, Deus de bondade[1]:
Apaga a culpa má, que em mim se aggrava,
Que é grande a tua immensa piedade.
Largamente, Senhor, me purga, e lava
Da minha iniquidade, e vil peccado,
Qu'alma me contamina, e me deprava.
Conheço, onde me tem precipitado
O meu delicto mau, que enfurecido
Sempre contra mim vejo conspirado.
Fui no seio da culpa concebido
E em mil iniquidades, e torpezas
Andou meu coração sempre involvido.
As Sciencias, que tu, Senhor, mais prézas,
Manifestaste a mim, com que cantei
Teu nome não, mas mundanaes emprezas.

[1] Imitação do Psalmo 50 *Miserere mei Deus.*

Manda sobre a minh'alma, oh Summo Rei,
O sancto orvalho da Celeste Graça,
E mais que branca neve alvo serei.
Das culpas donde vêi minha desgraça
Vossa face arredae: fazei que em pranto
O meu coração duro se desfaça.
Lavae-me as manchas do terreno manto:
Entoarei, Senhor, vossos louvores
Com puro espirito em devoto canto.
Ensinarei os cegos peccadores
A honrar vosso nome, já despidos
De seus impios delirios e furores.
De inimigos livrae-me enfurecidos,
Deus, Deus da minha bemaventurança
Salvae-me de seus golpes insoffridos.
Oh Gloria de Sião, minha esperança
Não desprezeis um coração contrito,
Que em vós, Senhor, repousa, em vós descansa.
Meu rogo ardente ouvi, que a voz em grito
Cá d'este escuro abysmo de tristeza
Ao vosso Throno envia, alto, infinito.
Formae em mim um templo de pureza,
Onde oblações, onde holocaustos sanctos
Recebereis, Deus bom, de alta grandeza:
Onde depois de penitentes prantos,
E puros sacrificios de acções justas,
Levem o vosso Nome eternos cantos
Do pólo frio ás regiões adustas.

Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, Lisboa 1799 —
Elegia 12.ª, pag. 174.

ELEGIA

Na morte de um filho do Poeta, que falleceu minino

Nuno minino, oh Nuno, oh alma, oh vida!
  Da vida de teus paes! fructo gentil
  Nascido de affeição pura, e subida.
Nuno, assim nos deixaste em penas mil;
  Em tristeza, em pezar, em pranto eterno,
  Entregues a desgosto acerbo, e hostil?
Ah! não se abranda nosso mal interno,
  Inda com a certeza de que gozas
  No Ceo prazer sem fim, alto, e superno.
Involvidos nas sombras horrorosas
  Da pobreza cruel, que horrenda e fera
  Nos inunda de dôres amargosas:
Nossa alegria, nosso prazer era
  Contemplar de teu gesto tenro, e bello
  As graças, a innocencia, que amor gera.
Em vão foi para ti nosso disvelo,
  E paternaes cuidados; pois sentiste
  Da morte horrivel o aspero flagello.
Oh pranto, oh magoa, oh dôr acerba, e triste,
  Que em nós ha de existir eternamente
  No mesmo poncto, em que ella agora existe!
Doce pupillo! oh planta florecente!
  Oh bello lirio d'horto deleitoso
  Cortado antes de tempo tristemente!
Da morte o furor impio, e rigoroso
  Antes em nós cruel se enfurecera,
  Do que em ti, tenro infante, tam formoso.
A tua gentileza florecera
  Com dotes mil d'alma innocente, e pura,
  Qual bonina gentil na primavera.

Fôras prazer dos teus, gloria, e ventura:
  Por ti suspiros, e ais derramariam
  As Nymphas penetradas de ternura. (71)
Por ti das cavas grutas chamariam
  As Nayadas das fontes, e as Napéas (72)
  Por ti, por ti continuo clamariam.
As mais formosas Nymphas das arêas
  Te cubiçavam já para guiares
  Suas danças gentís, suas choréas.
Para ti claros dotes singulares
  Apparelhava Apollo, com que honraras
  Teu seculo feliz, teus patrios lares.
Mas ah! que para ti curtas, e avaras
  Voaram tristemente as leves horas,
  Das quaes, se tu viveras, triumpharas.
Acerba dôr, que tanto nos devoras!
  Se nos livrasses de tam triste vida,
  Branda comnosco, mais benigna fôras.
De nós, em vil pobreza aborrecida,
  Chêos de magoa eterna, e de saudade,
  É mais, que a vida, a morte appetecida.
Não póde haver maior calamidade,
  Nem castigo do Ceo mais vivo, e urgente
  Para quem é propenso á piedade;
Que vêr do seu amor casto, e innocente
  Um suave penhor victima triste
  Da furia da cruel morte inclemente.
Oh alma da nossa alma, que partiste
  Cá desta confusão do mundo avaro,
  E com sereno vôo ao Ceo subiste!
Pois que, dos nossos olhos lume claro,
  Nem da nossa miseria, e pobre vida
  Podeste ser estêo, e doce amparo;
E adornado de gloria esclarecida
  A Deus, Anjo entre os Anjos, mil louvores
  Entôas com voz pura, e mui subida:

Ah! pede-lhe, Anjo puro, que os rigores
 Da penetrante magoa de perder-te
 Em nós abrande, e seus crueis furores.
Ou desta vil miseria, onde se verte
 Largo rio de lagrimas eternas,
 Nos leve, oh caro filho, cedo a ver-te
 Nas moradas angelicas supernas.

O mesmo — Elegia 7.ª, pag. 88.

EPICEDIO

Á morte de Manuel Maria de Barbosa du Bocage

Quem póde, ousado, liquidas torrentes,
Que do cume dos Alpes se despenham,
Quando o gelo descoalha o Sol brilhante
Na carreira suster? Leva espumoso
Vórtice, ao mar correndo, a pedra, o tronco;
E, desdenhando o dique, o campo alaga.
Quem póde acceso, crepitante raio
Na carreira apagar, suster na quéda?
Rompe as nuvens, estala, e desce á Terra.
Bronze, ferro, são pó se oppôr-se atrevem.
—Mais rapido, e veloz, batendo as azas
A engolfar-se, a caír na eternidade,
Vôa o tempo voraz, co'a morte ao lado.
Quem póde o braço, a voz alçar, dizer-lhe:
Pára no meio da carreira, oh monstro...
Já lá no ethereo espáço o Sol brilhante
Susteve o freio á rapida quadriga; (73)
Fez-lhe aceno um mortal, fez-lh'o a virtude?
Nem da virtude a voz do Tempo escuta:
Não pára a Natureza; e então parára,
Se o Tempo um pouco equilibrasse as azas.
Tudo o que cobre a abobada azulada,
Milhões, milhões de Soes no espaço, e quanto

No atomo terrestre habita, ou vive
No das cousas orige, e vasto Oceano,
A ferrea lei do Fado entrega á morte.
Inexoravel Parca a fouce empunha, (74)
Faz-lhe o Tempo signal; e em pó converte
Da Natureza, ou dos mortaes as obras.
—Caíste tu tambem, victima infausta,
A mim tam caro, a Portugal, ao Mundo,
Ás Musas, ao Saber, caíste Elmano...
Já fria, o corpo teu, lapida encerra,
E somno funeral teus olhos fecha:
Sombras, sombras sem fim, cobrem teu rosto,
E no silencio do sepulchro existes.
Antecipada mão do Tempo avaro
Rompeu a têa da existencia tua...
Sombra amavel, detem-te; se inda em torno
Da campa melancolica volteias,
O grito da verdade escuta, o grito,
Que é verdadeiro, quando trôa em sombras,
E entre montões de craneos escalvados,
Que o teu ha de augmentar: és já da morte:
Eu, e todos serão, mortaes nasceram,
E essas que apontam seculos vorazes
Pyramides tambem. Não julgues summa
Diff'rença d'existencia, a tua, e d'ellas:
A par da Eternidade, um poncto é tudo;
N'um mesmo pó mil seculos se ajunctam.
Nada immortal produz a Natureza,
Sómente ethéreo assopro aos astros vôa,
E eterna duração tem sobre os astros.
Em meio dia existe, e delle observa
Annuviar-se os Soes, caír no abysmo,
Cobril-os sombra escura, e nada eterno.
Tu, sobranceiro ao tumulo, lá moras
Na região da luz, que ignora occaso;
Parece que me acenas, que me bradas,

(Mofando do meu pranto) «Elmiro, e julgas
«Labeo da Natureza, a campa, a morte!...
«Tu dado ao estudo seu! Tu que conheces
«Da perennal especie o giro eterno,
«E do individuo a rapida passagem!
«Tu pasmas, tu prantêas, que esmoreçam
«Em viçoso jardim lirios ou rosas?
«Que se soltem d'um tronco as seccas folhas,
«Quando Aquilões das Hyperboreas grutas (75)
«Trazem nas azas humidas do hynverno?
«Tudo corre a seu fim, corre ao seu nada.
«Saem Imperios do pó, e á cinza tornam.
«Voando o Tempo os seculos ajuncta,
«E co'as immensas incansaveis azas
«Cobre os vestigios da grandeza humana:
«Na Historia, os deixa só, e á vista os furta.
«De Esparta, a Mãe d'Heroes, Mãe da Virtude,
«Hoje occupa o logar mesquinha aldêa.
«De Epaminondas, de Aristides pizam (76)
«Incultos Scythas barbaros os Lares.
«Disputa-se (que opprobrio!) onde se escondam
«Hoje as ruinas da rival de Roma.
«Nem de cá Scipião, nem Mario podem (77)
«Apontar ao logar onde se ergueram
«Taes muros, seus tropheus, brazão de Roma.
«Sente o sceptro, e a cabana as leis da morte.
«Vistam purpura embora os hombros, cinja
«Virentes louros triumphaes a frente;
«Rasga a purpura a morte, e murcha os louros.
«Oh! se viras de cá, qual eu descubro,
«Nas barreiras do nada a Terra involta
«Em luctuoso véo, entre os brilhantes
«Ethereos Mundos, que no immenso espaço
«Lançou prodiga mão d'Ente Principio,
«Riras da pequenez, riras d'um poncto,
«Em que orgulho mortal, guerreia, e vence,

«Em que marcham exercitos á morte,
«Em que atomos, quaes tu, disputam nadas!
«Viras o nada que rodeia os homens:
«Gozam d'um só momento.... é este a vida;
«E se um momento se divide, incerta
«É sua possessão; foi-se o passado,
«É incerto o porvir. Em vão procuras
«Fixar o que passou pela lembrança,
«O futuro antever: ah tu não tornas
«Mais extenso o momento! É flor caduca,
«Um dia a vê no tumulo, e no berço.
«Soltei-me das prizões, e quando a morte
«Ía o faxo virar, clarão brilhante
«Me fez vêr das paixões do mundo o engano;
«Do orgulho philosophico desfez-se
«A sombra, o philtro, que enfeitiça tantos.
«Maldisse a sem rasão, maldisse os monstros,
«Que de meu peito desterrar quizeram
«Do meu ser immortal, d'um Deus a idêa,
«Doce consolação, que ingratos querem
«Á existencia roubar, que espinhos cercam.
«Era preciso um Deus, e um Deus existe:
«Foi minha vida, minha morte, a prova:
«Sem premios um talento ás Musas dado:
«Vida mesquinha e pobre, em mar e em terra:
«Eu no berço d'Aurora, eu no Occidente
«Errante, e triste, e só, sem Pae, sem Lares,
«Da compaixão pendente, e da ternura
«Dos homens meus eguaes, e ao jugo atado
«Da dependencia, da penuria sempre;
«Em mim, que a somma das virtudes muito
«Dos fêos vicios excedêra a somma....
«Não póde injusto ser quem rege o Todo;
«Na morte o premio dá, deu-me a verdade,
«Deu-me a dôr, e chorei, e abriu-me o pranto,
«A vereda inaccessa ao gozo, á gloria;

«Fugiram illusões, desfez-se o encanto,
«Engano a vida foi, sciencia a morte,
«Breves instantes lúgubres de pena
«De eternos bens m'engolfam no Oceano.
«Ultimo esforço á luz fez na partida,
«Qual na tocha se vê, clarão que espira,
«Mostrou-me o vão, e o fim dessa ventura,
«Que encantado busquei no mundo ingrato;
«Nem eu era immortal, nem elle eterno;
«O sentimento acaba e eu que pude
«Do naufragio salvar? o nome, a gloria.
«Triste consolação que adoça a morte!
«Meios, que o proprio amor futeis procura.
«As urnas, mausoleos, lapidas, bustos,
«Do ingenho o mór brazão, a Poesia,
«Que lá procurem conservar a idéa,
«Ou da virtude minha ou do meu rosto.
«Não se esquivam as Leis, que impoz o Fado,
«A tudo o que é mortal; que tudo acabe...
«Da verdade esta luz raiou-me n'alma,
«Fugiu de minha vida a sombra espessa,
«E então soube viver, quasi expirando.
«Não profanes com lagrimas a morte.
«Volve os olhos a mim, eu vivo....» Elmano.
És ditoso, eu conheço, e foi o teu Nume
Sempre a verdade cá. Se o labyrintho
Das fervidas paixões, quaes turvas ondas,
O teu peito agitou tornando á calma,
Eras recto, eras bom, justo, mavioso;
E deu-te a Natureza o mór presente,
Um docil coração; nelle conserva
A virtude ascendencia, o vicio acaba,
E a fagueira illusão cede á verdade.
—E applaudo a teus bens, choro o meu damno,
Nada é Philosophia, a Estóa é nada. (78)
Quando a dôr é pungente, e a magoa é funda,

Não ha razão que extingua sentimento,
Se a amizade o formou sem dependencia
D'um bem que se perdeu, se a estima é pura,
É perpetua a lembrança, a dôr perpetua.
—Vi-te em braços co'a morte, e vejo agora
A pouca terra, que teu corpo encobre....
Aviva-me a saudade a infausta scena:
Onde hei de achar egual no dom das Musas?
Onde mais prompto ingenho, estro mais vivo?
Mente vasta, depozito dos Vates,
Todos eram teu dom, teu Genio todos.
Poucos tem que te opponha, ou Grecia, ou Roma.
—Um rival te dão só, no ingenho e arte;
Ovidio é teu rival, vence-te, e és grande; (79)
És-lhe egual no saber, menor em lingua;
Dos quadros seus o colorido é este,
Superior na expressão, no mais, o mesmo.
D'Horacio é aurea a lyra, é aurea a tua:
Agudo é Marcial, agudo Elmano:
Triste Estacio, e feroz, e Elmano é triste, (80)
Se o lucto falla, e dôr personaliza.
De Mantua o Cisne, em pastoril avena,
De Tytiro o prazer, de Mopso o canto,
Expoz ao Tibre absorto, a nós, ao mundo (81)
As magoas de Alicuto a par lhe voam.
E se déste o não teu, venceste o alhêo.
Pelo Imperio botanico vagueia
Castel; Delille nos jardins se esmera: (82)
Brilham muito no Sena e mais no Tejo,
Se em Luzitana voz seu canto soltam.
Tinhas n'alma o terror, no estylo o pranto,
Se Melpomene acaso, alhêa, e tua, (83)
Na magoada Vestal dava um gemido.
Se co'a edade indulgente, amor cantavas,
Nunca mais terno suspirou Tibullo. (84)
—Mas eu profano a majestosa sombra,

Á sombra do repouso, e do sepulchro,
Se amor misturo á morte, amor ao lucto.
Nem sei delle fallar: da edade o gelo
Me aperta o coração, me amostra a campa:
Vós mancebos, que amais, que Elmano amastes,
Cingi de freixo a frente, ou de cipreste,
No Tejo hoje chorae Petrarca extincto! (85)
—Eu volvo a mente, o canto a novo objecto,
Objecto que me apraz, que é só virtude.
Raro em arte, e saber, mais nobre ainda
Te descubro um brazão, digno d'um sabio:
Severo rosto te mostrou no berço
Desventura cruel, seguiu-te os passos,
Satellite fatal, no mar, na terra:
Viu-te o Tejo indigente, o Ganges pobre:
Privado do ar commum, gemeste em ferros:
Louvavam-te o talento, e enregelavas,
Como esquecido ao premio, aos teus, á Patria:
De lar em lar girando afflicto e triste,
Involto em nuvens de desgraças sempre.
Porém ao mundo, que te admira, e deixa,
Déste o grande espectaculo do sabio,
Que Seneca immortal digno chamava (86)
Até do summo Jove: um varão forte
Entre os golpes da sorte, inteiro, e mudo.
Jámais te ouvi queixar: dest'arte a rocha
Vê contra si trepar furiosas ondas,
Immovel ao furor, intacta aos golpes:
Na terra as bazes tem, nos Ceos a frente.
Co'um ai não blasfemaste a Providencia,
Tranquillo ser quizeste; isso que foste
Das Musas no thesouro achaste tudo:
Um dom da Natureza é mais precioso,
Que os dons da instavel sorte, e seus caprichos.
Foi tua vida ephemera, se conto
Os breves dias da existencia tua,

E ha de ser entre nós teu nome eterno:
Razá campa te encobre entr'outros mortos,
Mas tem um mausoleo, um templo, um busto
Na minha estimação, nos teus escriptos.
O que bebe no Rhodano espumante,
Os sabios d'Albion, e o douto Ibéro (87)
Te hão de aprender de cór: em quanto o mundo
Se lembrar de Camões, de Tasso e Milton, (88)
Lhe ha de lembrar tambem d'Elmano o nome.

José Agostinho de Macedo. Livraria Classica Portugueza, Lisboa, 1847—Por Castilho (Antonio e José), T. 24.°, pag. 50.

GENERO LYRICO

Este genero de poesia era destinado para se cantar, e deriva o seu nome da lyra com que era acompanhado. Hoje a musica emprega-se principalmente nas solemnidades religiosas e nas representações theatraes, sendo poucas as poesias modernas verdadeiramente lyricas, isto é, compostas para serem realmente cantadas fóra do theatro ou da igreja. Todos os paizes tem canções nacionaes de varias especies, mas nestas attende-se mais á musica do que aos versos. Porém como sempre se tem composto poesias do mesmo character e tom das rigorosamente lyricas, isto é, das que antigamente se compunham para serem cantadas, taes composições conservaram o nome de lyricas, não obstante serem destinadas a simples recitação e leitura.

Poema lyrico é a composição poetica, em que o poeta exprime qualquer sentimento alegre, forte ou brando. Este genero de poesia não se differença dos outros pela natureza dos assumptos, os quaes variam, para assim dizer, ao infinito.

Na litteratura classica comprehende o genero lyrico seis especies; a saber: a Ode, o Epithalamio, a Canção, a Cantata, a Lyra e o Dythyrambo.

A Ode é uma especie de poesia lyrica, dividida em diversas estrophes, e que exprime sentimentos alegres, elevados ou delicados. Segundo o objecto e modo de tractar os sentimentos subdivide-se a Ode em sagrada, heroica, philosophica ou moral, e anacreontica.

A Ode sagrada tem por objecto os louvores da Divindade. O metro usado nesta poesia é o endecasyllabo só ou com o heroico quebrado solto ou rimado, o seu estylo é o sublime.

A Ode heroica[1] celebra as façanhas, o genio e os talentos dos homens notaveis. O seu metro é o endecasyllabo, o heroico quebrado, e ás vezes o quebrado de cinco syllabas. Dá-se-lhe o nome de Pindarica quando tem uma divisão regular de estancias, denominadas Estrophes, Antistrophes e Epodos, observando-se em todas a mesma ordem, numero e qualidade de versos, e disposição de rima que se adoptar para as tres primeiras.

O estylo sublime é o proprio desta especie de poesia.

A Ode philosophica ou moral tracta de assumptos philosophi-

co-moraes, exprimindo os sentimentos que nos inspiram os varios successos da vida, as revoluções da fortuna, a instabilidade das cousas humanas, a cegueira dos homens sobre os seus verdadeiros interesses e prazeres, a pratica das boas acções, etc.

A Ode epodica, e a saphica são poesias philosophico-moraes. O metro usado na Ode epodica é o endecasyllabo e heroico quebrado alternado, rimado ou solto, ou enlaçado e formando estancias eguaes no numero dos versos, rimando uns com outros ou sem rima.

O estylo que lhe compete é o medio.

A Ode saphica não differe da epodica, só a characteriza o ser composta de estancias regulares de quatro versos cada uma, os tres primeiros endecasyllabos saphicos, e o quarto quebrado de cinco syllabas sem rima.

A Ode anacreontica exprime com mimo e delicadeza as commoções vivas, mas ligeiras e transitorias, quaes são as que nos causam os prazeres physicos da vida e do amor.

Characterizam esta especie de poesia a sua pequena extensão, a naturalidade dos pensamentos, a belleza das descripções, o agradavel das imagens, e sobretudo a facilidade e melodia da versificação.

O seu estylo é o medio descendo quasi ao tenue, e os versos usados nestas Odes são a redondilha maior e d'ahi para baixo, sós ou misturados, as mais das vezes rimados, e formando estancias distinctas.

O Epithalamio é um canto nupcial, que celebra a felicidade das vodas, ou as qualidades dos noivos. O metro usado nesta especie de poesia é o endecasyllabo só ou misturado com versos de menor medida, solto ou rimado. O seu estylo é o medio, elevando-se mais ou menos segundo a materia o pede.

A Canção tem de ordinario por objecto as situações campestres, e as penas motivadas pelo amor, saudade ou ausencia. Os nossos poetas tem tractado nas Canções toda a variedade de assumptos. O seu metro é o endecasyllabo e o heroico-quebrado ora só, ora misturado, solto ou rimado, terminando por uma ou mais estancias em que o Poeta fallando com a canção conclue com um novo pensamento.

O estylo proprio desta especie de poesia é o medio, elevando-se ou descendo segundo a materia de que tracta.

A Cantata tracta dos mesmos objectos da Canção. Alguns dos nossos Poetas tem tractado nellas os mais sublimes assumptos.

Tem duas partes, recitativo e aria. No recitativo o Poeta narra o assumpto, na aria faz reflexões suggeridas pelo recitativo. O metro proprio do recitativo é o endecasyllabo só ou com o heroico-quebrado, solto ou rimado, e o seu estylo o medio, elevando-se até ao sublime se a materia o pede. O metro da aria é a redondilha maior e d'ahi para baixo formando de ordinario estancias regulares, quanto ao numero de versos e rima, e o seu estylo é o medio descendo ou elevando-se segundo pede o assumpto.

A Lyra é egual á Canção quanto ao assumpto e estylo. O seu metro é o endecasyllabo, a redondilha maior e d'ahi para baixo, só ou misturado, em pequenas estancias regulares, repetindo-se de ordinario no fim de cada uma dellas um estribilho, composto de menor numero de versos e quasi sempre mais pequenos.

O Dythyrambo é uma Canção Bachica, e tracta dos louvores do vinho, de Bacho e dos prazeres da meza.

Nesta composição apparece uma affectada desordem, e por isso não tem estancias regulares e admitte versos de todas as medidas e combinados de varios modos. O seu estylo ora desce, ora se eleva, segundo as idéas que o Poeta exprime.

Modernamente o Dythyrambo compõi-se como o antigo de estancias regulares, e de versos de diversas especies, mas usa-se para exprimir sentimentos vivos de admiração, alegria ou indignação, tal é o Dythyrambo de Delille sobre a immortalidade da alma.

Os Poetas lyricos modernos exprimem os sentimentos, que os animam, com plena liberdade, sem se subjeitarem ás fórmas classicas, e por isso as suas composições não podem rigorosamente classificar-se pelas especies que ficam referidas. Por este motivo junctamos em appendice as poesias lyricas modernas.

ODE SAGRADA

Traducção do Canto de Ezechiel, Cap. 27

Oh! Tyro, Nau suberba, e poderosa (89)
Que tanto te jactavas
De perfeita, e bellissima estructura!
Tu, que tecida das mais duras faias,
Tu, para cujo masto produziu
O Libano frondente (90)

O cedro mais gentil, que o mundo viu;
Tu, que audaz, e potente
No coração das ondas te ostentavas
Chêa de gloria ufana, e dominavas
Em toda a vastidão do mar profundo.

Dos carvalhos fortissimos de Bassan (91)
Se puliram teus remos vigorosos.
Nos bancos dos remeiros valorosos,
Na tua poppa, oh Nau, resplandecia
Lucido esmalte de indico marfim.
D'aurea antena pendia a vela immensa,
Que Egypcio linho candido tecia.
A bandeira de purpura luzente
Suberba scintillava,
Ornada, e guarnecida
De rica bordadura, onde brilhava
Do vermelho jacintho
A flamma refulgente.

Os ricos habitantes
Da região Sydonia te serviam (92)
De remeiros possantes.
Os velhos, e os prudentes de Gibal (93)
Te forneceram destros marinheiros,
E nautico apparelho.
A sabios de prudencia, e de conselho
Foi, oh Tyro, teu leme confiado.
Mil povos do Oriente
Com animo valente
Defendiam teu bordo, onde se viam
Capacetes, escudos pendurados,
Fero apparato, bellico ornamento
Prompto para qualquer hostil intento.

Quantos povos abrange o mundo inteiro
Tracto comtigo tinham:

De toda a parte vinham
Em teu seio vastissimo esconder
As producções immensas, que criavam
As regiões diversas, que habitavam.

Tu com tua opulencia alegre, e ufana
Ias cortando o mar com largas velas;
Mas um vento cruel, e furioso
Deu de encontro comtigo n'um rochedo:
Chêa de espanto, e medo
Alli despedaçada,
N'um momento te viste sepultada
Nos abysmos dos mares. Teus thesouros
Tuas mercadorias, e riquezas,
Tuas altas emprezas,
Teus triumphos, e glorias, e teus louros,
Teus fortes marinheiros,
Teus pilotos, teus inclytos guerreiros
Com toda a multidão do povo immenso,
Tudo foi.... que desgraça! confundido,
E no seio das ondas submergido.

O triste som dos miseros clamores,
Que ao Ceo mandava a tua afflicta gente,
Diffundiu negro espanto: mil horrores
D'outros baixeis ao longe se apossaram:
Chêos de medo, e dôr seus navegantes
Precipitam-se em terra:
E em tanta confusão de fatal guerra
No duro chão prostrados,
Com prantos dessolados
Teu caso miserando lamentaram
E cinza, e pó funesto derramaram
Sobre as miseras frontes;
Seus cabellos cortaram,
E cingidos de asperrimo cilicio

No mais intenso excesso do seu mal:
Da sua dôr fatal,
Innundados de lagrimas sem conto,
Sobre a tua funesta desventura
Flebil canto entoaram de amargura.

«Houve jámais Cidade tam brilhante
«Outra, diziam, outra igual a Tyro?
«Ah! Tyro! Aonde estás? Responde, oh Tyro?
Tu no meio do mar emmudeceste?
No meio desse mar, onde leis déste?
Tu, que com teu commercio immenso e grande
Tantos póvos, e Reis enriqueceste,
É possivel, que estejas submergida
Nos seios horrorosos
Dos mares tempestuosos
Com todas as Nações, que dominavas!
E que tuas riquezas infinitas
Em ti por tanto tempo accumuladas
Fossem das bravas ondas devoradas!

Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes. Lisboa, 1799—pag. 359.

ODE HEROICA

Em louvor do Infante D. Henrique

Fervia ao longe com fragor medonho
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessibil pêgo
As fervidas voragens.
Desastrados successos agourando,
Pavido nauta trespassar não ousa
O Bojador sanhudo, que guardava (94)
Entre feros horrores
Os não surcados mares.

Tu, filho caro da natura, ó Genio!
Que tardaste em formar por tantos evos
O lusitano Henrique, alfim um dia
A empreza lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia. (95)
Eis elle na mão toma ardente faxo,
Que desde o Sacro-Promontorio fulge; (96)
Tiro de luz despede, que allumia
Do tenebroso Oceano
Os pelagos immensos.
«Ide romper os mares, disse aos Lusos,
Com chaves immortaes té-qui fechados:
Ide alargar por nova maravilha
Á patria Lysia, á Europa
Os terminos do mundo.»
Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E em promptos barineis ás ondas descem,
Deuses do mar potentes,
Os novos argonautas.
Já lá longe das praias, onde Alcides
Pôz balizas ao Orbe, as proas surcam (97)
Vastos desertos de profundas aguas:
E as barreiras quebrantam
Dos resguardados mares.
Que espectaculo grande a Natureza
Aos lusos apresenta! Quaes portentos
Não sabidos dos seculos amostra!
Quanto mundo encoberto
Aos olhos seus descerra!
Novos tritões na azul campina lhe abrem
Facil estrada: novas aves voam,
E já proximas terras lhe annunciam;
Novos benignos astros
De extranhos Ceos lhes brilham.

Eis d'entre as ondas já lá vem surgindo
Novos montes e cabos, novas praias,
Terras de vario clima, de diversos
Productos da Natura,
De ignota gente e nome.
Como do meio das cerradas nuvens
A atlantica Madeira sái formosa,
De verdejante folha a trança ornada;
E vẽi com brando gesto
Saudar os lusos nautas!
Correm pelo ceruleo campo a vel-os
As mais filhas de Tethys cubiçosas: (98)
As Garças, Arguim, e as que guardavam
Hesperides formosas
Os ricos pomos d'ouro. (99)
A torrida Ethiopia, ao sol visinha,
Desdobra o escuro veo, que a fronte cobre,
E amostra a face majestosa: vê-se
Vir receber os Lusos
O Arsinario cabo:
Vê-se mais ledo ao mar co'a gran corrente
Já vir o Sanagá, e o curvo Gambia:
Vê-se o filho do Grande Nilo, o Zaire
Contente devolvendo
Ao alto golpho as aguas. (100)
Da intrepida façanha desusada
Os maritimos Deuses se espantaram,
Mas não Protheo, que provido sabia (101)
Do immobil fado eterno
Os divinos arcanos.
Mal viu de longe as cortadoras proas,
Co'a fatidica voz, que tudo assombra,
«Ó lusos nautas, clama, ó vós ditosos,
Que os fados cá vos chamam
Do mar ao novo imperio.

Por estas ondas, ora povoadas
Te-qui em solidão desertas, cedo
Nesses ousados lenhos do Oriente
Virá toda a fortuna
Do Aureo Indo ao Tejo.»
Soou mui longe a voz do vate: ouviu-a
O roxo-mar e estremeceu; e o Nilo,
E a Suberba Damasco, e a syria Alepo,
E o grande egypcio Cayro,
E a rica Alexandria.
Ouviu-a, e estremeceu a gran rainha
Do Adriatico golphão: do alvo collo (102)
Cai-lhe o collar de nitido diamante;
Cai-lhe da altiva fronte
A c'roa d'ouro fino.

Poesias de Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos), Lisboa, 1812—T. 2.º, pag. 27.

Neptuno aos Portuguezes

As armadas undivagas povoam
Os mares das Antilhas,
E as praias n'outro tempo descampadas:
Aqui d'Estaing sem medo, (103)
Alli Rodney ditoso, de Amphitrite (104)
As planicies retalham.
Já á vista das bandeiras inimigas,
Os animos accesos,
Soltas as velas, os canhões troando,
De cem vulcaneas bocas
Sái a morte, em pelouros desparzida;
E as rochas ponte-agudas,
Que a borda encrespam das patentes ilhas,
Estremecem co'o estrondo

De bronze rouco, que rimbomba e brama.
As trepidantes aguas
Ás placidas cavernas crystallinas
Denunciam os sustos:
Já c'os verdes cabellos destrançados
Espavoridas fogem
As Nereias, no fundo mar que freme; (105)
Agastado Neptuno
Sacode a rédea aos bipedes cavallos;
E em pé na crespa concha,
Pelo azul campo os olhos extendendo,
Busca em vão as afoutas
Lusas naus, cubiçosas de conquistas.
Vê Lises, vê Leopardos, (106)
Raros, outr'ora, nos confins do Oceano,
Tremular hoje ovantes,
Desde a frigida Thule ao Roxo Eôo; (107)
E o Bátavo pesado
Na cheirosa Ceilão, rica Malaca
Promulgar leis lucrosas.
«Netos do Gama, netos de Albuquerque,
(E arranca alto suspiro
Neptuno, que assim brada) envergonhae-vos.
Qu'é do trisulco sceptro,
Que entreguei ao valente aventureiro
Que arou primeiro, ousado,
O ignoto mar de apavonada Aurora?
Aquellas Argos lusas, (108)
Chêas de heroes, que a Mauritania eschola
Criara e endurecera,
Já não trilham meu reino, desenvoltas?
Os braços alargando
O sancto Gange, o saudoso Euphrates (109)
Vos chamam, vos acenam,
E co'as preciosas praias vos convidam.
Perdeis da adusta Mina

O Bem-ganhado aurifero dominio?
Desamparais imbelles
Dabul, Cochim, a extranhos mercadores?
E essas terras outr'ora
Cobértas de triumphos portuguezes;
E o verde imperio meu
Que tingieis de sangue a cada passo,
Consentireis surcado
De Sármatas, Cimmerias, Daces quilhas? (110)
A cinza dos Pachecos (111)
Pediu vingança, e os Fados mais que justos
Cobriram de cegueira
Os olhos veladores do Governo.
Trajada de virtude,
Pregoando zelo (oh! dias desditosos!)
Tomou a Ignorancia
Nas mãos as chaves dos estados lusos;
Mal-avisado zelo
Na Asia, e na Europa levantou fogueiras; (112)
E as sevas labaredas,
Crestando as azas do liberto ingenho,
Mirraram sem regresso
Da lusa gloria as gradas esperanças!
Aqui perdeis Molucas,
Alli Ormuz, Barem, Borneo, Samatra...
Eis o Oriental tridente
Vos começa a caír das mãos inertes...
Elysia, abaixa os olhos,
Os olhos de taes magoas quebrantados...
Eis vão as boas artes,
Mimosos gomos de allumiados tempos,
Fanar-se ao secco sopro
De pedante escholastica doutrina.
Lá vai o incauto moço (113)
Dar ao alfange o collo da nobreza
Nas africanas costas.

Que lugubres desastres não rebentam
De empeçonhado tronco!
As ordens do Destino se cumpriam
Na linhage imprudente;
E ás garras dos Leões auri-sedentos (114)
As quinas sommettidas
O perennal opprobrio transpassavam
Ás armas triumphantes. (115)
Nem póde o novo Rei do avito throno, (116)
Com vozes poderosas,
Chamar as artes uteis foragidas,
Que se atroam c'o ruido
Do tambor rouco, da estouraz granada,
Eis quando se abraçavam,
Alviçaras reciprocas pedindo; (117)
E ás doutrinadas gentes
Descobriam as faces radiosas
Nos lyceus franqueados
Do sceptrigero Tejo, e do Mondego;
Fanatico granizo (118)
Caíu pesado nos pimpolhos tenros,
Que a seus olhos criava
Solicita a Sciencia, para ornarem
O Josephino sec'lo...
Fostes Lusos; e a gloria dos maiores
Mal doura inda os escudos
Dos descuidados netos, té que a apague
A mão caliginosa
Da bronca Barbaria, companheira
Do ardente fanatismo.»
Dorindo a musa afrouxa, e se enrouquece
De recordar na lyra
Os convicios do cerulo despota,
E os revezes da Elysia.

Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio), Parnaso Lusitano, Pariz, 1827 — T. 3.º, pag. 441.

ODE PINDARICA

A D. João de Castro

Estrophe I

Quando o discurso humano
Se pŏi da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece, e perde a confiança:
Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Vê de em torno brotar alta esperança,
E, qual o Sião monte, (119)
Seguro entre as procellas alça a fronte.

Antistrophe I

De feroz turba ingente,
Horrendamente armada,
Thema infeliz cercada
Via o grão Machabeo, e tambem via
A pouca de Judá e inerme gente:
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual pó o desfaz que o vento espalha. (120)

Epodo I

Subito de ruinas se cobriam
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados
De sangue em largo rio
Morrendo com furor se revolviam:
E quaes no ardente estio
Em torno caem de cegador nervoso
Aos centos as espigas,

As hastas inimigas
Ao lado caem do capitão glorioso.

Estrophe II

Em tanto triumphante
Exultando a Judêa,
Das palmas de Iduméa, (121)
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros scintillante;
Seu valor, sua fé, sua ousadia
De cem harpas ao som ao Ceo subia:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

Antistrophe II

Oh de Israel afflicto
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como, brandindo a mortal lança,
Á Syria já terror foste infinito,
E só pela formosa similhança
Que descobre entre ti hoje a lembrança,
E o triumphante Castro,
De immensa luz em Lysia immortal astro.

Epodo II

Roto em cem partes o famoso muro
Que suberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A majestosa Diu: (122)
Tincta de dó e involta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pizava.

Estrophe III

Quando brandindo a lança,
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
De poucas tropas na galharda frente:
Já de seu seio sái, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Lybya ardente, (123)
Que sacudindo a juba,
Por dardos rompe e o caçador derruba.

Antistrophe III

No terrivel conflicto
Brandia o varão forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga.
E qual então lançou medonho grito
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

Epodo III

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate
De Salsetta á campina, (124)
Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro ardimento
Em novo, sanguinoso, e atroz combate.
Quaes no salôbre argento
Os mares uns sobre outros se encapellam,
Quando Euro procelloso (125)
Roncando cái furioso,
Taes os Mouros fugindo se atropellam.

Estrophe IV

De immenso povo armada,
Eis de Baroche á praia
Desce feroz Cambaia; (126)
Sangue estilando ante ella pavoroso,
Por cem canhões de bronze Marte brada;
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
Qual de Medusa a frente, (127)
Immovel deixa a innumeravel gente.

Antistrophe IV

Eu que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cobrir todo me vejo,
As azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome á salsa escuma,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul afflicto. (128)

Epodo IV

Como feroz Pondá cruel combate:
Cômo de Antheu na terra (129)
O genio ensaia para a dura guerra:
Como troando ardente
Por terra derrubou Patane e Pate: (130)
Como no golpho ingente,
Estragos semeando a forte espada,
Enche o Hidalcão de espanto... (131)
Porém se é longo o canto
Nem sempre ao côro do Parnaso agrada.

Odes Pindaricas de Antonio Diniz da Cruz e Silva, chamado entre os Poetas da Arcadia Portugueza, Elpino Nonacriense, Londres, 1820—Ode 10.ª, pag. 60.

ODE EPODICA

A vida rustica

Oh mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso hynverno alegre passa!
Que de um pequeno campo,
Que elle mesmo cultiva, se alimenta
Apascentando as vacas,
Que da mão paternal sómente herdou
C'os dourados novilhos,
Em quanto sobre a terra se reclina
Dormindo descansado
Ao som das frescas aguas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando somno.
A sordida cubiça
Lhe não faz conceber vastos projectos;
Não pensa, não intenta
Atravessar o Cabo tormentoso,
Soffrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E vêr na fêa noite
Entre nuvens a Lua ir escondendo
O macilento rosto,
Por ir commerciar c'os pardos Indios,
E Chinas ingenhosos.
A sêde insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah illustre Soeiro, doce amigo,
O ouro de que serve,

Se os annos vão correndo tam velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada, e pallida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de niveas cans?
O senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando suberbos edificios,
Arranque as oliveiras,
O choupo, que sustenta as roxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas.
O campo que ondeava
Com as uteis, e pallidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro,
Alegre vá passando
No seio das delicias, e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres filhas da noite, as impias Parcas, (132)
Girando os leves fusos,
Lhe acabam de fiar os curtos dias.
Que a morte inexoravel
Se chega ao rico leito, em que descansa,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe pega.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gosar por longos annos.
Só tu, filha do Ceo,
Impávida Virtude, não extranhas
O aspecto da morte.

Obras Poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, Lisboa, 1778 — Pag. 394.

ODE SAPHICA

A Horacio

De grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme Deusa
A poucas cinzas reduzindo, espera
Impia memoria. (133)
É menos torpe, menos detestavel
Tam fêo crime que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.
Ora sereno, como o sol dourado,
De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.
Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos Ceos batendo (134)
As negras azas, terra e mar involve
Espessa chuva.
Sempre sublime no Parnaso colhe (135)
O digno louro, que lhe adorna a testa,
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança. (136)
Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gêlo,
Serena a lua, as Graças vêm dançando
Com Cytherea, (137)
Em quanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja
Mostram os çujos amarellos rostos
Os rijos Brontes. (138)
Ou já crimine da civil discordia
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cale-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos. (139)

Ou branco cysne livre já da Esthygia, (140)
Sinta nascer-lhe rude pêllo, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas.

Sobre as cidades vôa, já descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperborios campos,
Libicas Syrtes. (141)

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o Vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido. (142)

«Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Carthago.» (143)

Oh grande Horacio, sempre grande e forte
Sempre sublime, rapido te eleva:
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estrellas.

Obras poeticas de P. A. C. Garção, Lisboa, 1778—Pag. 399.

ODE ANACREONTICA

Veloz borboleta
Que leda girando,
Penosas idéas
Me estás avivando:
Insecto mimoso,
Aos olhos tam grato
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentís, penetrantes;
Tu andas brincando
De flôr para flôr;
Anarda vagueia
De amor em amor.

Poesias de M. M. B. du Bocage, Lisboa, 1853. — T. 2.º, pag. 115.

EPITHALAMIO

Hymen, oh! Hymenêo, (144)
Desce, Hymenêo, do Ceo sagrado, desce
Coroado de rosas;
Vẽi unir com Marilia o lindo Aónio,
Um do outro escolha digna.
Vẽi, que com rogos, com sonóro canto
Ancioso te intercedo...
Mas eu, que sinto! Que prodigio sancto
Me aligeira, me eleva
Nas azas, que ornam sp'ritos abrazados
Onde é que me eu remonto!
E quem me chama, nos luzentes ares?
És Hymen, Hymenêo,
Que a mão me dás, porque em teu Templo admire
Os quadros de alta Historia
Onde apontas os prosperos successos
Dos consortes felizes,
De que sinto a memoria tam pejada,
Que a publical-os corro...
Eis que Hymenêo me cerra c'um sinete,
Os labios insoffridos;

Porque ao profano vulgo não proceda
Que, em despeito dos fados,
O arcano revelado lhe antecipe.
Eis desce, e em puro lume
Da ara nupcial accende ambos os faxos,
Que hão de abrazar os peitos,
Dos esposos, com que ardam á porfia
Em caricia incessante.
Por todo o trilho que nos ares fende,
Me vẽi dictando meigo
A nova, e transcendente melodia,
Com que suave entôe:
«Sêde sempre festivos, sempre amantes,
«Em virtuoso laço,
«Esposos, que amo: e prosperos nos filhos
«De ingenho e brio ornados,
«Virtuosos heróes, que a patria illustrem.

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento) Pariz 1817—T. 3.º, pag. 186.

CANÇÃO X

No cruzeiro da costa da Arabia

Juncto d'um secco, duro, esteril monte, (145)
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido:
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Feliz, por antiphrase infelice;
O qual a natureza
Situou juncto á parte,
Aonde um braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,

Em que fundada já foi Berenice, (146)
Ficando á parte, donde
O sol, que nella ferve, se lh'esconde;
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vẽi correndo,
Limite faz, Arómata chamado: (147)
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, máus e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios:
Não tendo tam sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, fervidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui' stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tam alto
Me subiam nas azas, que caia

(Oh vede se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva.
De dôres rodeiada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da suberba Fortuna;
Suberba, inexoravel e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam:
Somente o Ceo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tam pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hore
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista já vivi:
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados

*

De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa,
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:
  Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah! Senhora! Ah! Senhora! E que tam rica!
Estais, que cá tam longe d'alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me junctam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
  Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós Senhora;
Ás aves qu'alli voam, se vos viram,
Que fazieis, qu'estaveis practicando;
Onde, como, com quem, que dia e que hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assim vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.

Obras de Luiz de Camões, Lisboa 1852.—T. 2.º, Canção 10, pag. 331.

CANTATA

Dido (148)

Já no roxo Oriente branqueando
As prenhes velas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando.
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cupulas suberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sicheu com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:

E o derramado vinho
Em pelagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram (149)
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a teucra espada. (150)
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro e crystallino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio, (151)
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram;
«Doces despojos
Tam bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os Fados,

Em quanto Deus
O consentiam.
Da triste Dido
A alma acceitae,
D'estes cuidados
Me libertae.
Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte, (152)
A sombra sua
Na barca fêa
De Phlegetonte, (153)
A negra vêa
Surcando vai.

Obras Poeticas de P. A. C. Garção, Lisboa 1778—Pag. 239.

LYRA

A Primavera

Já nasce o bello dia,
Principio do verão formoso e brando
Que com nova alegria
Estam denunciando
As aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.
Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas do Oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas
Aljofradas de gottas crystallinas.

Já o sol mais formoso
Está ferindo as aguas prateadas,
E zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos:
De reluzente areia
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo, e da faia,
Do freixo, e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro:
Já com rumor profundo
Não sôa o Lis nos montes seus visinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes, que nas vêas
Deixam, tremendo, a sombra nas arêas.
Já sem nuvens medonhas
Se mostra o Ceo vestido de outras côres,
Já se ouvem as sanfonhas
E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra, e pelo prado.
Já nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas,
Cantam os ovelheiros,
Em quanto os gados pascem
As mimosas hervinhas, que renascem.
Sobre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noite cantando
O rouxinol suave
Com saudoso accento agudo e grave.

Diana mais formosa,
Sem ventos, sobre as aguas apparece,
E faz que a noite irosa
Tam clara resplandece
Á vista das estrellas,
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.
Tudo n'esta mudança,
Qual em sua esperança,
Tambem de novo cobra novo estado,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento,
Qual melhora na vida o pensamento.

Obras Politicas, Moraes e Metricas do insigne Portuguez Francisco Rodrigues Lobo, Lisboa 1723.—Floresta 1.ª, pag. 128.

DITHYRAMBO

Eis-me no Ménalo, Nébrides, Ménades (154)
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos
Egipães descortino. (155)
De verdes Thyrsos abastado souto (156)
Ao stridente clangor das charamélas,
Méde a compasso a estrada.
Co'as rudes mãos o adufe arripiando
Estrugindo, a cohorte alvoroçada
Affugentava em torno
Os pavorosos hospedes das messes,
Que ás lapas vão do esconso valle a vôo,
E lá despir o susto.
Nus os peitos, madeixas desgrenhadas
Atiplam as Bassarides o cheo (157)
Da dissona assuada,
Voz em grita—Evohé—que rompe as nuvens, (158)
Mil vezes repetido, rebramado,
Vão rematando coplas.

Os cornigeros Faunos, e Silvanos (159)
Vem, na fila, escanchados nos jumentos,
C'um velho mui caraça,
Que, na panda garupa, duas Nymphas
De azevieiros olhos, com mais môsto
De emborrachar acabam.
N'um carro engrinaldado de Hera, e pampanos,
Que duas Onças tiram, vẽi sentado
De Sémeles o filho. (160)
A de Naxos a venturosa amante (161)
Lhe vẽi luzindo ao lado. Olhos languentes,
Entrelaçados braços,
Humedecidos párpados, suspiros
Ardendo, em vez de vozes, denunciam
Qual Deus na alma lhes lavra.
Os pintados ferozes Agathyrsos (162)
(Comitiva de Evan) quando dão tino (163)
Desse painel de amores,
Extranho affeito sentem estar pulsando
No coração, e dar tregeito á bocca,
Que vozeia — Evohé —
«Que formosa que ella é! Quanto elle é lindo!
«Evohé! Evohé!» Eis almagrados,
Com o sarro do vinho
Satyros fulos vem fechando o couce (164)
Dessas orgias; c'os pés, co'as mãos ferindo
Destampada battuta: (165)
E affadigando os echos das montanhas,
C'os retinnidos silvos surdescentes,
Das rispidas avênas.
Não fico. Vou com Marcia, nova Ariadna,
Enfrascar-me tambem no mel das cepas.
— Evohé, Padre Baccho! —
— Dá-me a mão; dá-me assento aos pés do throno,
— A mim, e a Marcia... Ah! não. Que temo ao vel-a,
— Que a Ariadna infido sejas.

—Cá me arrancho com o Aio. Sus, amigo,
—Que, a roncos, nos resfolgas sustenidos,
  —Lá vai, de golpe, um frasco.
—Bebe, oh! Marcia, aos bigodes espumantes
—De Sileno; que tens, se a taça empinas, (166)
  —Mais meiga a luz dos olhos.
—Outro frasco de mais não me faz pejo,
—Antes me esperta o fogo das idéas;
  —Dispára, á flux, os versos.
—Olha Baccho, a me ouvir, que encolhe ás Onças
—O. . . Maldicto, que ao canto o fio quebras,
  —Visiteiro importuno! (167)

Obras completas de Filinto Elysio (Francisco Manuel do Nascimento), Pariz 1817.—T. 3.º, pag. 66.

APPENDICE

A Cruz mutilada

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no atahude,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Oh cruz do meu Senhor,
É se te encontro á tarde,
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,
Meia quebrada, oh cruz! Sosinha estavas
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncáda.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave-Maria;* da oração singela,
Mas solemne, mas sancta, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,
Que a natureza envia ao Ceo no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente d'este orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo a quem consolo
Na miseria e na dor constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando—*esmola!* a um;—*piedade!* ao outro.

Oh cruz, se desde o Golgotha não foras
Symbolo eterno de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oppressos de outr'ora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és nuncia do Ceo, e elles te insultam,
Esquecidos das lagrimas perennes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do seu viver d'escravidão! Deslembram-se
De que, se a paz domestica, a pureza
Do leito conjugal bruta violencia
Não vai contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponez não é ludibrio
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de ferteis campos
Colhe tranquillo da fadiga o premio,
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga:—é meu, e és meu! A mim deleites,
Liberdade, abundancia: a ti, escravo,
O trabalho, a miseria unido á terra,
Que o suor d'essa fronte fertilisa,
Em quanto, em dia de furor ou tedio,
Não me apraz com teus restos fecundal-a.»

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasphemar, tu te elevaste
Lá do Oriente, oh cruz, involta em gloria,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:—
Mentira!» E o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança scintillava, a medo,
E viu as faces do senhor retinctas
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no Ceo do oriente
Da liberdade annunciara a vinda.

Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia
Desgastou no volver de cem combates,
Ao vêr que, emfim, o seu paiz querido
Ja não ousam calcar os pés d'extranhos,
Vêi assentar-se á luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, juncto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o sol tostou e que enrugaram annos,
Ha um como fulgor sereno e sancto.
Da aldêa semideus devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saudam-no qual pae. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado:
Sobre a meza frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o tumulo suaves,
Rodeiados de affecto, e quando á terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a louza a saudade ainda lhe esparze
Flores, lagrimas, bençãos que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tyrannos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? um retiro no deserto,
Um pincaro granitico, açoutado
Pelas azas do vento e ennegrecido
Por chuvas e por soes. Para ameigar-te
Este ar humido e gelido a segure

Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste:
Dae-me, sequer, do bravo medronheiro
O desprezado fructo! O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do hynverno,
E Deus creou para trajar as rochas.
Filha do Ceo, o Ceo era o teu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentis boninas,
E o pedestal te rodeiavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, juncto a ti silencio.
Que te importava? As arvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circumdar-te de hymnos.
Affagava-te o raio derradeiro,
Frôxo do sol ao mergulhar nos mares,
E esperavas o tumulo. O teu tumulo
Devera ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, á voz do Eterno,
Do orbe ao nucleo fervente, que as gerara,
Ellas nas fauces dos volcões descessem.
Então para essa campa flores, bençãos,
Ou de saudade lagrimas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras á ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudario involta.

Este longo esperar do dia extremo,
No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de soffrer aos teus remidos,
Oh redemptora cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e accusação perenne
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, á noite,

Quando a procella no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz accusadora
Sobrelevar á voz da tempestade?
Que lhes dizias tu? De Deus falavas,
E do seu Christo, do divino martyr,
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldicta
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu trance final:—Ergue-te, escravo!
És livre, como é pura a cruz da infamia.
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes
Sereis ante meu Pae. Ergue-te, escravo!
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos seculos. Da terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho
Trará da tua liberdade o dia.»

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras
Ao perpassar, oh cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite, a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser é ser infame.
Mutilado por elle, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Symbolo sacrosancto. Hão de os humanos
Aos pés pizar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a divida não paga
Ficará, oh tremenda accusadora,
Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Christo o nome passará na terra.

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perenne testemunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a lua, o murmurar da fonte,

Da natureza as vagas harmonias,
Da cruz em nome, falarão do Verbo.

Della no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é sancto
Este rochedo nú, e um hymno pio
A solidão lhe ensinará e a noite.

Do cantico futuro uma toada
Não sentes vir, oh cruz, de além dos tempos
Da brisa do crepusculo nas azas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saudar-te.

Montanha do Oriente,
Que, sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o sol, surgindo a aurora,
E que, lá no Occidente,
Ultima vês seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descansas
No promontorio nú e solitario,
Como atalaia, que o oceano explora,
Alhêo ás mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao sol a prumo que o devora,
N'esses dias ardentes
Em que o Leão nos ceos passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mar, que vás quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh lua silenciosa,
Que em perpetuo volver, seguindo a terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz ádora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Oh veneranda cruz:
Embora eu te não veja
N'este ermo pedestal;
És sancta, és immortal;
Tu és a minha luz!
Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, á noite, fez nos ceus
Teu vulto scintillar.
Os raios das estrellas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil,
Se vão entretecer.
Ferido, abre o guerreiro
Os braços, sólta um ai,
Pára, vacilla, e cai
Para não mais se erguer.
Cruzando aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.
Surges, symbolo eterno
No Ceo, na terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor!

Poesias por Alexandre Herculano, Lisboa 1860 — Livro 1.º A Harpa do Crente, pag. 121.

O Bussaco

Oh! salve irmão do Libano,
Que altivo ergues a fronte,
Monarcha d'estas serras,
Senhor da solidão!
Salve, gigante cupula
Que ostentas no horisonte,
Erguida sobre as terras,
A cruz da redempção!

Em teus agrestes pincaros
O homem vive e sente
Mais longe d'este mundo,
Mais proximo dos Ceos:

Por isso, nos seus extasis,
O monge penitente,
Aqui meditabundo,
Se erguia aos pés de Deus.

Por largo tempo o cantico
Do pobre cenobita
Soou na ermida rude
Da tua solidão:
Hoje o silencio lugubre
Sómente n'ella habita,
Silencio d'ataúde
Em funebre mansão.

Porém se os coros misticos
Findaram sua reza,
Se a voz do sancto hosanna
Em ti já feneceu;
Tu vives, e inda incolume
Ao Deus da natureza,
Calada a voz humana,
Descantas o hymno teu.

Oh! como és bello erguendo-te
Á luz do novo dia,
Que os mantos de verdura
Te banha de fulgor!
Quando o gemer dos zephiros,
Das aves a harmonia,
Acordam na espessura
Louvando o Creador!

Mas quanto mais esplendido
Serás quando a tormenta,
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cai!

Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta
C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrido fragor!
Depois, em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor.

Tu és grandioso; o animo
Que a sós aqui medita
Recolhe altas imagens
De sancta inspiração:
Oh! porque veiu turbida
A guerra atroz, maldicta,
Soltar n'estas paragens
As vozes do canhão?

D'um lado eram as bellicas
Hostes de Bonaparte;
Do outro heroico e ufano
O povo portuguez:
A liberdade e a patria
Ergueu seu estandarte,
E a historia do tyranno
Contou mais um revez.

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:

Só tu, sorrindo impavido
Do tempo, e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

E cada vez que fulgido
Renasce o novo dia,
De nova luz te banhas,
Despindo os negros veus;
E dizes, em teu jubilo,
Ao sol que te alumia:
—O rei d'estas montanhas
Sauda o rei dos Ceus:

Depois, ao vel-o pallido
Nas vagas do horisonte,
Pareces ao mar vasto
Dizer com altivez:
—Em teu regaço, ó pelago,
Tu lhe sumiste a fronte:
Avança, que de rasto
Virás beijar-me os pés!

Poesias por Antonio Augusto Soares de Passos, Porto 1856—Pag. 186.

Cantico da noite

Sumiu-se o sol esplendido
Nas vagas rumorosas!
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!

Alabastrina lampada,
Lá sóbe a lua! Em tanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios!
Hora, que aos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em nossos animos
Inspirações da Fé!
De noite, se um revérbero
De Deus nos alumia,
Distilla-se de lagrimas
A prece, a prophecia
Alma enlevada em extasis
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos cerre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, e já medonhos,
Hora dos Ceos, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.
D'elles, só vans memorias;
De mim, só resta um nome.
No abysmo do preterito
Desfez-se choro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!

Teu curso, ó Providencia;
Quem n'o previu jámais?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando?
Quantos não fez cadaveres
N'um leito o somno brando!
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações? os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto; já não tremo,
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama-me? ascendo á patria;
Poupa-me? aspiro a ella.
Servir-te! ou ver-te, e amarmo-nos!
Que sorte, ó Deus, tam bella!
Vẽi! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor!

Estrêas Poetico-musicaes para o anno LIII. Por Antonio Feliciano de Castilho. Lisboa, 1853. — Pag. 21.

Cantico da manhã

Que alvor?! que amar?! que musica,
Nos ceos, em mim, no ar,
Á festa da existencia
Me vem resuscitar?!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar co'a luz!
Involta em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz!

Fonte do Ser! Espirito!
Mysterio! Creador!
Eis-me! saí d'um tumulo,
Como da terra a flor.
Eis-me! eu te escuto! emprega-me?
Senhor, que vou fazer?
«Ama» bradou voz intima,
«Amar cifra o dever.»

O mesmo. — Pag. 25.

Hymno do trabalho

Voz

No regaço do luxo, a opulencia
Os cansaços do ocio maldiz;
Entre as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho;
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

Voz

Deus, impondo ao peccado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a preguiça inimiga,
Reconquista o Eden terreal.

Coro

Trabalhar meus irmãos; etc.

Voz

Quem dá graças aos Ceos ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
É o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
É suicida; e mais vil que o suicida;
É suicida a quem falta o valor.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente, e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Coro

Trabalhar, meus irmãos; etc.

Voz

Mar e Terra, Ar e Céo, tudo lida;
Deus a todos pôz luz e deu mãos;
Lei suprema o trabalho é na vida;
Trabalhar! trabalhar, meus irmãos!

Coro

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

O mesmo. — Pag. 46.

GENERO EPICO

O genero epico em geral abrange toda a narração poetica.

Este genero comprehende a epopêa propriamente dicta ou poema epico, o romance, e as epopêas secundarias.

Epopêa é a narração poetica de uma acção ou empreza illustre.

O estylo proprio do genero epico é o sublime.

O verso usado na epopêa portugueza é o endecassyllabo solto, ou rimado, e ordenado pela maior parte em estancias de oito versos cada uma, chamadas oitavas ou oitava rima, rimando nellas os seis primeiros versos alternadamente, e os dous ultimos um com o outro.

Romance é a narração poetica de uma acção da vida social e commum, inteiramente ideal ou misturada de verdade e ficção.

O romance divide-se em varias especies segundo a natureza da acção, e o modo de a narrar.

O estylo e o metro proprio d'esta composição poetica variam conforme o assumpto e a fórma da narração.

São epopêas secundarias, o poema heroi-comico, e o jocoso.

Poema heroi-comico é a narração poetica de uma acção insignificante ou ridicula revestida de todo o apparato da epopêa propria.

O estylo d'esta poesia eleva-se por momentos á pompa heroica para passar depois por uma quéda rapida ao comico proprio do assumpto, quéda que deve ser inesperada sem ser disparatada.

Poema jocoso é a narração poetica de uma acção graciosa. Admitte varios metros, e compete-lhe o estylo medio, descendo ás vezes até ao tenue.

EPOPEA

OS LUSIADAS

Discursos

CANTO II

Supplica de Venus a favor dos Portuguezes

. . . .

. . . .

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso, (168)
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse.
Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina; (169)
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo que é meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão caídas vejo, —
Que assás de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra o meu desejo!
Por elle a ti rogando, chóro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo é maltractado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui.... E n'isto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa.

Obras de Luiz de Camões, Lisboa 1852. — T. 1.º, pag. 50.

CANTO II

Resposta de Jupiter

XLIV

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou (170)
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo; (171)
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo; (172)
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

LXVII

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos! (173)

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Occidente. (174)
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tam famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado:
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado; (175)
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Diu forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli suberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra,

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tam potente:
E vereis em Cochim assignalar-se (176)
Tanto um peito suberbo e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assim mereça eterno nome e gloria. (177)

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Accias guerras animoso,
O capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto
A victoria trazia e preza rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica; (178)

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E, subjeita a rica Aurea-Chersoneso, (179)
Até ao longinquo China navegando,
E ás ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tam forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano; (180)
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrará o aggravado Lusitano (181)
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

O mesmo — Pag. 51.

CANTO IV

Falla de D. Nuno Alvares Pereira no Conselho de Guerra

XIV

Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV

Como? da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte? (182)
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha de sair quem negue ter defeza?
Que negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver subjeito?

XVI

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tam guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que septe illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a preza que tiveram? (183)

XVII

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assim vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se é certo que co'o Rei se muda o povo,

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Egual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Este só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

O mesmo — Pag. 127.

CANTO IV

Falla do velho na praia de Rastello ao ver partir a frota de Vasco da Gama

XCIV

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tam facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias!

XCVIII

Mas ó tu, geração daquelle insano, (184)
Cujo peccado, e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te pôz neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia
Da edade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d'armas te deitou;

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantazia;
Já que á bruta crueza, e feridade
Puzeste nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá: (185)

C

Não tens juncto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldicta, (186)
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e Ethiopia?

CII

Oh maldicto o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora, ou vivo ingenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome, e a gloria!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do Ceu
O fogo, que ajunctou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonras, grande engano! (187)
Quanto melhor nos fora, Prometheu,
E quanto para o mundo menos damno,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettera o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Um nome ao mar, e o outro fama ao rio. (188)
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! extranha condição!

O mesmo — Pag. 154.

NARRAÇÕES

CANTO III

Morte de D. Ignez de Castro

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te subjeita.
Vendo estas namoradas extranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, qne casar-se não queria;

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade:
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Saídas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

Para o Ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos mininos attentando,
Que tão queridos tinha, e tam mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:.

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tam piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram, (189)
E co'os irmãos que Roma edificaram; (190)

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter subjeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas, se to assim merece esta innocencia,
Põi-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente, (191)
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põi-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Alli co'o amor intrinseco, e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que desta sorte o quiz, lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha, (192)
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece:
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem podéras, ó Sol, da vista d'estes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia! (193)
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltractada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida,

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores. (194)

O mesmo — pag. 115.

CANTO V

Fabula de Adamastor

XXXVII

. . . .
. . . .
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece,

XXXVIII

Tam temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida;
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida;
Chéos de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tam grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso, (195)
Que um dos septe milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arripiam-se as carnes e o cabello
A mim, e a todos, só de ouvil-o e vel-o,

XLI

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho, ou proprio lenho;

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo. (196)

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança; (197)
E não se acabará só nisto o damno
Da vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náus vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

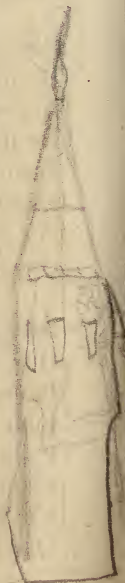
XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceus,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deus. (198)
Aqui porá da Turca armada dura
Os suberbos e prosperos trophéus:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura, e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizada longamente
C'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão. (199)

XLIX

Mais ía por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grando brado
Me respondeu com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio; (200)
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio. (201)
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antarctico se extende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano; (202)
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano: (203)
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo (204)
Me fizeram tomar tamanha empreza:
Todas as Deusas desprezei do Ceo,
Só por amar das aguas a princeza.
Um dia a vi, co'as filhas de Nereo, (205)
Saír nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

Como fosse impossibil alcançal-a,
Pela grandeza fêa do meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mim lhe falla;
Mas ella, c'um formoso riso honesto,
Respondeu: qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'um gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra escuse o damno;
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que caír não pude neste engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
Uma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte
De aspero mato, e de espessura brava.
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E juncto d'um penedo outro penedo.

LVII

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me n'este engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D'aqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos:
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o Ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se extenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
N'este remoto cabo converteram
Os Deuses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Tethys cercando d'estas agoas. (206)

LX

Assim contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

O mesmo — Pag. 170.

CANTO VI

Historia dos doze de Inglaterra

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania, (207)
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tam pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fêa infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI

Mas, como fossem grandes, e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os Deuses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão ao Duque de Alencastro. (208)

XLVII

Era este Inglez potente, e militára
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos n'esta terra experimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma. (209)

XLVIII

Este que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas, (210)
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tam divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas
Do vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L

Desta arte aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lh'o soffre a Regia majestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vẽi pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade, donde teve (211)
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas d'uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro, ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia, (212)
Dest'arte falla á forte companhia:

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras extranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero se me deixaes, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas é ultima linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI

Assim diz: e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Logares que ganhára o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos,
Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes (213)

LVII

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa extranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festas agasalhados,
E das damas servidos, e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste; por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assim na côrte Ingleza
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n'um sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro, (214)
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze saír como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante!
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desegual, e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoróçar-se geralmente

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla; e logo se ía
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII

A dama, como ouviu que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle, (215)
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'espóras, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça, e teme.
Qual do cavallo voa, que não desce,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algum d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cái a suberba Ingleza do seu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo com fabulas sonhadas.
Basta por fim do caso, que intendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria,

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria;
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e cara terra.

O mesmo — Pag. 206.

DESCRIPÇÕES

CANTO IV

Descripção da batalha de Aljubarrota

XXVIII

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouviu-o o monte Artábro; e Guadiana (216)
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

Quantos rostos alli se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
É menor muitas vezes que o perigo: (217)
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir, que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala:
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semeia,
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroam;
Recrecem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que as apouca. (218)

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão,
(Caso fêo e cruel!) mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei, e a patria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso extranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno. (219)

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos, (220)
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano (221)
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita 'stá o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão: (222)
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alhêo. Alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara: (223)

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala: (224)
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se eguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejae verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o Magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro:

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assim recebem juncto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago, (225)
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome (226)
Tem das almas que passam deste mundo:
E, porque mais aqui se amanse, e dome
A suberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alhêo, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

O mesmo — Pag. 132.

CANTO VI

Descripção da tempestade

LXX

Mas neste passo assim promptos estando,
Eis o Mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estae, que o vento cresce
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas junctos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subido temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija, tudo ao mar: não falte accordo:
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nau, n'um bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV

A nau grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquillo queriam (227)
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fêa se allumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto (228)
Juncto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tam vivos raios fabricou
Contra a fera suberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes: (229)
Nem tanto o grão Tonante arremessou (230)
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, d'onde sós viveram,
Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o Ceo fossem viradas;
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

O mesmo — Pag. 215.

CANTO IX

Descripção da ilha dos Amores

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.

LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajunctar-se,
Onde uma meza fazem, que se extende
Tam bella, quanto póde imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao Ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos: (231)
Encosta-se no chão, que está caíndo
A cidreira co'os pezos amarellos:
....
....

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados, e queridos;
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso. (232)

LVIII

Os dons que dá Pomona, alli natura (233)
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores: (234)
O pomo, que da patria Persia veio, (235)
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos, e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos. (236)

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno: (237)
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, Deusa Paphia, inda suspiras. (238)

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
No Ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora, (239)
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona. (240)
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

CAMÕES

CANTO III

A Visão

XV

«Nada na côrte obtive contrastado
Por tam forte inimigo, eu sem fortuna (241)
Sem arrimo, sem pae.—Como eu, perdido,
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela patria hão barateado
Para perder á mingoa o resto d'elle,
Meu pae de pura magoa e de despeito
Fenecera em meus braços.—Só no mundo,
Que me restava? Perecer como elle,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a affronta d'uma patria ingrata.

XVI

«De taes idéas combatido o animo,
Um dia ás margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeava,
E os olhos desvairados extendia
Por essa majestade de suas aguas
Coalhadas de baixeis que as ricas páreas,
Que os tributos do Oriente vem trazer-lhe.
Andando, meu espirito agitado
Se enlevava nas glorias, nos prodigios
Que a tão pequeno canto do universo
Ametade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De tropheus portuguezes; via o nauta,
Que ousou galgar o tormentorio cabo,

E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas sanctas. Retiniam-me
Nos tremulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebros, as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da prospera Malaca,
E da suberba Goa, emporio novo
Do novo imperio immenso. Ajoelhados
Via os Reis de Sião e de Narzinga
Aos pés do vencedor depôr os sceptros,
E render, supplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruinas
Dos inflammados bastiões,—dispersos
Os palpitantes membros desse filho
Por quem não correm lagrimas paternas;
Não, que martyr da patria é morto o filho.

XVII

«Desse pae venerando,—esse Fabricio (242)
Da lusitana historia, renovando
Sob os arcos triumphaes da inclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitania e Roma.—
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflammavam n'um extasi de rapto
Meu peito portuguez memorias grandes.
Quem taes milagres d'heroismo e d'honra,
Quem tanta gloria a tam pequeno berço
Foi tam longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, á mais pequena nação do orbe
Deu mares a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, Reis a humilhal-os,
Ignotos mundos a ajunctar ao velho,
E, a dilatar-lhe a superficie, a terra?

Elles.—E a patria, por quem tanto hão feito
Que digno premio lhes ha dado?—A fome
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava.

XVIII

«Ingrata—ingrata patria! Fatigado
Como de tanta gloria e tal vergonha,
Parei. Juncto me achava então do templo (243)
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De gloria e religião, esmero d'artes
Protegidas d'um Rei que soube o preço
—Alguma vez ao menos—ao talento,
Á lealdade, ao valor, ao patriotismo.
—Nem sempre; mas tam pouco de virtude
Basta n'um Rei para esquecer-lhe os crimes?

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Nas vivas telas animadas
Dos pinceis de Campello se pasciam (244)
Meus olhos admirados. Dei c'o tumulo
De custoso lavor que ahi resguarda
As cinzas do Monarcha afortunado.
Afortunado em vida;—a morte, fecha-lhe
Sêllo do Eterno os labios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulchro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degráus do tumulo; insensivel,
No recostado braço a frente inclino,
E descaí n'um languido deliquio,
Que nem morte, nem somno, mas olvido
Suavissimo é da vida. Somno embora

Lhe chamaria, se as visões tam claras,
Mais rapto d'alma em extasi sublime
Que imagem vã de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural effeito
De agitados sentidos; porventura
Mui credulo serei: mais alta causa
Do phenomeno extranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse.—Affigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrellas
No puro azul dos Ceos:—foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana fórma irregular,—qual soem
Ao pôr do sol phantasticas figuras
As nuvens debuxar pelo horisonte.
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,
Qual mólle cera em mãos de habil artifice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvissimas e longas:
Seus braços de extensão desmesurada;
Um sobre o peito c'o indice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chamma,
Como luz de carbunculo, brilhava
Na viscera patente; e em radiosas
Lettras lhe solettrei—*Amor da Patria.*

XXI

«Da maravilha como por incanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quasi por tal prodigio infeitiçado;
Quando estes sons, entre aspero e suave,
Mas solemnes ouvi:—«Joven ousado,

«Grande empreza te coube,—acerba gloria,
«De que não gozarás. Desgraças cruas
«Fadam teus dias.... Mas a gloria ao cabo.
«A patria que foi minha, que amei sempre,
«Que amo inda agora, gran serviço aguarda
«De ti. Um monumento mais duravel
«Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves. (245)
«Pyramide será por onde os seculos
«Hão de passar de longe e respeitosos.
«Galardão, não o esperes.—Fui ingrato
«Eu, fui! Ingrato Rei, ingrato amigo.
«E a quem!—Maiores de meu sangue ainda
«Ingratos nascerão. Tu serve a patria:
«É teu destino celebrar seu nome.
«Os homens não são dignos nem de ouvil-as,
«As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,
«Salva do esquecimento essas ruinas
«Que já meus netos de amontoar começam
«Nos campos, nos alcaceres de gloria,
«Preço de tanto sangue generoso.
«Um dia....—Em vão perante o excelso throno
«Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel
«A sentença fatal tem de cumprir-se.—
«Um dia inda virá que, invilecido,
«Esquecido na terra, invergonhado
«O nome portuguez....—Opprobrio, magoa,
«Dura pena de crimes!—tabua unica
«Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
«Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,
«Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia.*
«Como o encerado rollo sobre as aguas
«Unico leva á praia o nome e a fama
«Do perdido baixel.—Parte. Salval-o!
«Salval-o, em quanto é tempo!—Extincto... Infamia!
«Extincto Portugal.... Oh! dôr!...» Rompeu-lhe
O derradeiro accento destas vozes

Em som de pena tal e tam tremendo,
De tam profunda magoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me rimbomba.
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei ou a visão se fôra.

Obras de João Baptista de Almeida Garrett, Lisboa 1839
—T. 1.º, pag. 64.

CANTO X

Partida de D. Sebastião para Africa—Morte de Camões

IX

Já se movem as náus; e as altas pontes
Se erriçam de belligeras phalanges.
Redobra o pranto.—Ancora sobe, antenas
Se espandem.... Lá te vás, e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

X

«Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que perde no horisonte,
Comsigo o vate diz: «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo
Um amigo, neste arido deserto
Da vida, me fallece. Um bordão unico
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O numero está chêo
De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e máu. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer....» Gemido, que ouve perto,
O interrompeu. Era o seu Jáu, que afflicto

O escutava. Do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvil-o assim queixar. «Ah! se eu não fôra.»
—Com os olhos e as lagrimas dizia;
Com os olhos, que os labios não ousavam—
«Ah! se eu não fôra um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu generoso amo, lhe intendeste
Seu fallar mudo, seu dizer de lagrimas.
—«Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.»—Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Do generoso Antonio desafoga
O coração que lhe apertava a magoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto.
E o amo, a quem signaes de tanto affecto
Movem no intimo d'alma, sente um golpe
De balsamo cair-lhe sobre as chagas
Do coração lanhado: a dextra languida
Pousa no hombro fiel, o peito incosta
Sobre o peito leal do amigo....—Amigo,
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?
E que és tu mais?—Era de ver, e digno
Espectaculo aonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjecta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'animo,
C'um andrajoso, humilde e pobre escravo
Em attitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorára

....

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, mezes passam
Arrastados e longos,—qual o tempo
Para infelizes anda—sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos.—Mas a mão tremente,
Incarquilhada e sêcca já sobre elles
Ia extendendo a pallida indigencia;
E a fome... a fome alfim.—Clamor pequeno
Que de minhas endêxas tenue soa,
Se juncte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso Antonio,
Já pelo mundo engrandecido echoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta timido esmolando
Os chorados seitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dae, Portuguezes,*
Dae esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do extranho bardo memorandas, (246)
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguezas.

XV

Não póde mais o coração co'a vida;
E lenta a morte c'o infezado sangue
Caminho vẽi do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existencia;
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.
Chegado é pois o dia do descanso!
Bem vinda sejas, hora de repouso.
Com a tremula mão tentêa as cordas
Daquella lyra onde troou a gloria,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,

E a patria....—oh! e que patria os Ceos lhe deram!
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:
Pela ultima vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro á patria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

«Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmer'cido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me engeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo á sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquillo direi: vivi;—tranquillo
Direi: *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: continuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos máus. Eu socegado
Na terra de meus paes hei de incostar-me....

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véo que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça: rasgado, os seios me abre

Do escondido porvir. . .—Oh! qual te has feito,
Misero Portugal—oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!. . . Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte, (247)
A escravidão lhes traz ferros e sangue. . .
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

XIX

«Que náus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros (248)
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cái dos portuguezes.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana. . . Uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla:
Mas quão debil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, inferma
Só te ergues desse leito de miseria
Para cair, desfallecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que tremeu de outr'ora ouvil-o.
Suberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?. . . Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.

Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cair de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?

XXII

«Oh patria! oh minha patria!..» A voz que afrôxa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de extranho, que na estancia humilde
Entra do vate.—«Perdoae, se ousado
Entrei, senhor, mas...»—«Quem sois vós? Ha ainda
Homem no mundo que a pousada obscura
D'um moribundo saiba?»—«Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De Africa hoje cheguei...»—«Ah! perdoae-me.
«Sois vós, Conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?»—«Tristes novas, Cavalleiro.
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De allivio e de esperança.—«Extincto é tudo
Nesta mansão de lagrimas e dôres;
—As lettras dizem—tudo: mas a patria
Da eternidade, só a perde o impio.
Deus e a virtude restam: consolae-vos...»

XXIII

«Oh! consolar-me!» exclama, e das mãos tremulas
A epistola fatal lhe cái: «Perdido
É tudo pois!...» No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente, e como se passara,
Fecha languidamente os olhos tristes.

Anciado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai! tarde vens, auxilio do homem.
Os olhos turvos para o Ceo levanta;
E já no arranco extremo:—*Patria,* ao menos
Juncto morremos:.... E expirou co'a patria.

O mesmo—pag. 197.

ROMANCE

D. JAYME

CANTO IV

A Justiça de Castella

Um dia, numerosa cavalgada
Apeia-se ao portão,
Limpa-se da poeira, sobe a escada,
Entra pelo salão.
—«O senhor D. Martinho d'Aguilar?»—
—«Eu sou—lhe diz o ancião;
Levanta-se e corteja.—
A quem me cabe a honra de fallar?»—
—«Justiça de Castella.»—
—«Bem vinda seja ella;
E a justiça de mim o que deseja?
Assentae-vos, senhores; nós, os velhos,
Temos o triste jus da nossa edade:
Dão-nos a lei os tremulos joelhos.
Sentae-vos e dizei.»—
Acercara-se o alcaide, e em voz pausada
Disse:
—«Em nome d'El-rei!
Como pae de D. Jayme d'Aguilar,

Que é réu d'alta traição,
Tendes vossa fortuna confiscada.
Podeil-a resgatar,
Se, vassallo fiel e obediente,
O entregardes á justa punição.»

Como chamma de um raio, de repente
Se apruma o velho tremulo, cansado;
Faisca-lhe nos olhos fogo irado,
No rosto se lhe accende a indignação.
—«Mentis—lhe bradou convulso;—
Mentis, senhor D. villão;
Ou não tendes coração,
Ou não lhe pedis conselho;
El-rei de Castella é nobre,
Não manda insultar um velho;
Póde mandal-o ser pobre,
Matal-o á mingoa de pão;
Mas mandar que um pae lhe entregue
Seu proprio filho?!.... isso não.
Em nome d'El-Rei?... mentiste,
Senhor alcaide villão.»—
—«Mais conta em vós D. Martinho,
Que estais na casa d'El-Rei!»—
—«Na vossa, lobos famintos,
Bandidos sem fé, nem lei;
Farte-se a Hespanha inclemente
Do povo no sangue quente,
Na carne da morta grei.
Portugal é lauta boda
Onde come a Hespanha toda;
Lobos famintos, comei;
Nesse guarda-roupa além
Pende uma farda rasgada
De muito golpe cruzada;
Essa, sim, mandae-a ao Rei;

Valor para vós não tem;
Rirá della a côrte nescia,
Como da insignia d'um louco;
Porém se a encarar um pouco,
O Duque d'Alba, conhece-a. (249)
Tive uma espada tambem...
Ai! mas essa, ha quasi um anno,
Dei-a a meu filho Germano,
Que, ajoelhado a meus pés,
Pela derradeira vez,
A mão paterna beijou;
Nem já sei onde elle pára,
Que a Hespanha, de tudo avara,
De Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
Porque lançar mais amarras,
Se perdeu dentes e garras,
Os filhos, o tecto e o pão?
Eu já saio; antes porém,
Minha filha, o meu abrigo,
Deixae que a leve commigo...
Se a não confiscaes tambem.
Vẽi, Anninhas, minha filha.
Dais licença ao meus criados?
São meus amigos provados;
Entrae rapazes, entrae...
Que é isso! prantos aqui?...
De pranto as faces banhadas...
Não envorgonheis assim
As minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
Por tam pouco os ais e o lucto!
Mostrae sempre o rosto enxuto
E a fronte lisa; valor!
Eis-me pobre; tenho apenas
Nesta bolsa alguns cruzados,

Que nem supprem meus desejos,
Nem pagam vossos cuidados.» —
— «Nada nos deveis, senhor;» —
— Bradam em coro os coitados. —
— «Não vos quero envergonhar,
Nem já isto é meu agora;
Mas á fé que ha de raiar
Depois da noite, uma aurora
De tremenda punição.
Logar á magra cubiça,
Que se vestiu de justiça,
E traz a vara na mão;
Tome esta esmola a avareza,
Pois quem leva as victualhas
Limpe tambem as migalhas
De cima da nossa mesa.» —
E arremeçou-lh'a ao chão.

D. Jayme ou a Dominação de Castella. Poema por Thomaz Ribeiro, Lisboa 1863 — pag. 104.

A choça de Mem Rodrigo

Que triste vida na choça,
Que funda melancholia,
Que rostos tam macerados,
Que suspiros abafados
Cada noite e cada dia!

Noites de eterna vigilia,
Dias curtos para a lida,
Recordações da opulencia,
Amarguras da indigencia. . . . .
Que vida, Jesus! que vida!

Dorme o velho em cama... esplendida
Para uma caza tam nua;
Anninhas n'uma cadeira;
Mem Rodrigo n'uma esteira,
Faz tranca á porta da rua.

Sobre a meza carcomida,
Um sancto Christo singelo;
Aos pés a Virgem das Dores,
Que a pobre adorna de flôres
Com fervoroso desvelo.

Juncto da meza, a costura;
Uma roseira á janella;
Loureiro na cantareira;
E na varrida lareira,
Tres achas e uma panella!

Sacco e bordão de mendigo,
Suspiros a toda a hora;
E este cheiro de limpeza,
Que é o aceio da pobreza
Quando a virtude lá mora.

Tanto que a aurora se erguia,
Ajoelhava a costureira,
Bemdizia o Padre-nosso,
Fazia o mingoado almoço,
Regava a sua roseira.

Almoçados os dous velhos,
Um, sobraçando a saccola,
Saúda os seus companheiros,
E lá vai, dias inteiros,
Para os tres pedindo esmola.

D. Martinho vai sentar-se
Bem chegado á costureira,
Como roble fulminado,
Em terra, secco, prostrado.
Á sombra d'uma rozeira.

E ora attento ao seu trabalho
A filha abraça risonho,
Ora lhe falla de gloria
Co'a perturbada memoria
De quem desperta de um sonho.

Depois as sombras confusas
Do seu pesado martyrio,
Toldam a luz cambiante
D'essa razão vacillante,
E cresce, e cresce o delirio!

Sacode os membros moidos,
Rouqueja-lhe a voz quebrada,
E só lhe acalma o tormento
O cantar saudoso e lento
Da filha tam consternada.

Era uma trova que herdára
Na sua materna herança;
Era uma trova que amava,
Porque sua mãe a cantava,
E era um hymno de esperança:

— «Bem hajas, ó luz do sol,
Dos orphãos gasalho e manto,
Immenso, eterno pharol,
D'este mar largo de pranto.

Bem hajas, agua da fonte
Que não desprezas ninguem!
Bem haja a urze do monte
Que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas
Paraizo dos pastores!
Bem hajam aves das selvas
Musica dos lavradores!

Bem haja o reino dos Ceus
Que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus
Que tem Sacramento e Cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
Que alegra o lidar campestre;
E o regalo do pastor
A negra amora silvestre.

Bem haja a briza ligeira
Que faz visita ao casal,
A beijar a costureira,
E a refrescar-lhe o dedal.

Bem haja o repouso á sesta
Do lavrador, e da enxada,
E a madre-silva modesta,
Que espreita á beira da estrada.

Triste de quem der um ai,
Sem achar écho em ninguem!
Felizes os que tem pae,
Mimosos os que tem mãe!»—

Tal o canto singelo que soltava
A pobre sem ventura,
Quando a razão do velho se nublava
De manhã, alto dia, ou noite escura.
E o louco extasiado,
Para a filha pendido,
Ouvia cada vez mais commovido
E cantava...
Não era canto, não; era um gemido
Que soava nas cordas mais saudosas
De alaude partido,
Escondido nas trevas d'um recanto,
Que respondia em vibrações chorosas
Ao poderoso encanto...

Que triste vida na choça!
Que eterna melancholia!
Que rostos tam macerados!
Que suspiros abafados
Cada noite e cada dia!

O mesmo — Pag. 116.

ROMANCE POPULAR

O acalentar da Neta

Dorme, dorme, minha neta,
Senão não sou tua amiga;
Dorme que eu te embalo o berço,
E te canto uma cantiga.
Vai a bella Dona Ausenda
Caminho de Palestina,
Leva traje de romeiro,
Com seu bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
Em sabendo que és fugida,
Tua mãe cairá morta,
E tuas irmãs sem vida.
Pouco importa a Dona Ausenda
Quem na Hispanha morra ou viva;
Vai em busca de sua alma,
Que em Palestina é captiva.
De lá lhe vieram cartas,
E uma carta lhe dizia:
«Teu amigo Dona Ausenda,
«Chora de noite e de dia.
«As cadêas não lhe pesam,
«Pesas-lhe tu, porque scisma
«Que ha de morrer sem mais ver-te,
«Nem ver-te quer na Mourisma.»
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Vendeu joias e arrecadas,
Comprou bordão e esclavina,
E trajada de romeiro
Já demanda a Palestina.
Vai pedindo pelas portas,
Por soes e chuvas caminha,
Trabalhos não a quebrantam,
Com elles vai mais asinha.
Uma tarde, era sol posto,
Quando avistou uma ermida,
Era de Nossa Senhora,
Mãe dos homens se appellida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Mercê da Virgem Maria.

Os soccos descalça á porta,
E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe restitua
Sua alma que jaz captiva.
Os olhos da Virgem Sancta
Deram mostras de affligida:
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.
Coitada de Dona Ausenda,
Mais triste sái, do que vinha:
Cerrou-se-lhe logo a noite;
E ella nos bosques sosinha!
Queria andar, e não pôde
Que o grande escuro a tolhia;
Necessitava incostar-se,
Tinha medo, e não dormia.
N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da peregrina.
Perdi a terra e o palacio,
Perdi a mãe que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.
D. Giraldo, D. Giraldo,
Só a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te adoro,
E eu sei como sou querida.

Peço ao meu anjo da guarda,
Se hei de aqui ficar perdida,
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.
Assim dizia a formosa
Dona Ausenda de Molina,
E ao dizer *anjo da guarda,*
Lembrou-lhe a irmã pequenina.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
E sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cansados
Lhe borbotou a dôr viva,
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.
Logo para aquella parte,
Porque o pavor a conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance extende a vista.
E viu uma sombra grande,
Que mui devagar caminha;
Quiz resar, benzeu-se errado,
Não deu co'a salve rainha.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Guarde-me a Virgem Maria.

O andar do phantasma branco
Nenhum ruido fazia;
Parou, e poz n'ella os olhos;
Mas eram terra, não via.

Extendeu-lhe os braços longos,
E co'uma voz, como brisa,
Lhe diz—«Eu sou D. Giraldo,
«Que em mim já se não divisa.
«Tu buscavas o captivo,
«Eu procuro a peregrina,
«Tua alma quer Deus que esteja
«Co'o meu corpo em Palestina.
«Os nossos anjos da guarda
«Deram palavra sem lingua,
«Que á meia noite aqui mesmo
«Findaria a nossa mingua.
«Deus, á alma envia um corpo,
«E ao corpo uma alma envia...»
Já estas finaes palavras
Dona Ausenda não ouvia.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Que eu canto ao pé da candêa,
Que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,
E Dona Ausenda caíra:
Ai! Jaz morta a Dona Ausenda,
Que tantas penas sentira!
Quem ha de enterrar seu corpo
N'essa noite desabrida,
Ou quem aos pés da Senhora
A irá sepultar na ermida?
E a alma de D. Giraldo,
Que tam solitaria fica,
Não terá padre que rese,
O que por almas se applica!

Mas nunca mais na floresta
Nenhuma cousa foi vista:
Os que o sitio tem buscado
Nunca lhe acharam a pista.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia;
Eu canto á minha candêa,
E reso á Virgem Maria.

N'essa noite, á meia noite,
Indo o septe estrello acima,
Calou de repente as vozes
Mocho que magoas lastima.
E o gallo, que por taes horas
Com seu canto á resa excita,
Bateu as asas calado
Ao pé do leito do ermita.
Tocou sem mão a sineta,
Abriu-se a porta da ermida,
As velas do altar accesas,
A Senhora mui garrida.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia;
Eu canto á minha candêa,
E vejo a Virgem Maria.

E entrou a orar um extranho...
Peregrino, ou peregrina,
Que de tudo dava mostras;
E falava em Palestina.
Se ía ou vinha, nunca o disse,
Quando o ermita o requeria,
Que ora falava em ser volta,
Ora falava que se ía.

E disse: a Deus me encommenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.
Ora n'essa mesma noite
Quiz a bondade divina
Que outra novidade grande
Succedesse em Palestina.
Da cova de D. Giraldo,
Á meia noite precisa,
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemorisa.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ouça-me a Virgem Maria.

E veiu uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.
Metteu-se dentro ao finado,
E o finado cobrou vida;
Poz-se co'o Anjo a caminho;
A Senhora era já ida.
Como a novena acabava,
Ao cabo do nono dia
Vinha pela ermida entrando
Outro romeiro á porfia.
E este assim como o primeiro
Muito ao velho desatina,
Que tambem não cai na conta
Se é romeiro ou peregrina.

Os dois romeiros se olhavam,
E a Mãe dos homens sorria,
O ermita estava pasmado,
E um padre moço appar'cia.
Por debaixo do roquete,
Que era neve sem mentira,
Reluziam duas azas
Ambas de prata e saphira.
Tomou-lhes as mãos direitas
Com signaes de muita estima,
E disse: *conjungo vos:*
E poz-lhe a estola por cima.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados,
E apoz nove annos um dia,
Quando ao dar da meia noite
Lá na porta se batia.
Como se abriu a capella,
Logo entrou por ella acima
Um caixão com dous defunctos,
Todo de obra muito prima.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa
E estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados,
Com mostras de quem dormia,
Com c'roas de flores brancas,
E ninguem os lá trazia.

Mãos que pegavam á argola
Eram mãos que se não viam,
Nem se inxergava pessoa
Nos cantares que se ouviam.
Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memoria
N'uma tabua bem polida.
Que inda agora na Byscaia
Se vai vêr aquella ermida.
A campa ficou sem nomes;
Mas toda a gente dizia,
Que era Ausenda e D. Giraldo,
Filhos da Virgem Maria.
Por devoção que um e outro
Com o sancto rosario tinha,
Inda por morte casaram,
Sendo a Senhora madrinha.
Dorme, dorme, minha neta,
Que tenho a rocada finda,
Amanhã, querendo a Virgem,
Te direi outra mais linda.

Excavações Poeticas por Antonio Feliciano de Castilho, Lisboa 1844 — Pag. 264.

POEMA HEROI-COMICO

O HYSSOPE

CANTO III

Recusa do Deão de offerecer o hyssope ao Bispo (250)

Era dia de festa; e, na alta torre
Da grande cathedral, de vinte sinos
O grave carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
. . . .
Para a Sé lentamente s'encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize (251)
Qual seu espanto foi, sua surpreza,
Quando á porta chegando costumada,
N'ella o Deão não viu, não viu o Hyssope,
Tanto foi da Discordia o fero influxo!
Caminhante, que vê subito raio
Ante seus pés cair, ferindo a terra,
Tam suspenso não fica, tam confuso,
Como o grave Prelado: a côr mudando,
Um tempo immobil fica; mas a raiva
Succedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande-sacristia, e d'alli passa
Para o altar-mór, onde se reveste,
Onde, como costuma, em contra-baixo,
Sem saber o que diz, a missa canta.
Toda aquella manhã, uma só benção
Sobre o povo não lança; antes confuso,
Em profundo silencio a casa torna,
Onde, logo a conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

«Amigos, companheiros, que o Destino
Fez de meu mal, e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no mundo se tem visto.
O Deão....» (E aqui, dando um gran soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
«O suberbo Deão, que sempre attento
A meu alto decóro, o sancto Hyssope
Vinha trazer-me á porta do Cabido,
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas vêas me pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o gran furor, que a alma me occupam,
Me tem fóra de mim: não sei que faça
Para vingar tam grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dae para punir este atrevido.»

Antonio Diniz da Cruz e Silva, Parnazo Lusitano. París 1834 — T. 6.º, pag. 25.

CANTO V

Conversa do Deão com o Padre Mestre dos Capuchos (252)

. . . .
E o Deão, caminhando para a cerca,
Com outro Reverendo acaso topa,
De gran barriga, de cachaço gordo,
Que attento o cumprimenta e acompanha.

Quiz então a fortuna que este fosse
Um dos Padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, Ex-leitor, e jubilado,
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Prégador de gran fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo,
Que n'esta sancta casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cerca entrando, junctos se lhe off'recem
As areiadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que, em torno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estatua que primeira alli se encontra,
Pergunta ao jubilado: — «Quem é este
Monsieur París, segundo diz a lettra
Que por baixo, na base, tem aberta?
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi Francez, e talvez cabelleireiro,
Inventor do topete que o enfeita.»

—«Páris, e não París diz o lettreiro
(Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu d'estirpe regia.»

—«Pois se Francez não foi (replica o Lara)
Como Monsieur lhe chamam?» — C'um sorriso
Lhe torna o Padre-Mestre: «Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo:

Ao pé de cada canto, hoje sem pejo,
Se tractam de Monsieurs os Portuguezes.
Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que francez sabemos.»
—«De tanto pezo pois (lhe volta o Lara)
É, Padre-Jubilado, por ventura,
O saber o francez, que disso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sàbios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens Boticudos.» (253)
—«Não diga, Senhor, tal; que neste tempo,
Ó tempos! ó costumes! (diz o Padre)
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar ver, Senhor, como um pascasio
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doutos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta Theologia;
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar o grande Scòto,
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio. (254)
Desta audacia, Senhor, d'este descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases gallicanas!
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saíssem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos varões, que com a penna,

Ou co'a espada, e lança a patria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos auctores;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse d'extranhos atavios!)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofála ou Moçambique; (255)
Até que, já por fim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Por tam extranhos modos, affrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas elles tem desculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga:
Sem saber o que escrevem, escrevendo
Buscam della o remedio, e como logram
Os fins de seus intentos; o que escrevem,
Seja ou não portuguez, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
É quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda:
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não toca.
Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos, que o phrygio Xanto corta, (256)
Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno e Pallas, entre si, com Venus,
Sobre a belleza, um tempo, sustentaram;
No qual, não sei porém se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete.» (257)

—«Já nesse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno.
(Perdôe a sua ausencia.) Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada aggravar a consciencia;
—Mas a maçã, havia d'eu papal-a,
Pelas custas, por certo: e quando muito,
Daria á vencedora d'ella as cascas.
Mas, diga-me, meu Padre Jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa, e penteado?»
—«Essa é boa! (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe a vossa Senhoria,
Que lhe bastava o secco tratamento
De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra?»
—«Essa razão me quadra (diz o Lara)»
. . . .
. . . . «E quem é este
Circumspecto Monsieur, que cá s'enxerga?»
—O Padre-Mestre, vendo-se obrigado
A recontar d'Ulysses os trabalhos, (258)
Para o tempo ganhar de recordal'os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende;
Em ambas sopesado o leva á penca;
Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida uma pitada,
O habito sacode; aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde:
«Esse que ahi está, nem mais, nem menos

É o facundo decantado Ulysses,
De Madama Penélope marido:
De todos quantos Gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres edades. (259)
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, por suas traças, (260)
E da altiva cidade só ficara
O campo, em que imperiosa antes estava;
Voltando á patria amada, carregado
D'altos despojos da immortal victoria,
De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E dos ventos, e vagas açoutado,
Undivago correu por longos mares,
Vendo de muitas gentes as cidades,
As varias artes, os costumes varios,
Até que levantou, na foz do Tejo,
A rainha do mar, Lisboa invicta.»
—Ó grande fundador da minha patria!
(Aqui brada o Deão) se mão tiveras,
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés e mãos, humilde, te beijara!
Mas se manco e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
Disse: e ao collo furioso se lhe lança,
E na cara tres beijos lhe pespega.

O mesmo—Pag. 57.

GENERO DRAMATICO

Drama é a imitação d'uma acção parte obrada, parte narrada na scena.

Este genero comprehende duas especies principaes, a saber: —Tragedia e Comedia.

Tragedia é a representação dramatica de uma acção grave e lastimosa, obrada por personagens illustres.

Comedia é a representação de uma acção vulgar, viciosa e ridicula obrada por personagens communs.

O estylo proprio da Tragedia é o nobre, grande ou sublime, por ser a acção tragica de si grave, nobre e pathetica.

O estylo da Comedia é o infimo ou tenue por ser a acção comica, familiar e jocosa.

O metro usado em Portugal na Tragedia é o endecasyllabo solto.

A versificação da Comedia Portugueza tem variado em differentes edades. Os primeiros auctores comicos usaram do verso redondilha maior com o quebrado de redondilha maior, e ás vezes do verso de arte maior. Mais tarde foi usado o verso endecasyllabo solto.

TRAGEDIA

CASTRO

ACTO II

Scena I

El-rei D. Affonso

Oh sceptro rico, a quem te não conhece,
Como és formoso e bello! e quem soubesse
Bem quão differente és do que promettes,
Neste chão que te achasse, quereria
Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te

*

Não louvo os que se louvam por imperios
A ferro, sangue, e fogo destruirem,
O seu proprio extendendo: mas aquelles
(Ó grandeza espantosa, e animo livre!)
Que tendo-os muito grandes, os deixaram.
Mór alteza, e mór animo é as grandezas
Desprezar, que acceitar: e mais seguro
A si cada um reger, que o Mundo todo.
O resplandor deste ouro nos engana,
E é terra em fim, e terra a mais pesada.
De uma alta fortaleza estamos sempre
Postos por atalayas á fortuna:
Por escudos do povo, offerecidos
A receber seus golpes; não fazel-o
É usar mal do sceptro, e bem fazel-o
É não ter vida mais segura, e certa,
Que quanto estes perigos nos promettem.
. . . .
. . . .

(Rei aos Conselheiros depois de haver assentido á morte de D. Ignez de Castro)

I-vos apparelhar, que em vós me salvo.
Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sei que siga.
Entre medo e conselho fico agora:
Matar injustamente é gran crueza.
Soccorrer a mal publico é piedade.
D'uma parte receio, mas d'outra ouso.
Oh! filho meu, que queres destruir-me!
Ha dó desta velhice tam cansada:
Muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião para que eu fique
Julgado mal na terra, e condemnado
Ant'aquelle gran Juiz, que está nos Ceos.

Ó vida felicissima, a que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado,
Livre destes desastres, que cá reinam!
Ninguem menos é Rei, que quem tem Reino.
Ah! que não é isto estado, é captiveiro
De muitos desejado, mas mal crido,
Uma servidão pomposa, um gran trabalho
Escondido sob nome de descanso.
Aquelle é Rei sómente, que assim vive
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)
Que de medo, e desejo e d'esperança
Livre passa seus dias. Ó bons dias!
Com que eu todos meus annos tam cansados
Trocara alegremente. Temo os homens,
Com outros dissimulo: outros não posso
Castigar, ou não ouso. Um Rei não ousa.
Tambem teme seu povo: tambem soffre.
Tambem suspira e geme, e dissimula.
Não sou Rei, sou captivo: e tam captivo
Como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creio,
Que me serão leaes: isto me salve,
Senhor, comtigo: ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva
Conforme a este alto estado, que me déste.
E me livra algum tempo antes que morra,
De tanta obrigação, para que possa
Conhecer-me melhor, e a ti voar
Com mais ligeiras azas do que póde
Uma alma carregada de tal peso.

Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira, Lisboa 1598 — fl. 215 v. e fl. 218.

ACTO V

Infante, Messageiro

Infante

Outro Ceo, outro Sol me parece este
Differente daquelle, que lá deixo
D'onde parti, mais claro, e mais formoso.
Onde não resplandecem os dous claros
Olhos da minha luz, tudo é escuro.
Aquelle é só meu Sol, a minha estrella,
Mais clara, mais formosa, mais luzente
Que Venus, quando mais clara se mostra.
D'aquelles olhos s'alumia a terra,
Em que sombra não ha, nem nuvem escura.
Tudo alli é tam claro, que té a noite
Me parece mais dia, que este dia.
A terra alli s'alegra, e reverdece
D'outras flores mais frescas e melhores.
O Ceo se ri, e se doura differente
Do que neste horizonte se me mostra.
O suberbo Mondego com tal vista
Parece que ao gran mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira alli a gente,
Que fazem immortaes os que lá vivem.
Ó Castro, Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire-me a vida,
Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.
Morrendo uma destas vidas, ambas morrem.
E havemos de morrer? póde vir tempo
Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
Nem achar os teus olhos tão formosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar n'isto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem

Tam tristes pensamentos. Viviremos
Muitos annos, e muitos: viviremos
Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro.
Rainha te verei deste meu Reino,
D'outra nova corôa coroada
Differente de quantas coroaram
Ou de homens, ou mulheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos:
Então se fartará da gloria sua
Est'alma, que anda morta de desejos.

Messageiro

Ó triste nova, triste messageiro
Tens ante ti, senhor.

Infante

Que novas trazes?

Messageiro

Novas crueis; cruel sou contra ti,
Pois m'atrevi trazel-as. Mas primeiro
Socega teu sprito: e n'elle finge
A mór desventura, que te agora
Podia acontecer: que gran remedio
É ter o sprito armado á má fortuna.

Infante

Tens-me suspenso. Conta: que accrescentas
O mal com a tardança.

Messageiro

É morta Dona Ignez, que tanto amavas.

Infante

Ó Deus! ó Ceos! que contas? que me dizes?

Messageiro

De morte tam cruel, que é nova magoa
Contar-ta: não me atrevo.

Infante

É morta!

Messageiro

Sim.

Infante

Quem ma matou?

Messageiro

Teu pae com gente armada
Foi hoje salteal-a. A innocente,
Que tam segura estava não fugiu.
Não lhe valeu o amor com que te amava.
Não teus filhos, com quem se defendia.
Não aquella innocencia, e piedade,
Com que pediu perdão aos pés lançada
D'El-Rei teu pae, que teve tanta força
Que lho deu já chorando. Mas aquelles
Crueis Ministros seus, e Conselheiros
Contr'aquelle perdão tam merecido
Arrancando as espadas se vão a ella
Traspassando-lh'os peitos cruelmente;
Abraçada c'os filhos a mataram,
Qu'inda ficaram tinctos do seu sangue.

Infante

Que direi? que farei? que clamarei?
O fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!
Ó minha Dona Ignez, ó alma minha,
Morta m'és tu? morte houve tam ousada
Que contra ti podesse? ouço-o, e vivo?
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!
Morte cega mataste minha vida,
E não me vejo morto? abra-se a terra.
Sorva-me n'um momento: rompa-s'alma,
Aparte-se de um corpo tam pesado,
Que m'a detem por força.
Ah! minha Dona Ignez, ah, ah, minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
Minh'esperança só, minh'alegria,

Mataram-te? mataram-te? tua alma
Innocente, formosa, humilde e sancta
Deixou já seu logar? ah! de teu sangue
S'encheram as espadas? de teu sangue?
Que espadas tam crueis, que crueis mãos?
Ah! como se moveram contra ti?
Como tiveram forças, como fios
Aquelles duros ferros contra ti?
Como tal consentiste, Rei cruel?
Imigo meu, não pae, imigo meu!
Porque assim me mataste? ó leões bravos?
Ó tigres! ó serpentes! que tal sede
Tinheis deste meu sangue! porque causa
Vós não vinheis em mim fartar vossa ira?
Matareis-me, e vivera. Homens crueis,
Porque não me matastes? meus imigos,
Se mal vos merecia, em mim vingareis
Esse mal todo. Aquella ovelha mansa
Innocente, formosa, simples, casta,
Que mal vos merecia? mas quizestes
Como imigos crueis buscar-me a morte
Não da vida, mas d'alma. Ó Ceos, que vistes
Tamanha crueldade, como logo
Não caístes? Ó montes de Coimbra,
Como não sovertestes taes Ministros?
Como não treme a terra, e s'abre toda?
Como sustenta em si tam gran crueza?

Messageiro

Senhor, para chorar fica assás tempo:
Mas lagrimas que fazem contr'a morte?
Vai ver aquelle corpo, vai fazer-lhe
As honras, que lhe deves.

Infante

Tristes honras!
Outras honras, senhora, te guardava:

Outras se te deviam. Ó triste, triste!
Enganado, nascido em cruel signo,
Quem m'enganou? ah! cégo, que não cria
Aquellas ameaças! mas quem crêra
Que tal podia ser?
Como poderei ver aquelles olhos
Cerrados para sempre? como aquelles
Cabellos já não de ouro, mas de sangue?
Aquellas mãos tam frias e tam negras,
Que antes via tão alvas e formosas?
Aquelles brancos peitos traspassados
De golpes tão crueis? aquelle corpo,
Que tantas vezes tive nos meus braços
Vivo, e formoso, como morto agora,
E frio o posso ver? ai! como aquelles
Penhores seus tam sós! ó pae cruel?
Tu não me vias n'elles? meu amor,
Já me não ouves? já não te hei de ver?
Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
S'achou tanta crueza. E tu, Coimbra,
Cobre-te de tristeza para sempre.
Não se ria em ti nunca, nem s'ouça
Senão prantos, e lagrimas: em sangue
Se converta aquella agua do Mondego.
As arvores se sequem, e as flores.
Ajudem-me a pedir aos Ceos justiça
Deste meu mal tamanho.
Eu te matei, senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o teu amor.
Mas eu me matarei mais cruelmente
Do que te a ti mataram, se não vingo
Com novas crueldades tua morte.
Para isto me dá Deus sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.

Arranque d'elles uns corações féros,
Que tal crueza ousaram: então acabe.
Eu te perseguirei, Rei meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
Nos teus, na tua terra, destruidos
Verão os teus amigos, outros mortos,
De cujo sangue s'encherão os campos,
De cujo sangue correrão os rios,
Em vingança daquelle: ou tu me mata,
Ou foge da minh'ira, que já agora
Te não conhecerá por pae. Imigo
Me chamo teu, imigo teu me chama.
Não m'és pae, não sou filho, imigo sou.
Tu, senhora, estás lá nos Ceos, eu fico
Em quanto te vingar: logo lá vôo.
Tu serás cá Rainha, como fôras.
Teus filhos, só por teus, serão Infantes.
Teu innocente corpo será posto
Em estado Real: o teu amor
M'acompanhará sempre, té que deixe
O meu corpo c'o teu; e lá vá est'alma
Descansar com a tua para sempre.

O mesmo, fl. 232 v.

CATÃO (261)

ACTO IV

Scena III

Catão, Marco-Bruto, etc.

Catão

. . . .
. . . .
—Um tyranno é, sem duvida, na terra
O malvado maior: mas nem por isso

Te é licito punil-o. Magistrados
Que o julguem, leis que o punam,—com algozes
Para as executar, tem a republica.
Usurpas tambem tu se em juiz privado
De publicas offensas te institues.

Marco-Bruto

Mas uma lei, ó pae, tu me ensinaste
Que sobre todas respeitar se deve:
Mais veneranda e antiga m'a dizias
Que todas essas leis,—que plebiscitos,
Que senatus-consultos,—em mais clara
Equidade fundada do que o Album
Do pretorio,—gravada n'outro bronze
Mais duravel que as tabuas dos decemviros; (262)
Lei das leis, immutavel e suprema,
—A da salvação publica.

Catão

O difficil
É conhecer, meu filho, quando a força
D'essa maxima lei quebra a das outras;
Quando o feito que é injusto, opposto a ellas,
A salvação da patria o revalida.
—Em meus primeiros dias, no ingenuo
Despertar de innocente puberdade,
Me levaram, ó Marco, aos sanguinosos
Paços de Sylla.—(De meu pae amigo (263)
Fôra o monstro.)—Inda as carnes se arripiam
C'o presente espectaculo que tenho
Diante dos olhos,—do cruor esparso,
Dos palpitantes membros estrangulados,
Dos tabescentes, lividos cadaveres
Nas cruzes pelos atrios;—a viuva
Gemendo alem, carpindo o orphão;—e o torvo
Aspecto, o feroz riso dos ministros
Do tyranno, apupando com motejos

As sanguentas cabeças dos mais nobres,
Mais illustres varões que Roma tinha,
E que hasteadas em triumpho hediondo
De atroz pompa levavam... Vista horrivel!
E.... inda mais de indignar! e mais ainda
As trementes entranhas me excitava,
O ver, o ouvir as turbas circumstantes
Devorando seus tremulos gemidos,
Disfarçando,—cobrindo a face pallida,
Que lhes não vissem a furtiva lagrima!
E a mão, que stringir devia o ferro,
E que talvez segura no mais rijo
Da batalha o brandira,—mal ousava
De ir, co'a orla da toga, a medo e trepida,
Aos olhos que alma timida arrasava
De feminino pranto...—O que é o povo!
O que são homens!—Hontem expulsastes
A Coriolano porque ousou negar-vos
Os baldios communs: hoje fugindo
Abandonais á furia dos patricios
Graccho que vol-os dava!—E agora... O intimo (264)
D'alma joven, ardente me anciava
C'o spectaculo fêo e vil.—«E como
(Disse a meu pedagogo) como em Roma
«Não ha quem mate Sylla?»—«Não (me torna
Branco de medo o velho), não; detestam-n'o:
Mas temem-n'o inda mais.»—«E porque (cégo
De ira lhe respondi) porque uma espada
«Me não dás, que o vou eu matar—e livro
«A patria?»—A grande custo me conteve,
E me levou d'alli o ancião prudente;
Nem lá voltamos.—Vinha de bom animo
A tenção: mas que importa! Mario ahi estava (265)
Para inutilizar o feito ardido,
Se meu infante braço o executára.
—Ah! que fructo da patria ao bem resulta

Com lhe ficar um despota de menos?
Vanglorioso do golpe que vibraste,
Cuidas que o monstro feneceu com elle?
Enganas-te: as cem frontes dessa hydra
De seu proprio veneno reproduzem;
Por uma que decepas, mil te surgem;
Mal, que julgavas ter de todo extincto,
Então se aggrava mais.

Marco-Bruto

Que! socegados
Veremos ingolphar no abysmo a patria,
E tranquillos no meio da procella,
Vel-a-hemos assim ir-se affundando
No mar da escravidão! Anciada embóra
Supplices mãos extenda aos filhos caros;
Que os virtuosos filhos não se atrevem
A perpetrar o crime de salval-a...
É virtude—confesso—que me admira,
Que jámais conheci.

Catão

Na tua edade
Respeitam-se os anciãos, ouve-se e aprende-se.
Mancebo, escuta:—Libertar a patria,
E dar pelo resgate a propria vida,
Não é mais que dever: grande heroismo,
Acções de gloria, n'isso não as vejo:
O homem que assim obrou foi homem de honra,
Cumpriu sua obrigação.—Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros,
Quem se abalança a empreza tam difficil,
Se baldos não quer ver cuidados e riscos.
Desaffogar a patria de um tyranno,
É transitorio allivio: empêora a miudo
Co'esse remedio o mal; tens cem tyrannos
Em vez de um: nem talentos nem virtudes
Occuparão, no Estado, o gráu supremo

Entre vis demagogos repartido
Por facções, por subornos, peitas, crimes.
Tincta era em sangue a purpura,—era ferreo
O sceptro do tyranno: mas as togas
Dos decemviros!... tinge-as cruor negro,
E pallidos venenos as mosquêam
De nodoas, que revêem torpeza, infamia,
Flagicios!—Que lucrámos na mudança
Perigosa? Os proconsules os mesmos
Peculadores; servos os tribunos
E facciosos; avara e perdularia
A questura, roubando o derradeiro
Sestercio ao povo, a ultima drachma ao erario;
Os pretores vendendo em hasta publica (266)
A justiça;—em fim todo o mesmo vicio,
A mesma corrupção,—mais desfaçada,
Mais clara só, mais despejada.—E é esta,
É esta a liberdade que nos déstes!
E são estas, decemviros, as tabuas
Da promettida lei, que tanto tempo
Levaram a gravar!—Veio Appio-Claudio
Fazer chorar em Roma por Tarquinio.... (267)
(pausa)
—Se queres libertar-nos, corta rijo,
Corta pela raiz a tyrannia,
Cerceando por abusos, profundando
Nas fistulosas ulceras do Estado,
E levando c'o balsamo o cauterio
Ao mais solapado—onde a peçonha
Do arraigado cancro tem nascença.
Depois o faxo da razão accende
Com mãos puras e limpas de interesse...
Puras!—que em dextra sordida essa têa
É labareda sem clarão,—que abraza
Sem dar luz—queima e rapida devora
Antes que um só vislumbre rompa as trevas,

Que, em vez de dissipar, deixou mais crassas.
—Com elle, co' esse faxo luminoso
A teus concidadãos mostra a vereda
Que ao alcaçar conduz da liberdade,
Não coroado de espolios sanguinosos
Mas puro todo e candido como ella.
Salva-os das convulsões, da crise horrivel
Que as populares commoções arrastram;
Moderação e paz reine em teus labios;
Generoso perdôa, austero pune,
Mas pelo orgão da lei, mas só com ella.
Os pendões hastear da Liberdade
Nas amêas da horrifica Discordia,
Grito amotinador alçar aos povos
Para os deixar no cahos da anarchia
Mutuamente e á porfia destruir-se,
É querer lacerar o seio á patria
Sem jámais a salvar.

Obras de João Baptista de Almeida Garrett (Visconde de Almeida Garrett), Lisboa 1840—Tom. 2.º, pag. 116.

ACTO V

Scena II

Catão

Consolaste-me, Socrates:—não morre (268)
Com este corpo o espirito que o anima.
Já me não prendem duvidas; fujamos
Do vil carcere: a morte só é termo
Da vida,—da existencia não... No intimo
D'alma o pôz Deus, o sentimento vivo
Da eternidade. Este viver continuo
D'esp'ranças, este anciar pelo futuro,
Este horror da anniquilação, e o vago
Desejo de outra vida mais ditosa,
O que são?—Indistinctas, mas seguras,

Reminiscencias de perdida patria,
E saudades de voltar a ella.
Ver-te-hei, mansão dos justos!...—O sepulchro
Não é jazigo, é estrada.—Convenceste
A minha alma, Platão: hei de encostar-me
Tranquillo e repousado no atahude,
Como viajante reclinado á poppa
Da galé que em bonança vai singrando
Com brandos ventos para o porto amigo.

O mesmo—Pag. 140.

PHEDRA

ACTO V

Scena VI

Theramene (269)

....

....

Saindo apenas de Trezene as portas,
Ia sobre o seu carro. Afflictos guardas,
Delle em torno, imitavam seu silencio.
Triste seguia a estrada de Mycena.
Aos cavallos deixava as guias soltas:
E estes, que outro tempo tam suberbos,
Chêos de nobre ardor, lhe obedeciam,
A cabeça inclinada, os olhos tristes,
Pareciam conformar-se a seus pezares.
Grito horrivel, saido d'entre as ondas,
Eis que dos ares o socego turba;
E do seio da terra, voz terrivel
Gemendo, respondeu ao fero estrondo.
Em nossos corações gelou-se o sangue.
As crinas aos cavallos s'erriçaram.

Sobre a planicie liquida s'eleva,
Refervendo em cachões, humido monte.
A onda rola, quebra-se, e vomita
Entre montões d'escuma um monstro enorme.
Armam-lhe agudos cornos larga fronte;
Cobrem-lhe o corpo escamas amarellas,
Touro indomavel, drago furioso,
Em tortuosa volta encurva as ancas;
Aos seus longos rugidos treme a praia.
O Ceo, vendo tal monstro, se horrorisa.
Move-se a terra, fica o ar corrupto,
Pasma, e recua a onda que o trouxera.
Tudo foge; e valor deixando inutil,
Cada um se acolhe ao visinho templo.
Só, digno filho d'um heroe, Hippolyto
O carro faz parar, toma seus dardos,
Aponta á fera, e firme disparando
Rompe-lhe o lado c'uma larga ferida.
De raiva, e dôr o monstro faz corcovos,
Juncto aos pés dos cavallos cái mugindo,
Rola, e lhe mostra uma garganta em chammas,
A qual de fogo os cobre, e sangue, e fumo.
O medo os toma então; e esta vez surdos,
Não reconhecem nem a voz, nem freio.
Seu senhor se consume em vãos esforços.
Tingem os freios com sanguinea espuma.
Diz-se que um Deus se viu, n'este conflicto,
Aguilhoar-lhe os polvorosos flancos.
De pavor correm atravez das fragas.
Range, e quebra-se o eixo. O bravo Hippolyto
Seu carro vê voar feito pedaços,
Cái, e fica nas redeas enlaçado.
Desculpae minha dôr. Tam triste imagem
Será do pranto meu eterna causa.
Vosso filho infeliz vi arrastado
Pelos proprios cavallos que criára.

Quer socegal-os, e da voz se espantam.
Correm. Fica seu corpo uma só chaga.
Nossos gritos retumbam na campina.
Afrouxa em fim seu fogo impetuoso.
Param não longe dos antigos tumulos,
Que dos Reis seus Avós as cinzas fecham.
Afflicto corro lá, seguem-me os guardas.
De seu sangue os vestigios nos são guia.
Elle tinge os rochedos; e os abrolhos
Os despojos retem de seus cabellos.
Então chego, e lhe brado; a mão m'extende,
Abre, e cerra para sempre os mortaes olhos;
O Ceo, diz, *me tirou vida innocente.*
Toma a ti, caro amigo, a triste Aricia.
Se algum dia meu pae desabusado
Chorar d'ũm filho a sorte não merecida,
Para meu sangue applacar, sombra queixosa,
Dize que com amor tracte a captiva,
Que lhe entregue... E aqui o heroe já morto,
Deixou nos braços meus o corpo informe,
Triste objecto da colera dos Numes,
E que seu mesmo pae não conhecera.

Phedra. Tragedia de Racine traduzida por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso. Lisboa 1814 — Pag. 159.

COMEDIA

THEATRO NOVO (270)

Scena VI

Aprigio Fafes, Aldonsa e Branca (filhas de Aprigio), Arthur Bigodes (Mineiro), Jofre Gavino (Musico e Mestre de Aldonsa), Inigo (Actor), Gil Leinel (Poeta), Braz (Licenciado), Monsieur Arnaldo (Architecto).

. . . .
. . . .
. . . .

Aprigio

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave tribunal! Que majestoso!
Mal sabe o Mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh quanto, amada patria, quanto deves
A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pelago profundo da ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te saco,
Qual saca o Gandaeiro um prégo torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

Gil

Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao poncto.

Aprigio

Sim, Senhor, sim Senhor: o caso é este:
E bem o sabeis vós ha quanto tempo
Que eu desejo fundar um bom Theatro:

Agora que a Fortuna me depara
Feliz occasião de executal-o
Com o favor, alli, de meu Compadre,
É preciso ajunctar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solemne escriptura este contracto.

Gil

Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem Dramas regulares? Uma boa,
E perfeita Tragedia, inda despida
Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, q'um máu Drama
No Theatro de Rheggio, ou de Veneza,
Com suberbas tramoias recitado.

Jofre

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão, ou Dido
Do grande Metastasio, repetido (271)
Entre velhas cortinas, sem orchestra?

Aprigio

Nada, nada, Senhores; desse modo
Aqui nos amanhece: todos junctos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continúa, meu Gil; dize o que intendes.

Gil

Errado vai, quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado.
Com mais alto designio, Athenas, Roma,

E outras Cidades mil, o receberam:
Póde nelle ensinar-se á mocidade
Guardar as sanctas leis; a fé devida
Á cara Patria, ao Principe, aos amigos:
Póde nelle mostrar-se quanto é fêo
O palido semblante da Cubiça:
Da Avareza infeliz; da triste Inveja:
Mas para recolher tam grande fructo
É necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sisusa dicção, em phrase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fabulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
D'aqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'effeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleives que sem razão lhe assacam.

Aprigio

Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes:
Quem me dera q'o bom Goldoni ouvisse (272)
Como ronca um Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

Braz

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse,
Que proveito tirâmos em metter-nos
No principio em camisa de onze varas?
Tragedia é cousa que ninguem atura:
Quem ao Theatro vẽi, vẽi divertir-se,

Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo
De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltam boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, jámais espere
Que o povo diga *bravo,* e dê palmadas.
É o voto que dou.

Aprigio

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

Arnaldo

Meus senhores,
Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os bastidores
É só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De vistas sobre vistas; as tramoias,
Mares, incendios, dragos e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro trovoadas,
Com raios e relampagos tam proprios,
Que as damas desmaiavam: era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

Aldonsa

Negro gosto! Quem póde divertir-se
Co'a pavorosa scena d'um flagello?

Branca

Bom Architecto! Magico me parece.

Aprigio

Calae-vos, filhas. Vote agora Inigo.

Inigo

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De commigo tractar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

Arthur

O cão é Mouro.

Aprigio

Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: falla, falla:
És a columna do Theatro novo.

Inigo

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem dança pouco vale;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua portugueza: eu aqui trago
Uma por mim composta n'este gosto.
É a perda de Troia: vê-se Eneas
Sair c'o Pae ás costas: vai Ascanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a cidade: caem as altas torres:
Embarca a gente Phrygia: muitos annos
Por inhospito mar andam vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E casa com Lavinia. (273)

Aprigio

Bravo! Bravo!

Inigo

Tem varios duos, arias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metastasio.

Branca

Agora sigo-me eu.

Aprigio

Espera, Branca.
Perdôa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaste: e bem podias
Pedir a tua vez. Perdôa e falla.

Jofre

Em tal não reparei: eu sou sincero
Digo o que intendo: e cuido q'o Theatro
Sem musica, e sem dança, nada vale:
Ha cousa mais formosa, que a ligeira
Calada pantomima, cujos gestos,
Sem auxilio das vozes representam
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que intende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? que vêr nos ares
Bater c'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços!
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez toda cantada:
Para tanto não é a lingua nossa;
Algumas arias, duos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o Theatro nós não temos versos.

Aprigio

Fallas como um Catão. Que dizes Branca?

Branca

Eu sou de parecer, que só se façam
As portuguezas Operas impressas:
Encantos de Medéa; Precipicios
De Phaetonte; Alecrim e Mangerona: (274)
Em outras nunca achei galantaria.

Aprigio

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Arthur, que te parece?

Arthur

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que, arrotando Congonha, me aturdiam, (275)
Co'a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avós, que de cá foram
Em jaleco, e ceroulas. Mas pergunto:
As Comedias de Calderon, Mureto,
Candamo e Salazar, isso não presta? (276)
Tem bichos, meus senhores? Tanta gente?
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marquezes, q'as ouviam
Com gosto e com prazer, eram uns asnos?
Só estes, meus senhores, tem juizo?
Que Colombos e Gamas denodados,
Para achar novos climas, novos mares!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
Fôr de contrario voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

Aprigio

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

Aldonsa

Eu digo, que me louvo no teu voto.

Gil

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

Aldonsa

Não acceito a lisonja; porém digo,
Qu'em fim approvo quanto tu votaste.

Aprigio

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

Arthur

Acabou-se a questão; vivamos todos.

Aprigio

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

Gil

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio. (277)

Aprigio

Nada de Grego, nada; fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

Gil

Queres a Castro
Tragedia do Ferreira?

Aprigio

Deus me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um drama teu: conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

Gil

Pois, amigo, encetêmos o Theatro
Com a minha *Iphigenia.*

Aprigio

Bello nome!
Isso é que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas lettras, nas esquinas

Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartam-se os papeis; vamos a isso.

Gil

Iphigenia, será Aldonsa bella.

Aldonsa

É extenso o papel?

Gil

Não; é pequeno.
O senhor Jofre seja Achilles: seja...

Arthur

Espere; tenha mão, senhor Poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro Galan a mim me toca.

Gil

Não póde ser Galan; ha de ser Barbas.

Arthur

Eu Barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

Gil

E que tem o dinheiro co'a figura?
Um velho nunca póde ser mancebo.

Arthur

Senhor Poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-se na rua.

(Levantam-se todos)

Aprigio

Arthur... amigo...
Onde está a prudencia d'esses annos?

Arthur

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama:*
Aldonsa, não a largo; tenho dito.

Jofre

Que tal, senhora Aldonsa?

Aldonsa

Escuta, Jofre.

Branca

Senhor Arthur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?

Braz

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.

Arnaldo

É gente douda.

(Vão-se os dous)

Scena VII

Aprigio

Oh paz, serena paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras com que possa
O velho socegar encarniçado.
Amigo Arthur Bigodes, que me perdes!

Arthur

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
Poeta bordalengo, defraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!

Inigo

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

Gil

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injurias.

Arthur

Adeus, senhor Poeta; faça versos
Ás moças do seu bairro; não se metta

A padre cura de outra freguezia.

Gil

Senhor Arthur Bigodes, fallaremos.

(Vai-se)

Scena VIII

. . . .

. . . .

Arthur

Amigo, Aprigio Fafes, de Theatro
Bem te podes deixar; assás nos bastam
Os theatros, que temos em Lisboa:
Nem tudo ha de ser Operas ou Comedia.
Eu caso com Aldonsa, e doto Branca:
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os bonifrates de chapeo pequeno,
De rabicho, e casacas estiradas,
De que gostam as moças d'este tempo.

. . . .

. . . .

. . . .

Aprigio

Inda o Fado não quer, inda não chega
A epoca feliz e suspirada,
De lançar do Theatro alhêas Musas,
De restaurar a scena portugueza.
Vós, Manes de *Ferreira*, e de *Miranda:*
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embalaram o berço, e te gravaram
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperae, esperae, qu'inda vingados,
E soltos vos vereis do esquecimento.
Illustres Portuguezes, no Theatro
Não negueis um logar ás vossas Musas:
Ellas, não as alhêas publicarão

De vossos bons Avôs os grandes feitos,
Que eternos soarão em seus escriptos:
E podeis esperar paga tam nobre,
Se detestando parecer ingrato,
Lhes defenderdes o paterno ninho,
E quizerdes com honra agazalhal-as.

Obras Poeticas de Pedro Antonio Corrêa Garção, Lisboa 1778—Pag. 206.

A ASSEMBLÉA OU PARTIDA (278)

Scena I

Braz Carril e Gil Fustote

Braz

Intendes, Gil Fustote, o que te digo?

Gil

Intendo, intendo: dizes que Partida
Hoje em casa terás ou Assembléa;
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas são o fructo
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que pernêas:
Compaixão, grande compaixão me deves.
Partidas! Assembléas! que mania!

Braz

E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? grandes e pequenos
Todos querem gozar das sans delicias,
Do suave prazer da companhia.

Gil

Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós, e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.

Braz

Ora já que traziam retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada
A esqualida guedelha; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça;
As calças retalhadas e pantufos; (279)
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os çapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio hynverno ao tronco annoso
Cair-lhe as murchas cans, e quando torna
A fresca primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas, novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos:
E devemo-nos todos subjeitar-nos
A tam perpetuas leis da natureza.

Gil

Amigo, amigo, estás perdido... doudo...

Braz

Com os olhos abertos.

Gil

Não t'o invejo,
Nem quero governar a casa alhêa.
Fica-te em paz com tuas Assembléas,
Pódes sem mim fazer a synagoga.

Braz

Caro Fustote, espera que não posso...

Gil

Eu não canto, nem sou arreburrinho:

Pouco gosto de chá, menos de jogo:
Falta cá não farei: adeus, amigo,

Braz

Espera, espera, podes divertir-te
Ouvindo duas arias, temos doce,
E doce delicado, se quizeres.

Gil

Não caio nesse anzol.

Braz

Meu Gil Fustote.
Espera, escuta...

Gil

Dize, que mais queres?

Braz

Eu queria pedir-te algum dinheiro
Porque estou sem real: olha em que dia!

Gil

Pois a perpetua lei da natureza,
Que murcha as folhas, e que traz Partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto?

Braz

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;
Dá-me, sequer, seis mil e quatrocentos;
Acode-me; e conforme o nosso ajuste,
Sete e duzentos lançarás na conta.

Gil

Seis mil e quatrocentos! Quem m'os dera!
Não me pagam tambem os meus foreiros:
E a divida vai já de foz em fóra.

Braz

Oito mil réis porás.

Gil

Isso é perder-te.

Braz

Qual perder-me.

Gil

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deus dos Ceos por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas que accrescente
Á nossa conta, é dado, e não por força,
Sim de livre vontade. Adeus, amigo,
Que vou vestir-me, e logo torno. *(Vai-se)*

Scena II

Braz sómente

Tenho
Para sequilhos, chá, café e cartas,
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da senhora,
Que é fonte limpa. D. Urraca... Urraca... *(Cantando)*

Scena III

Braz e Urraca

Urraca

Assim se chama, Braz, uma fidalga?

Braz

Perdôa, filha, que hoje não me lembro
Nem de excellencias, nem de senhorias;
Mandando á via estou a nau ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.

Urraca

O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

Braz

Que vens a dizer nisso? que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos e leis da fidalguia,
Com que queres, Urraca, ser tractada?
Ou intendes que meus Progenitores
Descendem de outro Adão, e que não foram
Por seus honrados feitos estimados,
Bons vassallos fieis e servidores?

Urraca

Tem bem que ver Carris, com Azevias
Por linha masculina descendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras e roquetes?

Braz

Basta, basta!
Senhora, excellentissima senhora,
D. Urraca Azevia! mas menina,
Vamos ao caso: falta para a noite (Fazendo-lhe muitas cortezias)
Dois arrateis de vélas... Eu não posso...

Urraca

Queres, já sei, pregar-me esse callote.

Braz

Não é callote que pagar prometto.

Urraca

Quando tiverem dentes as gallinhas,
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei buscal-os.

Braz

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçaes, pratos, bandejas,
Querer dar Assembléas, e Partidas,

É nadar sem bexigas.

Urraca

Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lan. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade;
E, como galgo em trela, cubiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento
Em ricas mezas, em custosas galas.

Braz

Ah, vossa senhoria, ou excellencia,
É perdida entre nós: que san doutrina,
Que politicas maximas de estado,
Caíndo não lhe estão por entre os dedos.
Que florente não fôra o vasto imperio
Das fulas Amazonas, se o regera (280)
Tam gentil coração, alma tam nobre!

Urraca

Só me julga capaz de mandar gente
Tam çafara e boçal? Negros, Tapuias? (281)
Agradeço-te, Braz, o bom conceito,
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer d'essas que campam
Por lettradas, que gostam de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem (se lh'os fazem)
D'essas...

Scena IV

Um Gallego com uma teiga, e os mesmos

Gallego

Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede;

Vem oito castiçaes; diz que tesoura
É traste que não tem, menos de prata:
Que virá a seus pés, como lhe ordena;
Que sempre estimará poder servil-o.

Braz

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue.
(Vai-se o Gallego)

Scena V

Braz e Urraca

Braz

Vejamos que taes são. Oh lá! suberbos!
Que secia, minha Urraca, estás contente?

Urraca

Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalaram?
Que nasci n'um curral?

Braz

Não digo tanto;
Mas olha, são magnificos e novos.

Urraca

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava uma candêa;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia aos Romulares
Na fétida baiúca... Mas o tempo...

O mesmo — Pag. 225.

AUTO DA MOFINA MENDES (282)

Payo Vaz, Mofina Mendes, Pessival

Payo Onde deixas a boiada,
E as vacas, Mofina Mendes?
Mof. Mas que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?
Payo Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.
Mof. A boiada não vi eu,
Andam lá não sei por hu,
Não sei que pascigo é o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos; (283)
Mas não sei a quem ouvi
Que andavam ellas por hi
Saltando pelos penedos.
Payo Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.
Mof. Das vacas morreram septe,
E dos bois morreram trez.
Payo Que conta de negregura!
Que taes andam os meus porcos?
Mof. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e má ventura.
Payo E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregaram?
Mof. Creio que hi ficaram dellas,
Porque os lobos dezimaram,
E deu olho máu por ellas,
Que mui poucas escaparam.
Payo Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?

Mof. Eram tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos, (284)
E levou-os um e um.

Payo Essa zorra, essa malina,
Se lhe correras trigosa, (285)
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a rapoza.

Mof. Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

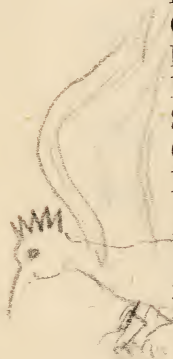
Payo Os carneiros que ficaram,
E as cabras, que se fizeram?

Mof. As ovelhas reganharam,
As cabras engafeceram,
Os carneiros se afogaram,
E os rafeiros morreram.

Pess. Payo Vaz se queres gado,
Dá ao demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, vá-se embóra
Ou má hora,
E põi o teu em recado.

Payo Pois Deus quer que pague e peite
Tam daninha pegureira, (286)
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçais medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.

Mof. Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,

Que é cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E o dia que fôr casada
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata, (287)
E diante o desposado,
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assim d'est'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no baile cai-lhe.)

Payo Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'és Mofina Mendes toda.

Pess. E s'ella baila na voda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

(Vai-se Mofina Mendes cantando)

«Por mais que a dita m'engeite
«Pastores, não me deis guerra;
«Que todo o humano deleite,
«Com o meu pote d'azeite,
«Ha de dar comsigo em terra.»

Obras de Gil Vicente, Lisboa 1852—Tom. 1.º, pag. 111.

APPENDICE

EXEMPLOS DE ESTYLO GONGORICO

Carta de Ormia, matrona Lusitana prisioneira de um Capitão Romano, a Eurilo seu esposo

CANTO XII

LXXVII

Esposo da alma, tua esposa amada,
Posta em poder de desmaiado esposo,
Desposada não é, é despojada
Da honra, e do thesouro mais precioso:
Já de todos esposa sou chamada
De Silo, com que Scyla me desposo, (288)
Ladrando firme fui esposa sua
Do corpo, sendo d'alma esposa tua.

LXXVIII

O que não acabaram em muitos dias
Requebros, retenções, regalo, e rogo,
Acabaram com baixas vilanias
Forças, feridas, furia, ferro e fogo
Como quem, joga, perde, e tem porfias:
No jugo, jaço, julgo, juro, e jógo
Jógo o dado, pois dado é sem reparo,
Pica, pena, porfio, perco, e paro.

LXXIX

Dar braços ao contrario que aborreço,
Que desconsolação, que grande magua!
Enxugar sempre os olhos, que humedeço,
Que mar de desamar, que fonte de agua!
Ver o que engeito, e não o que appeteço,
Que neve fria, que amorosa fragua!
Imaginar-me livre, e estar captiva,
Que doce imaginar, que pena esquiva!

LXXX

Não me posso pintar como me sinto,
Ai nobre sentimento, ai vil mudança!
Pinta-me lá, qual eu de cá te pinto,
Ah pintura mortal! ah cruel lembrança!
Considera-me neste labyrintho,
Ó Theseo, corre, oh! vẽi tomar vingança;
E se a matar-me vens, não venhas tarde,
Que espero morrer presto, o Ceo te guarde! (289)

Resposta de Eurilo

LXXXIII

Esposa d'alma, já do corpo esposa,
Esposa alhêa, de honra despojada,
Casta Lucrecia, que Tarquino gosa,
Helena, que um traidor levou roubada,
De Lusitania Grecia bellicosa
Carpentania será Troia abrasada,
Soverta-se o Illião, como Ghomorra,
E morra Menelau, ou Paris morra (290)
. . . .

LXXXV

Ditoso aquelle, que não é ditoso,
Que grande dita é nascer sem dita;
Porque aquelle, que sobe a venturoso,
Nunca vive seguro da desdita.
Sem grã dita, não ha grã desditoso,
Pois para o ser de ditas necessita,
Toda a desdita, toda a desventura,
Que tenho, me nasceu de ter ventura.

LXXXVI

Nunca a tivera, nunca a Ormia vira
Nunca no fatal Circo a defendera,
Nunca do valle tragico saíra,
Alli morrera então, e ella morrera:
Que se a tam alto estado não subira,
A tam subida affronta não descera,
Mas posto que em a ter culpa não tive,
Vingue-se, ou morra quem sem honra vive.

Viriato Tragico por Braz Garcia Mascarenhas. Coimbra 1699—Pag. 484.

JORNADA 1.ª

De Lisboa para Coimbra

Romance

O Senhor da Esphera quarta (291)
Mais armado, que o da quinta, (292)
Pois sempre traz a pessoa
Dentro n'um sino mettida, (293)
Ouro brilhante pezava,
Que foi nascido nas Indias,
Ouro fino para Daphne,
Bem que Daphne lhe pôz liga.
Não puro para jacintho,
Pois dizem prender queria
Em seu ouro amartelado
Jacintho por pedra fina. (294)
Porém façamos já poncto,
Que não quero que se diga
Vai minha Musa com pezo,
Mas que não vai com medida.

Pezava todo o seu ouro
A Deidade sobredita,
E por signal que pezava
Todo o seu ouro uma libra. (295)
Quando (não ouvida magoa)
Parti (não dita, desdita)
De Ulyssêa, ai Ulyssêa!
Para Coimbra, ai Coimbra!
As meninas dos meus olhos
Choravam como meninas
Pedaços d'alma, que então
De cantaro parecia.
Perlas netas não choravam,
Que como são tão tenrinhas,
Inda não tem perlas netas,
Apenas tem perlas filhas.
Dava-me a agua pela barba,
E creio se affogaria
O meu rosto, se o meu rosto
Não nadára com bexigas.
Mas ah sim, qne o dia e hora
Da jornada m'esquecia,
Porque sobre ingenium tardum
Sou tambem memoria infirma.
De outro dia me parece
Que foi aquella hora esquiva,
Pois foi a hora de terça,
Sendo da segunda o dia.
Se quereis ver meu alforge,
Ouvi minhas poezias,
Que se não dais audiencia,
Mal vos poderei dar vista.
Tres aves, que n'um só valle
Fiz eu despachar da vida,
Matei; mas não foi façanha,
Porque em fim eram gallinhas.

Mais um, que qual verso culto
Dente de coelho tinha,
Animalejo tam rico,
Que tem em casa uma mina.
O grão Diogo Ferraz
A quem Castella inimiga
Mais que bravo no appellido
Viu bravo na valentia.
Seis queijos para meus queixos
Me deu com grão fidalguia,
E foram para a memoria
Não achaque, mas mésinha.
Os doces vos não descrevo,
Pois bem vedes que convinha
Levar alforges de doce
Um ingenho da Bahia.
Só caminhei duas leguas,
E porque rifões desminta,
De vir mal acompanhado
O vir tam só me não livra.
Na Boca de Sacavêm
Encontrei linguas malditas,
Que mais que a Boca de larga,
Tinham ellas de compridas.
Rico fôra o meu barqueiro
Mais que Cresso, mais que Midas, (296)
Se recolhera de juros
O que de juras dizia.
Reinava no mar um vento
Daquelles, que Camões pinta,
Tam valente, que de um sopro
A mil velas mataria.
Para reparar seus golpes
Puz uma gorra de friza,
Mas elle se fez tão facil,
Que de gorra se mettia.

Tomei terra, achei pousada;
Chamei, respondeu Maria,
Poz-se a meza, e sobre a meza
Pão de segunda, e de prima.
Agora, Apollinho, agora
Mandae, meu louro, que assista
A poeta comedor
Uma Musa comesinha.
Comi dous Sanctatoninhos
Com uma fome excessiva,
E ser então papa Sanctos
Não foi certo hypocrisia.
Despachei o pão primeiro,
E o outro, que se seguia.
Não estava todo trigo,
Vendo fome tão canina.
Pedi mais peixe, mais peixe,
Poz rebolindo a mocinha
Pescada partida em postas
E pela posta comida.
Cuidareis lendo meus versos,
Que jantei com alegria?
Ah, que levei muitos tragos
Por certas razões que tinha!
Acabo pois de jantar,
Nesta rima, e nesta rima
Basta dizer a Deus graças,
Sem que aos homens graças diga.
Cavalguei n'um macho negro,
Que já ser branco podia
Posto que está nos seus treze:
Bella idade para Nympha!
Caminhei de esporas, e botas,
E sempre o moço dizia
Nas tabernas: Lança, lança,
Nas estradas: Pica, pica.

Tambem fui só n'esta tarde
Sem encontrar alma viva,
Marianno do deserto,
Não Padre da Companhia.

....

....

Perguntei: Ha que comer?
Respondeu-se: Ha azevias:
E temí, porque não são
A negros muito propicias.
Comtudo doze comi,
E dando-mas mui bem fritas,
Me admirei de vir tam quente
Peixe, que tam fresco vinha.
Eram valentes as doze
Às doze mil maravilhas,
Mas eu as deixei tão fracas,
Que foram postas na espinha.
N'uma caixa de perada
Bem temperada e bem fina
Já tocava a recolher,
Porque marchar não podia:
Quando vossas saudades,
E logo lagrimas minhas
Deixaram qual peixe n'agua
O peixe que em mim se via.
Da cêa me levantei,
E porque o somno caía,
Presto caminhei da Cêa,
Com ser tam longe, a Caminha.
Fim da Jornada: *Laus Deo,*
E quem me não der um viva
Morra de morte macaca
Sem uma véla bugia.

Jeronymo Bahia.—A Phenix Renascida, Lisboa 1746
—Tom. 1.º, pag. 238.

SONETOS

A Jorge de Montemaior, nascido em Montemór, assassinado no Piemonte

Nasceste, ó Jorge, no vetusto Monte,
Que o Mouro quiz fazer sua colonia, (297)
Adonde te entregou Lyra Meonia
O numeroso pae de Phaetonte. (298)
E na Iberia viveste da alta fonte,
Que outro Monte mais preza em Thracia Aonia: (299)
E n'outro Monte da suberba Ausonia
Passaste irrevocavel Acheronte. (300)
Pequeno em maior Monte em fim nasceste:
Maior viveste em monte mais ufano:
E em Piemonte, não pio, feneceste.
De Monte em Monte andou teu peso humano.
Oh! feliz tu, se o espirito pozeste
Já no Monte do Olympo soberano! (301)

Fuente de Aganipe ou Rimas varias de Manuel de Faria e Sousa, Madrid 1646 — Parte 1.ª, Cent.ª 6.ª, Soneto 76.º, pag. 367.

A D. Marianna de Luna

Musas, que no jardim do Rei do dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o pensamento
As flores augmentais, que Apollo cria. (302)
Deixae, deixae do sol a companhia,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Uma lua, que é sol, e que é portento,
Um jardim nos fabrica de harmonia.
E porque não cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de lua a luz mais pura:
Sabei que por mercê da divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro immortal da eternidade.

Soror Violante do Ceo. A Phenix Renascida, Lisboa 1746 — Tom. 1.º, pag. 384.

NOTAS

FABULA

(1) *Orpheu*. Poeta e musico, segundo a mythologia. Era filho de Apollo e de Clio ou de Œagre e Calliope. Tocava lyra com tanta perfeição, que as feras e as aves se junctavam em roda d'elle para o ouvir, as arvores e os rochedos seguiam-no, e os rios suspendiam o curso de suas aguas. Aqui toma-se por cantor excellente.

(2) *Hymineu*. Deus do casamento, filho de Baccho e de Venus, ou de Apollo e de uma das musas.

(3) *Zagal*. Pastor.

(4) *Rabel*. Instrumento de pastores, especie de rebeca com tres cordas.

GENERO DIDACTICO

(5) *Pindo*. Montanha da Thessalia, consagrada a Apollo e ás musas.

(6) *Godas e mouriscas*. Os godos e os mouros dominaram muito tempo na Peninsula.

(7) *Foraes*. Cartas dadas pelos reis ás cidades, villas e povoações; continham os direitos, regalias e privilegios que lhes eram concedidos.

(8) Antes de Julio Cesar até á invasão dos barbaros.

(9) *Minerva*. Deusa da sabedoria, da guerra, das sciencias e das artes.

(10) *Lingua freira* ou *freiratica* é uma certa lingua delambida e inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico.

(11) *Syndapsos*, regalões, do grego *syn* com, e *dapanao* viver lautamente, ou *dapsilés* sumptuoso.

(12) D. João II mandou muitos moços estudar á Italia, á Allemanha e á França.

Novos Tullios. Marco Tullio Cicero saiu de Roma a aprender na Grecia.

(13) *Elysia.* Portugal.

(14) *Urania.* Uma das nove musas, preside á astronomia. *Clio*, outra musa, preside á historia. *Erato*, tambem musa, preside á poesia lyrica e erotica.

(15) *O Lacio.* Terra dos latinos, nos suburbios de Roma. Toma-se pela mesma Roma antiga.

(16) *Boreas.* Do norte, de Boreas, vento norte.

(17) *Myron.* Esculptor grego, que nasceu no 5.° seculo antes de Christo.

Praxiteles. Outro esculptor grego, que viveu no 4.° seculo antes de Christo.

(18) *Phidias.* O mais celebre estatuario da antiguidade. Era grego, nasceu na Attica e viveu no 5.° seculo antes de Christo.

(19) *Pindarico Elpino.* Antonio Diniz da Cruz e Silva, cognominado Elpino Nonacriense, escreveu odes pindaricas de grande merecimento.

(20) *Arcadia.* A Arcadia Ulysiponense foi uma associação litteraria, fundada no anno de 1757 por Antonio Diniz da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Theotonio Gomes de Carvalho; tinha por fim a reforma da poesia portugueza, da eloquencia e da linguagem patria.

(21) *Camenas.* As musas.

(22) *Achaia.* Região da Grecia; toma-se pela mesma Grecia.

(23) *C. Caecilius Plinius Secundus*, chamado o moço, sobrinho de C. Plinius Secundus, o naturalista, o velho, nasceu no anno 62 de Christo e no reinado de Nero. Existem d'elle o Panegyrico de Trajano e Cartas. Na primeira obra, a despeito da imaginação que n'ella domina, da elegancia de pensamento e de estylo e de um grande numero de bellezas, que se não podem contestar, nota-se-lhe prodigalidade de louvores e ornatos oratorios. As Cartas distinguem-se pela agudeza do seu auctor, pela variedade de assumptos de que tractam e pela luz que lançam sobre a historia, jurisprudencia, administração publica, usos, litteratura e artes d'aquelle tempo.

(24) *C. Julius Cesar*, celebre general romano e dictador perpetuo, viveu nos annos 100 a 44 antes de Christo. Foi assassinado por Bruto e Cassio no Senado. Cesar foi grande guerreiro e homem de estado, orador eloquente e escriptor elegante.

(25) *C. Fabricius Luscinus*, general romano celebre pela sua pobreza e desinteresse.

M. Atilius Regulus, tendo caído em poder dos Carthaginezes, foi mandado por estes a Roma para tractar da troca dos prisioneiros; no Senado fallou contra a proposta dos inimigos, e voltou voluntariamente para a prisão em cumprimento da palavra que havia dado. Os Carthaginezes mataram-no atormentando-o atrozmente.

M. Furius Camillus, celebre general romano, venceu differentes povos da Italia, e os Gaulezes, expulsando-os completamente e livrando Roma d'estes inimigos.

(26) Virgilio dispoz em seu testamento que fosse queimada a Eneida, mas Augusto oppoz-se ao cumprimento d'esta disposição.

(27) *Apollo*. Inventor e Deus da musica, da poesia, da medicina, e chefe das nove musas.

(28) Tito Livio, natural de Padua. Os contemporaneos notavam-lhe alguns provincianismos.

(29) Illisso, rio que corria perto do Gymnasio atheniense.

(30) Midas era filho de Gordio, rei da Phrygia. Havendo grandes dissenções entre os Phrygios, consultado o oraculo sobre o modo de ellas acabarem, respondeu que isso só se verificaria tendo os Phrygios um rei, que havia de vir em um carro. De-

pois de ouvirem estas respostas encontraram o lavrador Gordio em um carro e acclamaram-no rei. Gordio consagrou a Jupiter o carro. O jugo d'elle estava ligado ao timão por um nó tão intrincado, que ninguem sabia como era feito. O oraculo promettia o imperio da Asia a quem desatasse este nó. Alexandre cortou-o com a espada, pretendendo assim ter cumprido o oraculo.

(31) *Thema,* proposição. Dicc. de Moraes. Marco Antonio em um dia, em que se celebravam as festas lupercaes em honra de Deus Pan e em memoria da loba, que amamentou Romulo e Remo, quiz pôr o diadema na cabeça de Cesar.

(32) *Mezinha,* remedio.

(33) *Gelboé,* na Palestina, onde foi morto Saul na batalha que lhe deram os Phillisteus.

(34) *Az,* ala, fileira.

(35) O principe D. Affonso publicou contra El-Rei D. Diniz, seu pae, um manifesto no qual o accusava de haver pedido ao Papa a legitimação de Affonso Sanches, seu filho natural, a fim de o declarar successor do reino. D. Diniz protestou contra a falsidade da accusação, que o Papa declarou infundada, dando-se até por offendido do que se dizia.

(36) Infante D. Pedro, filho de D. Duarte, regente na menoridade de D. Affonso V. Retirou-se para Santarem, acompanhou-o o conde de Abranches.

Tres seus filhos reis. D. Pedro, condestavel de Portugal, foi coroado rei de Aragão em 1464.

D. João, duque de Coimbra, casou com a princesa Carlota, filha unica de João II rei de Chypre e de Jerusalem. D. João intitulava-se principe de Antiochia e regente do reino de Chypre, mas não chegou a pôr na cabeça a corôa d'este reino por morrer antes de seu sogro.

D. Izabel, rainha de Portugal, por haver casado com D. Affonso V.

(37) *Jethro,* sacerdote de Madian, pae de Séphora, mulher de Moysés. Jethro veiu ao campo dos Israelitas ter com Moysés, e vendo-o dar audiencia ao povo aconselhou-o que escolhesse homens poderosos e tementes a Deus, que fizessem em todo o tempo justiça ao povo julgando os negocios mais pequenos, reservando para si os de maior supposição. Exodo, cap. 18.°

(38) *Conradino,* filho do imperador de Allemanha Conrado IV. Mainfroi, seu tio e tutor, usurpou-lhe os reinos de Napoles e Sicilia. O Papa Urbano IV deu a Carlos de Anjou, irmão de S. Luiz, a investidura dos estados de Conradino, o qual querendo reivindical-os foi vencido, feito prisioneiro e executado em virtude de um simulacro de julgamento.

(39) *Codro,* ultimo rei de Athenas. Estando os Athenienses em guerra com os Dorios o oraculo disse: que dos dois contendores venceria aquelle a quem morresse o chefe. Codro para que vencessem os Athenienses sacrificou-se voluntariamente procurando a morte na batalha.

(40) D. João II tomou por empreza um pelicano ferindo com o bico o peito para alimentar os filhos com o sangue.

(41) *Apollo,* veja-se nota 27, *nove irmãs,* as musas.

(42) *Phebo,* Apollo.

(43) *Olympo,* montanha da Grecia, os antigos julgavam que tocava no Ceo, e d'ahi imaginaram que os deuses residiam n'ella. Toma-se pelo mesmo Ceo.

(44) *Democrito,* Philosopho grego, ria-se sempre das loucuras humanas; oppõe-se a Heraclito, que pelo contrario chorava ao contempla-las.

(45) *Maximiliano de Bethune,* duque de Sully. Affeiçoou-se ainda moço a Henrique IV, primeiramente Principe, depois Rei de Navarra e por ultimo Rei de França. Sully ganhou a confiança do Rei, que alem de muitas honras que lhe conferiu, nomeou-o Ministro da fazenda.

(46) Dito attribuido a Henrique IV, que para pôr termo á guerra que lhe fazia o partido catholico dirigido por Mayenne, irmão do duque de Guise, colligado com Filippe II de Hespanha e com o Papa Xisto V, formando a liga ou Sancta União, abjurou o calvinismo, em que tinha sido educado, e que já havia abjurado outra vez para escapar á matança do dia de S. Bartholomeu.

(47) *S. Bartholomeu.* Matança dos protestantes em toda a França feita por ordem de Catharina de Medicis e de Carlos IX.

Começou em 24 de agosto de 1572 no dia de S. Bartholomeu. Calculam-se as victimas em sessenta mil.

(48) *Carlos Heitor*, conde de Estaing, almirante francez. Ganhou algumas victorias aos Inglezes na terra e no mar na guerra da America. Commandava as esquadras alliadas em Cadiz em 1783 quando se assignou a paz.

(49) Ladrão temido no tempo de Nicolau Tolentino.

GENERO DESCRIPTIVO

(50) *Insula que ao sceptro hispano arranca*. A Jamaica, ilha ingleza das Grandes Antilhas. Foi descoberta em 1494 por Christovão Colombo. Pertenceu primeiro aos Hespanhoes. Em 1655 o almirante inglez W. Penn apossou-se d'ella, e desde então conservou-a sempre a Inglaterra.

Manjim, nome brazileiro do algodoeiro. *Olspice*, especie de myrto da Jamaica.

(51) *Edmundo Waller*, poeta inglez. Seguiu o partido de Carlos I; refugiou-se nas ilhas Bermudas. Os louvores que deu áquelles pequenos e fecundos torrões causaram tão grande enthusiasmo, que foi grande moda entre as senhoras inglezas d'esse tempo chapéus de folha de palmeira das Bermudas.

(52) *Ceres*. Deusa da agricultura. *Luridas*, amarellas.

Numen em Nisa honrado. Baccho.

Thyrso, genero de lança enramada de hera e de parras, de que usava Baccho e os seus sequazes quando lhe faziam festas.

Nayades, nymphas das fontes.

Minerva. Deusa da sabedoria, da guerra, das sciencias e das artes. Disputando com Neptuno sobre o nome que se devia dar a Athenas, os Deuses arbitros decidiram que lhe daria seu nome aquelle que produzisse uma cousa mais util á cidade. Neptuno fez saír da terra um cavallo, e Minerva uma oliveira, o que lhe deu a preferencia.

Pomona. Deusa dos fructos e dos jardins.

Flora. Deusa da primavera e das flores.

(53) *Eden*, nome dado no Genesis ao paraiso terrestre.

(54) *João Rousseau* (Jean Jacques) nasceu em Genebra em 1712, sustentou que o estado natural do homem era o anti-social.

(55) *Timão*, o Misanthropo, philosopho atheniense, aborrecia a sociedade e os homens. *Aristippo*, philosopho de Cyrene, sustentava que o fim unico da vida era o prazer.

(56) Allude ao governo de Napoleão I.

GENERO EPIGRAMMATICO

(57) *Jacob*, filho de Isaac, alcançou por surpreza a benção que seu pae tinha promettido ao primogenito Esaú. Este ameaçou Jacob, que se retirou para a Mesopotamia para casa do seu tio Labão. Jacob obrigou-se a servir septe annos a Labão para alcançar sua filha Rachel, que era mais moça e bella. Na noite das vodas o pae poz Lia, que era mais velha e feia, em logar de Rachel. Jacob serviu outros septe annos por merecer a Rachel.

(Genesis, cap. 27 e 29.)

(58) Este soneto parece um grito de desesperação do poeta contra a desventura que o perseguia.

(59) *Orestes* era filho de Agamemnon, rei de Argos e Mycenas e de Clytemnestra. Quando Agamemnon voltou da guerra de Troia foi assassinado por sua mulher e por Egisto. Orestes, salvo por sua irmã Electra, refugiou-se na Phocide; depois voltou á patria para vingar a morte do pae e matou sua mãe e Egisto, pelo que foi atormentado pelas furias até expiar sua culpa, libertando sua irmã Iphigenia e tirando a estatua de Diana de Tauride.

(60) *Pedro Aretino*, natural de Arezzo, viveu nos annos 1492 a 1557, compoz poesias causticas e licenciosas. Foi impudente e venal, servindo a quem mais lhe dava.

(61) *Bellona*, Deusa da guerra, *real menino*, D. Sebastião.

GENERO ELEGIACO

(62) Alguns querem que Camões escrevesse esta Elegia em Santarem quando ahi esteve desterrado. Mas é duvidoso este des-

terro. Parece que o poeta lamenta a ausencia da sua amada, e que saiu de Lisboa para disfarçar a magua de ella sem rasão se haver enfadado com elle.

P. Ovidio Naso, poeta latino, natural de Sulmona na Italia. Augusto desterrou-o para Tomes, perto do Ponto Euxino.

Penates, Deuses domesticos.

(63) *Philomela,* filha de Pandion, rei de Athenas, transformada em rouxinol.

(64) *Lethe,* rio do inferno. As sombras bebiam suas aguas e esqueciam o passado.

(65) *Tantalo* deu a comer aos Deuses, que um dia vieram a casa d'elle, os membros de seu filho Pelops. Jupiter condemnou-o a uma fome e sêde perpetuas. Collocou-o no inferno em um lago, cujas aguas se lhe escapavam quando lhe queria chegar, e debaixo de arvores carregadas de fructos, cujos ramos se levantavam quando estendia os braços para os alcançar. *Ticyo,* gigante, por querer attentar contra a honra de Latona, foi morto a tiro de frechas por Apollo e Diana e lançado ao Tartaro, rio do inferno, onde um abutre lhe roia o figado e as entranhas, que renasciam continuamente.

(66) *Libyco,* da Africa—*Hyrcano,* da Hyrcania, provincia da Persia.

(67) Rio que corre no imperio de Marrocos.

(68) *Sancto Syão.* Syão toma-se pelo Ceo, conforme o uso da Escriptura.

(69) Babylonia, capital do imperio do mesmo nome. Na Escriptura é o typo de uma cidade rica e poderosa, mas depravada.

(70) *David,* propheta e rei de Israel. Foi ungido por Samuel por mandado do Senhor, por ter Saul perdido o reino pela sua desobediencia. Deus prometteu a David que do seu sangue nasceria o Messias. S. José era descendente de David ou da casa de David.

(71) *Nymphas.* Divindades subalternas, representadas sob a figura de donzellas.

(72) *Nayadas,* nymphas das fontes. *Napêas,* nymphas dos valles e dos bosques.

(73) Josué, combatendo os Amorrheos que sitiavam Gabaon, mandou parar o sol, e o dia durou até a derrota completa dos inimigos de Israel.

(74) As Parcas fiavam os dias dos homens. Clotho tinha a roca, Lachesis o fuso, e Atropos cortava o fio com a tesoura.

(75) *Aquilões,* ventos do norte — *Hyperboreas,* septentrionaes.

(76) *Epaminondas,* celebre General de Thebas. *Aristides,* de Athenas, notavel pelas suas virtudes civis e militares.

(77) *Rival de Roma,* Carthago, cidade antiga na Africa. *Scipião Africano,* celebre General romano, venceu Annibal, General carthaginez na batalha de Zama. *Mario,* distincto general de Roma, sendo proscripto por Sylla, vagueou muito tempo pelas ruinas de Carthago.

(78) *Estôa,* philosophia estoica, austeridade, regidez e insensibilidade ás paixões, conforme o proceder dos estoicos.

(79) Ovidio. Veja-se nota 62.

(80) *Horacio,* o maior lyrico romano, viveu no seculo de Augusto. *Marcial,* poeta latino, distinguiu-se no genero epigrammatico. *Estacio,* tambem latino, compoz miscellaneas poeticas, que respiram profundeza de observações philosophicas.

(81) *Virgilio.*

(82) *Castel,* francez, poeta e botanico, morreu em 1832. Compoz um poema didactico intitulado «As Plantas», que Bocage traduziu. *Delille,* poeta francez, publicou em 1782 o poema didactico «Os Jardins», traduzido tambem por Bocage.

(83) *Melpomene,* musa que preside á tragedia.

(84) *Tibullo,* poeta latino contemporaneo de Horacio e Virgilio, compoz elegias notaveis pela delicadeza, ternura e melancholia que n'ellas dominam.

(85) *Petrarca,* celebre poeta italiano. Viveu no seculo XIV. São notaveis os seus sonetos e canções.

(86) *Lucio Anneo Seneca,* rhetorico e philosopho latino, auctor de varias tragedias. Viveu no seculo I, desagradando a Nero, de quem foi mestre, este imperador o condemnou á morte, deixando-lhe a escolha do supplicio. Seneca abriu as veias e tomou veneno com uma firmeza e resignação estoica.

(87) *Rhodano,* rio da França. *Albion,* nome da Gran-Bretanha no tempo de Cesar.

Ibèro, hespanhol. Iberia era primeiro a parte de Hespanha que banha o Ebro, depois deu-se este nome a toda a peninsula.

(88) *Torquato Tasso,* poeta italiano, auctor da «Jerusalem Libertada». Viveu no seculo XVI.

Milton, poeta inglez, auctor do «Paraizo Perdido». Viveu no seculo XVII.

GENERO LYRICO

(89) *Tyro,* cidade da Phenicia, notavel pela sua belleza, riqueza e commercio, foi destruida por Nabuchodonosor por se ter regosijado da ruina de Jerusalem.

(90) *Libano,* monte da Syria, celebrado antigamente pelos magnificos cedros que produzia.

(91) *Basan,* Batanæa, pequena região da Judéa entre o rio Jordão e os montes Galaad.

(92) *Sydonia,* cidade da Phenicia, formava um pequeno estado, muito rico pelo seu commercio e industria.

(93) *Gibal ou Biblos,* outra cidade da Phenicia.

(94) *Bojador,* cabo na costa de Africa. Os antigos consideravam-no como a extremidade do mundo. Gil Annes foi o primeiro que o dobrou em 1434.

(95) O infante D. Henrique estabeleceu-se em Sagres, onde fundou um observatorio e uma especie de academia, á qual concorreram sabios de todas as nações. D'ahi dirigiu as expedições que sob seus auspicios se fizeram.

(96) *Sacro-Promontorio*, Cabo de S. Vicente.

(97) *Alcides*, Hercules, neto de Alceo. Abriu o estreito de Gibraltar e fez communicar o mar Mediterraneo com o Atlantico, separando duas montanhas, que estavam unidas, Calpe do lado de Hespanha e Abyla do lado da Africa, sobre as quaes poz esta inscripção «*nec plus ultra*», sendo consideradas na antiguidade como balizas do mundo, e chamadas columnas de Hercules.

(98) *Tethys*, filha do Ceo e da Terra. Casou com o Oceano e teve tres mil filhas, chamadas Oceanides.

(99) As *Garças*, ilhas no golfo de Arguim na costa occidental da Africa, assim chamadas pelas muitas aves d'aquelle nome que alli se encontravam; foram descobertas por Nuno Tristão em 1443. *Arguim*, ilha no golfo de Arguim. *Hesperides* (occidentaes) eram tres filhas de Atlas e de Hespéris. Tinham um jardim com pomos de ouro guardado por um dragão com cem cabeças. Alguns dizem que as Hesperides habitaram nas ilhas Canarias, chamadas Hesperides por serem as mais occidentaes que os antigos conheciam.

(100) *Ethiopia*, região ao sul do Egypto—*Arsinario cabo*, Cabo Verde. *Sanagá*, *Gambia*, *Nilo*, *Zaire*, rios de Africa.

(101) *Protheo*, filho de Neptuno e Phenice. Era pastor dos rebanhos de seu pae, que para o recompensar lhe deu o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Transformava-se de muitos modos para atemorisar aquelles, que se approximavam d'elle.

(102) *Rainha do Adriatico*, Veneza.

(103) *Estaing*. Veja-se nota 48.

(104) *Rodney*, Almirante inglez, distinguiu-se muito em 1779 a 1782 na guerra contra os Francezes e Hespanhoes. *Amphitrite*, mulher de Neptuno, Deusa do mar.

(105) *Nereias*, nymphas do mar, filhas de Nereo e de Doris.

(106) *Lises*, *Leopardos*, armas de Inglaterra.

(107) *Thule*, ilha mais septentrional que os antigos conhe-

ciam, julga-se ser a Islandia. *Eôo,* nome dado a Apollo; toma-se aqui pelo oriente.

(108) *Argus,* navio em que embarcaram Jazão e os Principes gregos que foram a Colchos conquistar o Tosão de ouro.

(109) *Ganges,* rio do Indostão, que os Indios têem por sagrado. *Euphrates,* rio que corre na Turquia asiatica. Á borda d'elle choravam os Judeus por Jerusalem.

(110) *Sarmacia,* nome que davam os antigos á região que fica entre os mares Baltico e Caspio, em que se comprehendia o sul da Russia. *Cimmerios,* povos barbaros da Europa oriental, habitavam a Criméa, as costas orientaes do Mar Negro e a Asia Menor. *Dacia* correspondia a Moldavia e Valachia, Transylvania e nordeste da Hungria.

(111) *Duarte Pacheco Pereira* militou com prodigioso valor e prestou extraordinarios serviços. D. Manuel não só o não recompensou, mas o mandou prender por intrigas. Solto depois, morreu miseravel no hospital.

(112) Allude ás inquisições de Lisboa, Coimbra, Evora e Goa.

(113) D. Sebastião.

(114) As armas de Hespanha figuram leões.

(115) As armas portuguezas.

(116) D. João IV.

(117) Restauração das letras sob D. José I.

(118) Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muito bons ingenhos.

(119) *Sião,* uma das quatro collinas, sobre que estava edificada Jerusalem.

(120) *Thema,* Judas Machabeo succedeu no commando do povo judeu a seu pae Matathias, nomeado general pelos sublevados contra Antiocho Epiphanes, rei da Syria, que dominava na Judéa. Judas com poucas forças, mas auxiliado com a pro-

tecção divina, que sempre invocava nas batalhas, alcançou muitas victorias.

(121) *Idumêa,* região da Palestina.

(122) *Diu,* cidade maritima do reino de Cambaia.

(123) *Lybia,* Africa.

(124) *Salseta,* ilha no mar das Indias na costa do reino de Decan.

(125) *Euro,* vento do oriente.
(126) *Baroche,* cidade nos estados do Gran Mogol. *Cambaia,* cidade no golfo do mesmo nome; pertence hoje ás possessões inglezas da India.

(127) *Medusa,* uma das Gorgones, tendo profanado com Neptuno o templo de Minerva, esta Deusa transformou-lhe os cabellos em serpentes, e deu-lhe aos olhos a força de petrificar todos aquelles para quem olhasse.

(128) Logar de Cambaia que D. Francisco de Almeida entrou á força de armas e arrazou.

(129) *Pondá,* fortaleza do Hidalcão a tres leguas de Goa pelo sertão dentro. *Antheu,* gigante, filho da terra, fundador de Tinge, hoje Tanger.

(130) *Patane* e *Pate,* cidades na India transgangetica.

(131) *Hidalcão,* Principe poderoso da India no seculo XVI no reino de Decan, onde está a cidade de Goa, a qual cercou em 1572 com um fortissimo exercito sem conseguir vantagem alguma.

(132) Veja-se nota 74.

(133) *Erostrato,* sendo de nascimento obscuro e querendo adquirir celebridade, deitou fogo ao templo de Diana de Epheso, uma das septe maravilhas do mundo.

(134) *Aquilão,* vento norte. *Thracia,* região antiga do oriente da Europa, a que hoje corresponde a Romelia no imperio turco.

(135) *Parnaso*, o mais alto monte da Phocide, tinha dois cumes, um dedicado a Apollo e ás Musas, outro a Baccho.

(136) *Pindaro*, poeta grego de Thebas, nasceu no anno 520 antes de Christo. Foi um excellente lyrico. São notaveis os seus hymnos ou odes heroicas.

(137) Livro 1.º, Ode 4.ª de Horacio a Sestio. *Cytherea*, Venus.

(138) *Brontes*, um dos Cyclopes, que forjava os raios de Jupiter.

(139) Liv. 2.º, Ode 1.ª

(140) *Estyge*, rio do inferno. Liv. 2.º, Ode 20.ª

(141) *Bosphoro*, estreito de Constantinopla.
Parthos, povos antigos da Asia. *Scythas*, povos nomades da antiguidade, que se estabeleceram na Asia e no oriente da Europa. *Hyperboreos* do norte. *Lybicas Syrtes*, dois golfos que forma o Mediterraneo na costa septentrional de Africa entre o Egypto e o cabo Bom, chamam-se hoje golfo de Sidra e golfo de Cabes.

(142) Liv. 3.º, Ode 5.ª *Augusto*, triumviro com Lepido e Antonio e depois imperador. *Crasso* fez parte do primeiro triumvirato; commandou uma expedição contra os Parthos, foi derrotado por Surena, General inimigo, e por este mandado matar tratando da paz na tenda d'elle. *Vestal fogo*, lume sagrado que as virgens chamadas Vestaes, conservavam perpetuamente no templo de Vesta, deusa do fogo. Se a chamma se apagava era signal que estava imminente uma grande desgraça, accendia-se de novo aos raios do sol, e a Vestal que a tinha deixado apagar era castigada.
Capitolio, templo e cidadella de Roma no monte Tarpeio, dedicados a Jupiter.

(143) *Regulo*, veja-se a nota 25.

(144) *Hymen* ou *Hymeneu*, veja-se a nota 2.

(145) Camões fez parte de uma expedição, que saiu de Goa para cruzar na embocadura do Mar Vermelho e destruir os cor-

sarios mouriscos. A frota andou bordejando muito tempo diante do cabo Guardafui.

(146) Cidade do antigo Egypto.

(147) *Arómata,* cabo Guardafui.

(148) *Dido,* a quem tambem dão o nome de Elisa, era filha de Belo, rei de Tyro, e casou com Sicheu, sacerdote de Hercules. Pygmalião, irmão de Dido, assassinou Sicheu para se apoderar das immensas riquezas que elle possuia. Dido fugiu para a Africa e fundou Carthago.

Virgilio representa Dido apaixonada por Eneas e matando-se quando elle por ordem dos Deuses deixou Carthago. O poeta alterou a verdade historica, porque Dido viveu em epocha muito posterior á destruição de Troia.

(149) *As Parcas,* veja-se nota 74.

(150) *Iliacas, teucra,* de Troia. *Pavez,* escudo antigo.

(151) *Dardanico,* troiano.

(152) Barqueiro do inferno.

(153) Um dos rios do inferno.

(154) *Ménalo,* monte da Arcadia, morada ordinaria do deus Pan. *Nébrides,* nome dado ás bacchantes, da pelle de gamo com que se cobriam. *Ménades* o mesmo, da furia que as agitava.

(155) *Egipães.* Deuses campestres que habitavam os bosques e as montanhas.

(156) *Thyrso.* Veja-se nota 52.

(157) *Bassarides,* Bacchantes.

(158) *Evohé,* gritos das bacchantes nas festas.

(159) Deuses dos bosques, dos campos e dos montes.

(160) Baccho.

(161) *Ariadna,* filha de Minos, livrou Theseu do labyrintho de Creta, fugiu e casou com elle. Foi abandonada pelo esposo na ilha de Naxos, onde Baccho a veiu consolar e lhe deu uma corôa de oiro.

(162) Povos antigos da Moscovia septentrional.

(163) *Evan,* Baccho.

(164) *Satyros,* deuses dos campos.

(165) *Battuta,* palavra italiana, que significa o compasso da musica.

(166) *Sileno,* educou Baccho e acompanhou-o nas suas viagens.

(167) Queria dizer o freio. Uma visita interrompeu o poeta.

EPOPEA

(168) *Jupiter,* o maior dos Deuses, senhor de todo o universo.

(169) *Baccho,* deus do vinho, de quem reza a fabula que fizera grandes conquistas na India; por conhecer que esqueceriam seus feitos no Oriente se lá fossem os Portuguezes, era inimigo delles.

(170) *Ulysses,* rei de Ithaca, notavel pela prudencia de que era dotado; voltando de Troia para a sua patria depois de muitos trabalhos, um naufragio submergiu o navio em que vinha e todos os companheiros morreram, escapando elle sómente; acolheu-se á ilha de Ogygia no mar Jonio, onde reinava Calypso, que o reteve septe annos, offerecendo-lhe a immortalidade se a desposasse, o que o heroe grego recusou.

(171) *Antenor,* um dos principaes Troianos que entregaram por traição Troia aos Gregos; depois da destruição de Troia acolheu-se a Italia, e edificou no territorio de Veneza uma cidade que se chamou Antenoria, hoje Padua. *Illyricos,* da Illyria, região na costa do mar Adriatico. *Timavo,* rio de Veneza.

(172) *Eneas,* Principe troiano, depois da destruição de Troia

embarcou com seu pae Anchises, seu filho Ascanio, e com os Troianos que escaparam, levando comsigo os deuses Penates; depois de muitos trabalhos chegou ao Lacio, e casou com Lavinia filha do rei Latino, a quem depois succedeu.

Scylla, voragem na costa meridional da Italia. Segundo a fabula era um rochedo no mar da Sicilia em que Circe transformou uma nympha a pedido de Glaucus, deus marinho, por ella ser insensivel ao seu amor. Tinha a fórma de mulher com a cabeça e meio corpo fóra da agua; saíam-lhe da cintura seis cabeças de cães, os quaes com seus uivos aterravam os navegantes.

Charybdis. Celebre voragem no estreito de Messina ao nordeste da costa da Sicilia, ao sudoeste de Scylla. Conta a fabula que Charybdis era uma siciliana que furtou dois bois a Hercules, e por isso Jupiter a fulminou e transformou n'aquella voragem.

(173) Barros e Castanheda contam que perto da costa da India uma noite tremeu o mar muito rijo e por bom espaço.

(174) Moçambique.

(175) Barros e Osorio contam que depois de uma batalha naval dada contra os Mouros por Affonso de Albuquerque, se acharam muitos cadaveres dos infieis atravessados com suas proprias frechas, quando os Portuguezes nem uma só tinham despedido.

(176) *Cananor*, reino da India na costa do Malabar. *Calecut*, cidade do Malabar, a mais rica de toda a India. *Cochim*, reino na costa do Malabar a 30 leguas de Calecut.

(177) Duarte Pacheco.

(178) *Leucate*, promontorio no Epiro, hoje Albania.

Accias guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio no cabo Figalo, que os antigos chamavam Actio.

O capitão romano é Marco Antonio.

Bactra Scythico. Bactra, capital da Bactriana, provincia da Persia.

A Egypcia é Cleopatra.

(179) *Aurea-Chersoneso*, Malaca.

(180) *Gangetico*, do Ganges, rio do Indostão. *Gaditano*, de Gades ou Cadiz.

(181) Fernão de Magalhães militou na Asia e na Africa com distincção. Apesar dos seus serviços descaíu da graça de El-Rei D. Manuel, que lhe recusou um augmento em sua moradia, e por este motivo retirou-se para Hespanha e entrou em 1517 ao serviço de Carlos V. Em 1520 descobriu o estreito que tomou o seu nome, e que fica entre a America Meridional e a Terra do Fogo.

(182) *Marte,* Deus da guerra, toma-se pela mesma guerra.

(183) Allude á batalha de Valdevez, na qual D. Affonso Henriques, ainda Infante, derrotou tão completamente o exercito castelhano, que a planicie onde ella foi dada cognominou-se Campo da Matança: n'ella ficou ferido o rei de Castella, e foram prisionetros septe officiaes generaes intitulados condes.

(184) *Adão,* nosso primeiro pae.

(185) Allude á tristeza de Jesus Christo no horto das oliveiras.

(186) *De Mafoma,* nascido na Arabia.

(187) *O filho de Japeto.* Prometheu, que segundo a fabula roubou do Ceo o fogo e com elle animou a estatua que formára de barro, de que resultaram discordias e guerras.

(188) *Phaetonte,* filho do Sol e de Clymene. Epaphus negou que elle fosse filho de Apollo. Phaetonte para o provar pediu a seu pae que o deixasse guiar o carro do sol só um dia. Apollo, ligado pelo juramento que deu de não lhe recusar cousa alguma para prova da sua paternidade, concedeu a graça pedida. Phaetonte, dirigindo mal o carro do sol a ponto de abrasar a terra e fazer seccar as aguas, foi fulminado por um raio mandado por Jupiter e lançado no rio Eridano, hoje Pó. Phaetonte deu o nome ao rio, porque tambem era chamado Eridano.

O grande architector é Dedalo, que construiu o labyrintho de Creta, onde foi encerrado com Icaro seu filho por ordem de Minos. Dedalo para se escapar com seu companheiro fez umas azas de pennas de aves unidas com cera, com as quaes fenderam os ares. Dedalo chegou a são e salvo a Cumas na Italia. Icaro, esquecendo-se das instrucções de seu pae, elevou-se muito, o calor do Sol derreteu a cera, e o fez caír no mar Egeu, onde morreu afogado. O mar Egeu por isto se chamou Icario.

(189) *Semiramis,* rainha da Assyria, conta-se que fôra criada por pombas.

(190) Romulo e Remo amamentados por uma loba.

(191) Africa.

(192) *Polyxena,* formosa princeza, filha de Priamo, ultimo rei de Troia. Foi sacrificada sobre o tumulo de Achilles por Pyrrho filho d'este heroe grego. *Mãe velha,* Hecuba, esposa de Priamo.

(193) *Thyestes,* rei de Mycenas, filho de Pelops e de Hippodamia e irmão de Atreu, commetteu incesto com Erope, mulher d'este. Atreu para se vingar cortou em pedaços os filhos nascidos d'aquella incestuosa união e deu-os a comer a Thyestes em um banquete. Diz a fabula que n'esse dia o sol horrorisado se escondera.

(194) Allude á fonte dos amores, que ainda hoje existe em Coimbra na quinta das Lagrimas, jardim do palacio em que viveu D. Ignez de Castro.

(195) Estatua de Apollo de enorme grandeza.

(196) A armada de Pedro Alvares Cabral, que de treze navios que a compunham lhe sossobraram quatro, sem d'elles escapar ninguem com vida, em uma tempestade, que o assaltou n'estas alturas.

(197) Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança, commandava uma das quatro embarcações de Pedro Alvares Cabral, que sossobraram.

(198) D. Francisco de Almeida, 1.º Vice-Rei da India, foi morto junto á bahia do Saldanha em uma briga entre os indigenas e os da sua companha.

(199) Manuel de Sousa de Sepulveda e sua esposa D. Leonor de Sá, que naufragaram e morreram com seus filhos na Cafraria.

(200) *Cabo das Tormentas,* nome que por D. João II foi mudado no de Boa Esperança.

(201) *Geographos distinctos,* Ptolomeu e Estrabo eram gregos, Pomponio Mela era romano. *Plinio,* celebre naturalista romano.

(202) Gigantes que quizeram escalar o Ceo pondo montanhas sobre montanhas na guerra, que fizeram a Jupiter para o derribar do throno.

(203) Jupiter.

(204) *Thetis,* filha de Nereo e de Doris. Era a mais bella das Nereides. Casou com Peleo e foi mãe de Achilles.

(205) *Nereo,* Deus marinho, mais antigo do que Neptuno. Casou com Doris de quem teve cincoenta filhas chamadas Nereidas.

(206) *Tethys,* toma-se pelo mar de que Tethys, mulher de Oceano, era rainha.

(207) *Erinnys,* uma furia.

(208) Sogro de D. João I e irmão de D. Duarte, Rei de Inglaterra.

(209) Allude ao casamento de D. João I com D. Filippa de Alencastre.

(210) De Hespanha.

(211) Cidade do Porto.

(212) Alvaro Gonçalves Coutinho, filho de Gonçalo Vaz Coutinho, primeiro marechal de Portugal e irmão do primeiro conde de Marialva.

(213) *Bruges,* uma das mais florescentes cidades do norte da Europa no tempo de Filippe o bom, duque de Borgonha e conde de Flandres, casado com a infante D. Izabel, filha de D. João I.

(214) *Rio da Bactriana,* região da Asia, hoje Gihon ou Djeihoun na Tartaria independente.

(215) Helle, filha de Athamas e de Nephelé, fugindo com seu irmão Phryxus para Colchos por causa do odio, que lhe tinha a

madrasta, confiou-se ás ondas sobre um carneiro com tosão de oiro; assustou-se e affogou-se no estreito, que teve o nome de Hellesponto.

(216) *Artábro.* Promontorio ou cabo de Finisterra.

(217) As primeiras edições tem differente lição do verso 4.º e é a seguinte:

É maior muitas vezes que o perigo.

A edição de Hamburgo de 1834 e a da Bibliotheca Portugueza de 1852 tem a lição do nosso texto.

Diz uma nota da edição de Hamburgo que os combatentes sem perderem o animo apenas mudaram de côr, mas sem sombra de medo, e por isso era contraditorio dizer que nos perigos grandes o temor é maior que o perigo, e até pela rasão que o poeta dá depois, porque o furor dos soldados lhes faz ter em pouco as vidas, por isso que n'elles póde mais o furor do que o temor, e então necessariamente o temor era menor que o perigo.

F. F. de Carvalho adopta a lição das edições antigas, que se póde entender mais facilmente, adoptando da edição de Lisboa de 1651 por Paulo de Craesbeck a seguinte lição do verso 5.º

E se o não é, parece que o furor.

Veja-se a nota a esta estancia na edição da Bibliotheca Portugueza.

(218) *Fero Nuno.* O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(219) Julio Cesar e Pompeo, cognominado Magno, que se lê Manho por causa da rima.

(220) *Sertorio,* capitão romano, seguiu o partido de Mario, e quando Scylla tomou Roma, refugiou-se em Hespanha. Formou em Evora uma republica á imitação de Roma. Commandou os Lusitanos contra os Romanos. Foi assassinado por Perpenna, um dos seus officiaes. *Coriolano,* Caio Marcio, General romano, cognominado Coriolano por haver tomado aos Volscos a cidade de Coriolos. Tomou depois armas contra Roma, causando-lhe immensos estragos. *Catilina,* cidadão romano, de costumes estragados, que tendo tramado a ruina de Roma, e sendo descoberto por Cicero o seu plano, morreu combatendo contra a patria.

(221) *Sumano,* Plutão, seu reino o inferno.

(222) *Ceita e Tetuão,* cidades da Barbaria.

(223) *Massylia,* paiz da Africa, que corresponde em parte a Numidia, hoje Darhá.

(224) Os montes Sete-Irmãos foram assim chamados pelos Portuguezes por apresentarem todos o mesmo aspecto.

(225) *Estygio.* Um dos rios do inferno.

(226) *Trifauce cão.* Cerbero, cão com tres cabeças, que guardava a porta do inferno.

(227) *Noto, Austro, Boreas, Aquilo.* Nomes dos ventos.

(228) Os maçaricos, que quando cantam annunciam tempestade, segundo se diz. Halcyone, filha de Eolo, sabendo que Ceix, seu marido, naufragára, chorosa lançou-se ao mar, e foi convertida na ave do seu nome.

(229) *Vulcano,* que forjou as armas para Eneas, filho de Venus.

(230) Jupiter irritado contra a impiedade dos homens resolveu destruir a raça humana por meio de um diluvio. Deucalião, Rei de Thessalia, por ser o mais justo dos homens, e Pyrrha sua mulher por ser a mais virtuosa do seu sexo, foram exceptuados e salvaram-se em uma barca que parou no monte Parnaso. Retiradas as aguas Deucalião e Pyrrha consultaram a deusa Themis que lhes disse: «que arremeçassem para traz de si os ossos de sua mãe». Deucalião entendeu que o oraculo se referia á terra, mãe commum, e lançou pedras para trás das costas. As de Deucalião transformaram-se em homens, as de Pyrrha em mulheres.

(231) *Daphne.* Nympha, cujos cabellos eram louros.

(232) Os alamos eram consagrados a Hercules, tambem chamado Alcides. *Louro Deus,* Apollo. *Cytherea,* Venus, nome tirado da ilha de Cythera, perto da qual Venus nasceu, e onde era adorada. *Cybele,* deusa da terra, que não sendo correspondida pelo mancebo Atys, o converteu em pinheiro. *Cypariso,* mancebo muito estimado de Apollo, tendo morto um veado que aquelle deus tinha em grande apreço, teve por isto tal magoa que pediu aos deuses que lhe tirassem a vida. Apollo não podendo consolal-o converteu-o em cypreste.

(233) *Pomona.* Deusa dos vergeis.

(234) Piramo e Thisbe amavam-se mutuamente, mas seus paes oppunham-se á sua união. Ajustaram encontrar-se debaixo de uma amoreira branca. Thisbe chegou primeiro; deixando caír o véu, uma leôa lh'o despedaçou. Piramo encontrando o véu tinto de sangue e julgando que Thisbe fora devorada, matou-se. Thisbe vendo Piramo morto varou-se com o mesmo ferro. Os fructos da amoreira que até ali eram brancos, ficaram negros.

(235) O pecego, que segundo a opinião vulgar, é venenoso na Persia.

(236) As peras eram tão doces e saborosas que os passaros as comiam; e tantas e tamanhas que grande beneficio é para ellas que os mesmos passaros com os bicos lhes diminuam o peso.
Faria e Sousa julgou que o poeta fallava aqui por ironia (nota da edição de Hamburgo).

(237) *Achemenia.* Persia, onde reinou Achemenes.
Flor Cephisia. Narciso em que foi convertido um moço chamado Cephiso.

(238) A anémona em que foi convertido Adonis, havido por Cinyras, rei de Chypre, de sua filha Myrrha. Venus amou-o extremosamente, e converteu-o em flor, sendo morto por um javali em uma caçada. *Deusa Paphia,* Venus, de Paphos, cidade na ilha de Chypre, consagrada a esta deusa.

(239) *Zephyro,* viração branda. *Flóra,* deusa da primavera, esposa de Zephyro, que lhe deu o imperio das flores e conservou-lhe a sua primitiva mocidade. Os gregos chamavam-lhe Chloris.

(240) Cecem, o mesmo que assucena. *Flores Hyacinthinas.* O jacintho em que foi transformado Hyacintho, moço muito estimado de Apollo. N'esta flor vêem-se como escriptas as letras «a i». *Filho de Latona.* Apollo. *Chloris.* Veja-se nota 239.

(241) *Tam forte inimigo.* O primeiro conde de Castanheira D. Antonio de Ataíde, grande valido de D. João III.

(242) D. João de Castro.

(243) Convento de Belem.

(244) *Campello,* celebre pintor portuguez.

(245) *Molles do Egypto.* As pyramides perto da antiga Memphis.

(246) Mr. Raynouard na sua ode a Camões.

(247) O captiveiro castelhano de sessenta annos.

(248) Os Hollandezes, que no tempo do dominio dos Hespanhoes se apoderaram da maior parte das nossas conquistas da America e Oceania.

ROMANCE

(249) O duque de Alba commandava o exercito de Filippe II de Hespanha que invadiu Portugal, e derrotou o pequeno exercito de D. Antonio Prior do Crato, juncto da ponte de Alcantara.

POEMA HEROI-COMICO

(250) José Carlos de Lara, Deão da Sé de Elvas, costumava offerecer á porta da casa do Cabido o hyssope ao Bispo D. Lourenço de Lancastre sempre que este Prelado vinha á cathedral. O Deão depois mudou de systema, o que o Bispo tomou como uma grande affronta, e por isso alcançou do Cabido um accordão que obrigava o Deão a não o esbulhar da pretendida posse em que se achava. O Deão appellou do accordão para a metropole, mas não teve provimento no seu recurso.

(251) *Thalia,* musa que preside á comedia.

(252) Proferido o accordão o Deão vai procurar o Guardião dos capuchos para perante elle interpor o recurso de appellação, emquanto espera na cêrca conversa com o Padre-mestre.

(253) *Boticudos,* povos selvagens do Brazil.

(254) *Scoto,* João Duns Scot, franciscano, nasceu na Escossia, celebre philosopho e theologo, floresceu no principio do seculo XIV. *Baconios,* Rodrigo Bacon, tambem franciscano, nasceu em 1214 em Inglaterra, estudou todas as sciencias do seu tempo, principalmente a physica; attribue-se-lhe a invenção da pol-

vora e de varios productos chymicos. *Raymundo Lullo,* nasceu em Palma na ilha de Maiorca em 1235, tomou o habito de S. Francisco tendo trinta annos. Escreveu muitas obras em estylo cabalistico.

(255) Povoações de Africa.

(256) *Phrygio,* troiano. *Xantho,* rio da Troade.

(257) Nas bodas de Thetis e Peleu a Discordia lançou um pomo de oiro com este letreiro: «á mais bella». Juno, Pallas e Venus disputaram-no. Jupiter escolheu Páris para decidir a contenda.

(258) *Ulysses,* veja-se a nota 170.

(259) *Neptunina Troia,* segundo a fabula as muralhas de Troia foram levantadas por Apollo e Neptuno. *Nestor,* segundo Homero, viveu tres edades do homem, foi celebre pela sua eloquencia e sabedoria.

(260) *Ilion,* Troia.

GENERO DRAMATICO

(261) Marco Porcio Catão desde os seus mais tenros annos mostrou uma firmeza e um valor extraordinarios. Votou contra a concessão do commando das Gallias por cinco annos a Cesar. Seguiu o partido de Pompeu, e depois da batalha de Pharsalia ganha por Cesar retirou-se para a Africa, onde Q. Metello Scipião com algumas tropas se preparava para resistir a Cesar. Este General foi derrotado, e Catão com alguns dos seus partidarios e com os restos do exercito de Pompeu vencido em Pharsalia encerrou-se em Utica; vendo perdidas todas as esperanças para o partido republicano, atravessou-se com a propria espada.

(262) Album do Pretor era uma especie de edital em que, no principio da sua magistratura, annunciava o novo eleito o modo por que havia de proceder ao julgamento das causas da sua competencia.

Os decemviros foram dez magistrados escolhidos pelos comicios na ordem dos Senadores no anno 303 de Roma para redigirem as leis civis da republica. Foi-lhes conferido um poder

absoluto por espaço de um anno. N'este intervallo governaram a republica e redigiram dez tábuas de leis, que depois de expostas na praça publica, foram confirmadas nos comicios por centurias.

No anno seguinte foram eleitos nove decemviros novos e publicaram mais duas tábuas, que formaram com as primeiras dez, as leis das doze tábuas.

(263) Mario á testa da facção popular e Sylla á testa da facção aristocratica disputaram de tyrannia, de atrocidades e de crimes, dominando ora um, ora outro em Roma.

(264) *C. Marcio Coriolano,* appellidado assim por haver tomado aos Volscos a cidade de Coriolos, foi banido por sentença do povo por impugnar a lei agraria na occasião em que Gelo, rei da Sicilia, mandára trigo de presente aos Romanos. Coriolano refugiou-se entre os Volscos e veiu com elles sobre Roma, onde não entrou a rogos da mãe e da mulher.

Tiberio e Caio Gracho, ambos tribunos, eloquentes oradores e propugnadores dos principios democraticos. Tiberio quiz restaurar a lei agraria, que mandava distribuir pelo povo as terras conquistadas aos inimigos; foi assassinado por Nazica em pleno foro. Caio tambem foi assassinado treze annos depois.

(265) Veja-se a nota 263.

(266) *Proconsul,* magistrado romano que exercia as funcções de consul em certas provincias —*peculadores,* que commettiam o crime de peculato, isto é, desvio dos dinheiros publicos.

Tribunos, os tribunos da plebe foram creados no anno 261 de Roma depois da retirada do povo para o Monte-Sacro. Foram dois ao principio, tinham *veto* nos decretos do Senado, convocavam os comicios, e julgavam os crimes publicos em muitos casos. Mais tarde crearam-se outros tribunos.

Questura, os questores recebiam as rendas publicas e faziam os pagamentos. *Sestercio,* moeda romana valendo approximadamente 20 réis. *Drachma,* moeda grega de prata.

Pretor, magistrado romano, creado no tempo da republica; tinha a jurisdicção ou o poder de julgar. Na ausencia dos Consules fazia as suas vezes em Roma.

(267) Appio Claudio foi um dos decemviros, que a titulo de estarem redigindo as leis das doze tábuas, exerceram tres annos os poderes supremos do estado com insupportavel tyrannia.

Appio Claudio tentou violar Virginia, que Virginio seu pae matou para lhe salvar a honra. O povo e as tropas sublevaram-se e o decemvirato foi abolido. Appio Claudio foi preso e matou-se na prisão.

(268) *Platão*, discipulo de Socrates, deu todas as suas obras como reflexo das lições do mestre. Catão antes de se ferir leu o Phedon de Platão, dialogo em que este philosopho trata da immortalidade da alma.

(269) Narração da morte de Hypolito. Hypolito era filho de Theseu e de Antiope. Phedra, sua madrasta, accusou-o de um crime de que estava innocente. Theseu acreditou a accusação, e fortemente irritado pediu a Neptuno que punisse o supposto criminoso. Neptuno mandou saír ao encontro de Hypolito um monstro marinho que lhe causou a morte.

(270) N'esta comedia Garção expõe os seus principios sobre a arte dramatica, e critica o mau gosto do theatro nacional.

(271) *Metastasio*, auctor dramatico italiano; viveu nos fins do seculo XVII e principio do XVIII, compoz grande numero de tragedias e operas muito estimadas no seu tempo.

(272) *Goldoni*, nasceu em Veneza em 1707. É considerado como o primeiro auctor comico de Italia.

(273) *Ascanio*, filho de Eneas e de Creusa. *Phrygia*, troiana. *Turno*, Rei dos Rutulos, pretendente á mão de Lavinia, filha de Latino, rei do Lacio.

(274) Comedias do advogado Antonio José da Silva, o Judeu, celebre poeta comico. Este auctor morreu queimado no auto de fé de 19 de Outubro de 1739, condemnado pela inquisição por judaismo.

(275) *Paulistas*, da provincia de S. Paulo do Brazil. *Congonha*, planta aromatica da America do Sul; faz-se d'ella uma bebida e agua de cheiro.

(276) *D. Pedro Calderon de la Barca*, celebre poeta dramatico hespanhol do seculo XVII.

Augusto Moreto y Cabana, poeta comico hespanhol contemporaneo de Calderon.

Candamo e *Salazar*, poetas comicos hespanhoes, que viveram nos fins do seculo XVII e principios do XVIII.

(277) *Sophocles* e *Euripedes*, celebres poetas tragicos gregos. *Terencio*, poeta comico latino notavel.

(278) N'esta comedia Garção ridiculisa o luxo na indigencia, censurando aquelles que, sem terem meios, querem ostentar riqueza e fazer o mesmo que fazem os favorecidos da fortuna.

(279) *Golilha*, cabeção com volta engommada.
Pantufos, calçado antigo, que por solas tinha assento de cortiça.

(280) *Amazonas*, mulheres guerreiras da Asia.

(281) *Tapuias*, gentios do Brazil.

(282) O assumpto do auto de Mofina Mendes é o mesmo que Lafontaine tratou na fabula «a leiteira e a bilha de leite».
Payo Vaz, amo de Mofina Mendes, depois de grandes perdas occasionadas pelos esquecimentos e faltas de cuidado d'esta malaventurada serva, toma emfim o expediente de a despedir.

(283) *Hu*, onde. *Pascigo*, logar onde pastam gados. *Samicas*, talvez.

(284) *Zorra*, especie de raposa.

(285) *Trigosa*, apressada.

(286) *Pegureira*, guardadora de gado.

(287) *Brial*, vestido antigo de seda ou tela rica, atado pela cintura; descia até aos pés.

APPENDICE

(288) *Silo* era o capitão romano. *Scylla* veja-se nota 172.

(289) *Theseo* livrou os Athenienses do tributo odioso de seis moços e seis raparigas que pagavam todos os annos a Minos, Rei de Creta, para sustentar o Minotauro, monstro metade homem e metade touro. *Labyrintho*, era um edificio com divisões

tão complicadas e voltas tão inextricaveis, que era quasi impossivel achar-lhe a saída; foi construido por Dedalo que foi n'elle encerrado com seu filho Icaro e o Minotauro. Ariadna, filha de Minos, apaixonada por Theseo, deu-lhe um novello, ajudado do qual pôde achar a saída do labyrintho depois de ter morto o Minotauro. Veja nota 188.

(290) *Lucrecia,* mulher de Tarquinio Collatino, sendo violada por Sexto, filho de Tarquinio Suberbo, apunhalou-se pedindo vingança.

Helena, mulher de Menelau, rei de Sparta, foi raptada por Paris, principe troiano.

Carpentania na Hespanha Tarraconense sobre o Tejo e o Jarama.

Illião, Troia. *Ghomorra,* cidade da Palestina, abrasada pelo fogo celeste em castigo das abominações n'ella commettidas.

(291) O sol, segundo o systema de Ptolomeu.

(292) *Marte,* conforme o mesmo systema.

(293) *Sino,* signo. A eclitica, que indica o curso annual do sol, divide-se em 12 partes, que se chamam signos, e correspondem a 12 constellações. O sol parece descrever tres signos em cada estação.

(294) *Apollo,* Deus do sol, amou extremamente Daphne filha do rei Peneu, a qual era insensivel ao seu amor. Daphne para escapar ás perseguições de Apollo foi transformada em loureiro. *Jacintho,* Hyacintho, muito estimado por Apollo, foi transformado em flor depois de morto. Jacintho tambem é uma pedra preciosa.

(295) *Libra.* Balança, signo que o sol descreve no outono no mez de setembro.

(296) *Cresso,* ultimo Rei da Lydia, celebre pelas riquezas. *Midas,* Rei de parte da Phrygia, recebeu nos seus estados Baccho, e este prometteu conceder-lhe o que elle lhe pedisse. Midas pediu-lhe que se transformasse em oiro tudo em que elle tocasse, o que lhe foi concedido, transformando-se-lhe em oiro até os mesmos alimentos. Baccho para o livrar de tão funesta concessão mandou-o banhar no Pactolo, que desde então trouxe oiro nas suas aguas.

(297) Montemór o Velho.

(298) *Lyra Meonia,* lyra de Homero, chamado Meonides, ou por ter nascido em Meonia (Lydia), ou por ser filho de Meon. *Pae de Phaetonte,* filho de Apollo e Clymene.

(299) Hyppocrene, fonte na Beocia; corria do monte Helicon, e as suas aguas davam a inspiração poetica.

(300) *Ausonia,* Italia. *Acheronte,* rio do inferno.

(301) *Olympo,* monte da Grecia, que, segundo a mythologia, tocava no Ceo; n'elle habitavam os deuses.

(302) Refere-se a uma collecção de poesias de D. Marianna de Luna, que saíu á luz em Coimbra.

CATALOGO

Dos Poetas citados n'esta obra, escholas a que pertenceram, tempo em que viveram

---

ESCHOLA DOS TROVADORES

Desde os tempos anteriores á fundação da monarchia até ao principio do seculo XVI

«Linguagem barbara, irregular, inintelligivel ás vezes, rudez de pensamentos, algumas vezes energia ou graça, nenhum conhecimento da arte, versificação dura, formam o character da eschola dos Trovadores,»

Ensaio biographico critico sobre os melhores Poetas portuguezes por José Maria da Costa e Silva, Livro 1.º, Cap. 1.º

ESCHOLA ITALIANA

Desde os principios do seculo XVI até principios do XVII

«Linguagem pictoresca, e formosa, chêa de phrazes energicas, mas descaindo a miudo no trivial e no prosaismo, idéas platonicas, imitações do estylo classico dos Gregos e Romanos; mais juizo que imaginação, e metros adoptados de Italia, distinguem das outras a eschola italiana.»

Ibidem.

Antonio Ferreira (1528-1569). Pag. 38 e 243.
Diogo Bernardes (1535-1605). Pag. 103.
Francisco Rodrigues Lobo (1568-1625?). Pag. 80 e 151.
Francisco de Sá Miranda (1495-1558). Pag. 26.
Luiz de Camões (1524-1579). Pag. 95, 100, 145 e 173.
Pedro de Andrade Caminha (1520-1589?). Pag. 43.

ESCHOLA HESPANHOLA

Desde o principio do seculo XVII até ao meado do seculo XVIII

«Muito ingenho, originalidade, agudeza demaziada de pensamentos, estylo methaphysico, profusão de tropos, expressões hyperbolicas, clausulas affectadamente symetricas, allusões a usos populares, progresso mui sensivel na perfeição do metro, que nos escriptores desta eschola é mais corrente, mais variado, e harmonioso, formam o character da eschola hespanhola.»

Ibidem.

Braz Garcia de Mascarenhas (1596-1656). Pag. 281.
Jeronimo Bahia (1620-1688). Pag. 283.
Manuel de Faria e Sousa (1590-1649). Pag. 288.
Violante do Ceo (1601-1693). Pag. 288.

ESCHOLA LATINA OU DA ARCADIA

Do meado do seculo XVIII até ao principio do XIX

«A eschola latina ou arcadica recommenda-se pela linguagem quinhentista, pela formação de novos vocabulos e compostos, pelo arrojo das idéas philosophicas e viveza e profuzão das imagens, a erudição, e a imaginação regulada pela razão, e a constante imitação da natureza, pela poesia descriptiva, e uma versificação variada e musical.»

Ibidem.

ESCHOLA FRANCEZA

Do principio do seculo XVIII até ao actual

«Linguagem moderna, mas pura, pouca erudição, pouca imaginação, e menos invenção ainda, elegancia continua, estylo claro e simples, e optima versificação, eis-aqui as prendas mais notaveis dos Poetas da eschola franceza.»

Ibidem.

POETAS DO SECULO XIX

Filintistas e Elmanistas — Classicos e Romanticos

Os elmanistas seguiram a eschola franceza, os filintistas a da Arcadia.

O Visconde de Almeida Garrett póde considerar-se como o fundador da eschola romantica em Portugal, a qual começou em 1826, e tem sido seguida pela maior parte dos escriptores modernos.

A eschola classica, imitando os Gregos e Romanos, é severa nas fórmas, elegante, mas desanimada, a romantica é original e nacional, e se é menos correcta do que a classica tem em compensação mais naturalidade, vida e paixão.

Nicoláu Tolentino de Almeida (1741-1811). Pag. 47.
Sebastião Francisco Mendo Trigoso (1773-1821). Pag. 257.
José Agostinho de Macedo (1761-1831). Pag. 58 e 116.
José Maria da Costa e Silva (1788-1854). Pag. 54.
Visconde de Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854). Pag. 209 e 251.
Antonio Augusto Soares de Passos (1826-1860). Pag. 164.
Sr. Alexandre Herculano. Pag. 156.
Sr. Antonio Feliciano de Castilho. Pag. 167, 169, 170 e 227.
Sr. Thomás Ribeiro. Pag. 220.

N. B. Sobre o character de cada uma das Escholas podem ser consultados o Ensaio Critico e Biographico sobre os Poetas Portuguezes por José Maria da Costa e Silva, e o Bosquejo da Historia da Poesia Portugueza pelo Visconde d'Almeida Garrett no Parnaso Lusitano, e sobre o tempo em que viveram os Poetas citados e sobre as melhores edições das suas obras o utilissimo Diccionario Bibliographico do Sr. Innocencio Francisco da Silva, livros de que me servi com grande proveito para me guiarem na escolha das poesias que vão n'esta selecta.

INDICE